

DANIELLE STEEL

Autora de O beijo e O chalé



PÔR-DO-SOL EM SAINT TROPEZ





OUTRAS OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA RECORD

Acidente
Agora e sempre
A águia solitária
Álbum de família
Um amor conquistado
Amar de novo
Amor sem igual
O anel de noivado
Ânsia de viver
O apelo do amor
Asas
O beijo
O brilho da estrela
O brilho de sua luz
Caleidoscópio
Casa forte
A casa na rua Esperança
O casamento
O chalé
Cinco dias em Paris
Desaparecido
Um desconhecido
Desencontros
Doces momentos
Entrega especial
O fantasma
Final de verão
Forças irresistíveis

Galope de amor
Honra silenciosa
Imagem no espelho
Jóias
A jornada
Klone e eu
Um longo caminho para casa
Maldade
Meio amargo
Mensagem de Saigon
Mergulho no escuro
Momentos de paixão
Um mundo que mudou
Passageiros da ilusão
Preces atendidas
O preço do amor
O presente
O rancho
Recomeços
Relembração
O segredo de uma promessa
Segredos de amor
Segredos do passado
Tudo pela vida
Uma só vez na vida
Vale a pena viver
A ventura de amar
Zoya

DANIELLE STEEL

PÔR-DO-SOL EM SAINT TROPEZ

Tradução de
NAUMIM AIZEN

3ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2009

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S826p

Steel, Danielle

Pôr-do-sol em Saint-Tropez [recurso eletrônico] / Danielle Steel ; tradução Naumim Aizen. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2015.

recurso digital

Tradução de: Sunset in Saint-Tropez

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10679-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Aizen, Naumim. II. Título.

15-27253

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano

SUNSET IN SAINT-TROPEZ

Copyright © 2002 by Danielle Steel

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000 que se reserva a propriedade
literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10679-7

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para os Seis Grandes:
Jerry e David,
Knud e Kirsten,
Beverly e John,
por estarem sempre ao meu lado,
em tempos bons, em tempos ruins
e em tempos incríveis,
amigos queridos
de meu coração.

com todo meu amor.

d.s.

Capítulo 1

Diana Morrison acendeu as velas na mesa posta para seis pessoas, na sala de jantar. O apartamento era grande e elegante, com vista para o Central Park. Diana e Eric viviam ali há 19 dos 32 anos de casamento, e na maior parte desse tempo as duas filhas moraram ali com eles. Ambas as meninas mudaram-se dali havia poucos anos: Samantha para um apartamento próprio, ao formar-se em Brown; Katherine, quando se casara cinco anos antes. Eram meninas boas, inteligentes, carinhosas e divertidas, e, apesar das esperadas discussões adolescentes, Diana se dava muitíssimo bem com elas, e, agora que haviam crescido, sentia saudades.

No entanto, Diana e Eric gostavam de ficar sozinhos. Aos 55 anos, ela ainda era bonita, e Eric, sempre carinhoso, conservava vivo o amor entre eles. Ele, no trabalho, ouvira contar muitas histórias, que o faziam entender o que as mulheres precisavam dos homens. Aos sessenta anos, era elegante e jovial; um ano antes conversara com Diana para que fizesse cirurgia plástica nos olhos. Tinha certeza de que, se o fizesse, ela se sentiria melhor. E, agora, ao vê-la arrumar a mesa para a véspera de Ano-Novo, à luz das velas Diana estava lindíssima. A pequena cirurgia estética que fizera lhe tirara dez anos da idade.

Diana, anos antes, deixara os cabelos, que brilhavam como neve recente, embranquecer, ressaltando os pormenores delicados e seus grandes olhos azuis. Eric sempre lhe dissera que estava tão atraente como quando se conheceram.

Fora enfermeira no centro médico Columbia-Presbyterian: ele, residente de obstetrícia. Casaram-se seis meses depois, e, desde então, estavam juntos. Diana parara de trabalhar ao engravidar de Katherine, e, depois disso, ficara em casa, ocupada com as meninas; compreendia que Eric se levantasse noite após noite, para fazer o parto de bebês. Ele adorava o trabalho, e Diana se sentia orgulhosa dele.

Eric tinha uma das mais bem-sucedidas clínicas de ginecologia e obstetrícia de Nova York e não estava cansado da especialidade, apesar de dois sócios terem se aposentado no ano anterior. Eric não se incomodava com horário, e Diana se acostumara a isso. Também não se preocupava quando ele saía no meio da noite, ou tinha de cancelar jantares no último minuto. Viviam assim havia mais de trinta anos. Ele, que trabalhava nos feriados e fins de semana, realmente adorava o que fazia. Estivera ao lado da filha, Katherine, quando os netos nasceram.

De muitos modos, o casal formava uma família perfeita, a vida fora boa para eles. Tinham uma existência sossegada, realizada e um casamento estável. Agora que as filhas cresceram, Diana se ocupava com um trabalho voluntário em Sloan-Ketterring, e organizava angariação de fundos para pesquisa. Depois que as filhas cresceram, não tinha vontade de voltar a ser enfermeira, e sabia que isso seria por longo tempo. Além do mais, agora, tinha outros interesses, a vida se desenvolvera aos trancos e barrancos ao seu redor. O trabalho de beneficência, o tempo passado com Eric, os muitos interesses, as viagens e os dois netos lhe preenchiam os dias.

Estava na sala de jantar. Ao ouvir Eric entrar no *living*, os olhares se encontraram e sorriram. O vínculo entre eles era forte; a solidez do casamento, excelente.

— Boa noite, Sra. Morrison... parece inacreditável.

Os olhos diziam isso antes das palavras. Era sempre fácil ver e saber o quanto ele a amava. Tinha um rosto bonito, de menino, com feições fortes, queixo quadrado, olhos com o mesmo azul brilhante dos dela, e os cabelos iam sem esforço do louro-areia ao acinzentado. Parecia especialmente bonito de *smoking*, estava em boa forma, tinha boa aparência, a mesma cintura estreita e os ombros largos de quando haviam se casado. Pedalava em sua bicicleta aos domingos de tarde e, nos fins de semana, quando não era solicitado, jogava tênis. Não importava se estivesse cansado, todas as noites depois que saía do consultório, jogava *squash* ou nadava. Os dois aparentavam pessoas de meia-idade atraentes e saudáveis.

— Feliz Ano-Novo, amor — acrescentou ele.

Estavam abraçados, ele beijando-a.

— A que horas eles vão chegar?

“Eles” referia-se aos dois casais, seus companheiros preferidos e melhores amigos.

— Às oito — respondeu Diana.

Ela verificava o champanhe gelando no balde de prata, e ele se servia de martíni.

— Ou pelo menos Robert e Anne vêm a essa hora. Pascale e John devem chegar um pouco antes da meia-noite.

Eric riu enquanto colocava uma azeitona a mais no cálice, olhando Diana de esguelha.

Eric e John Donnaly haviam freqüentado juntos Harvard, desde então eram amigos, apesar de muito diferentes, tanto quanto a noite e o dia. Eric era alto e magro, calmo, liberal e generoso de espírito. Amava as mulheres e, como fazia todos os dias na clínica, poderia passar horas conversando com elas. John era atarracado, vigoroso, irritável, intratável, vivia implicando com a mulher e parecia ter um olhar vago. Na verdade, John amava a mulher, embora preferisse

morrer a admiti-lo publicamente, mesmo entre os amigos mais íntimos. Ouvir John e Pascale conversarem era como ouvir uma série de rápidas explosões. Pascale era tão explosiva como John e oito anos mais jovem que Diana. Francesa, dançava no New York City Ballet quando John a conhecera. Tinha 22 anos quando se conheceram, e 25 anos depois, pequenina e graciosa como então, tinha grandes olhos verdes, cabelos castanho-escuros e era uma pessoa incrível. Nos últimos dez anos, nas horas vagas, era professora de balé. Havia apenas duas coisas óbvias, em que Pascale e John eram muito parecidos — nem um nem outro nunca fora pontual — e ambos tinham temperamentos difíceis e, durante horas sem fim, adoravam discutir. Havia transformado a arte de discutir em esporte olímpico.

Os últimos convidados da véspera de Ano-Novo de Eric e Diana eram Robert e Anne Smith. Havia conhecido os Morrison trinta anos antes, quando Eric fez o parto do primeiro bebê de Anne, e sua amizade nasceu ao mesmo tempo. Anne e Robert eram advogados. Ela, aos 61 anos, ainda exercia Direito, e Robert tornara-se juiz da corte superior. Aos 63, tinha um ar apropriadamente solene que combinava com a sua posição. Algumas vezes o comportamento sério mascarava um coração bondoso e gentil. Amava a mulher, os filhos e os amigos. Era alto, bonito, e intensamente dedicado a Anne e aos três filhos. Eric havia feito o parto de todos eles, e tornara-se um dos amigos prediletos de Anne.

Robert e Anne haviam se casado durante a faculdade de direito, estavam juntos havia 38 anos. Eram os mais velhos do grupo, pareciam os mais sérios, devido certamente à sua ocupação. No entanto, entre os amigos, eram sensíveis, joviais e tinham seu modo de viver, como os outros. Não eram vívidos nem nervosos como Pascale e John, nem tão jovens e elegantes de aparência como Eric e Diana. Robert e Anne aparentavam a idade que tinham, mas eram jovens de coração. Os seis amigos eram profundamente ligados uns

aos outros, e sempre se divertiam juntos. Viam-se mais do que a quaisquer outros amigos.

Jantavam juntos uma ou duas vezes por mês. Ao longo dos anos, compartilhavam alegrias, esperanças, desapontamentos e as preocupações com os filhos, até mesmo o profundo desgosto de Pascale por não ser capaz de ter filhos. Ela os quisera desesperadamente depois que se aposentara do *ballet*, mas esse sonho nunca se realizara. Até mesmo os especialistas em fertilidade que Eric indicara foram incapazes de fazer alguma coisa pelo casal. Meia dúzia de tentativas *in vitro* e até mesmo uma doadora de óvulos haviam sido infrutíferos. John se recusara obstinadamente a pensar em adoção. Não queria “mais um delinquente juvenil”, queria um próprio ou nenhum. Portanto, aos 47 e 60, não tinham filhos; apenas um ao outro para implicar, o que faziam com frequência, sobre vários assuntos, a maior parte das vezes para diversão de outros, acostumados a discussões acaloradas que Pascale e John não tentavam esconder e pelas quais pareciam mesmo sentir prazer.

Os três casais haviam fretado juntos um barco a vela para viajar no mar do Caribe e alugado várias vezes uma casa em Long Island. Haviam ido juntos à Europa mais de uma vez e sempre se divertiam em viagens em conjunto. Apesar de serem tão diferentes, eram totalmente conciliáveis e os melhores amigos. Não apenas toleravam as fraquezas uns dos outros, mas se entendiam de maneira notável. Há bastante tempo, compartilhavam muito da história de cada um.

Era hábito passarem juntos a véspera de Ano-Novo. E, nas últimas duas décadas, todos os anos, era tradição um dos casais organizar a reunião e contar com a presença dos outros. Alternavam as casas a cada ano, indo para a de Robert e Anne porque era sossegada, e a reunião acabava pouco depois da meia-noite; ou para a de John e Pascale, pelas reuniões desorganizadas e apressadas, mas com jantares deliciosos, champanhe e vinhos que faziam os

anfitriões se reunirem e discutirem suas preferências. Pascale preferia vinhos franceses, e John escolhia os da Califórnia. Mas o local preferido para a véspera de Ano-Novo era a casa de Eric e Diana. O lar deles era confortável e elegante, a cozinheira que Diana contratava para essas noites era ótima e eficiente, nunca se impunha, a comida era deliciosa, os vinhos excelentes e, no apartamento impecavelmente decorado, todos se sentiam muito bem e à vontade. Mesmo Pascale e John se esforçavam por se comportar quando chegavam lá, embora nem sempre conseguissem, e algumas discussões sem importância explodiam a respeito do nome de um vinho de que não conseguiam lembrar-se ou de uma viagem que queriam fazer. John adorava a África; Pascale, o sul da França; freqüentemente, John fazia comentários inflamados sobre a mãe de Pascale, que ele odiava. Fingia detestar a França, os franceses e tudo o que dissesse respeito a eles, inclusive e muito especialmente a sogra; Pascale retribuía, alegre, fazendo comentários ásperos sobre a mãe dele, em Boston. Mas, apesar das singularidades e caprichos de cada um, não havia dúvida de que os seis amigos eram muito carinhosos uns com os outros. A amizade profunda resistia à prova do tempo e todos gostavam de estar juntos.

A campainha da porta tocou exatamente às sete e cinquenta e nove. Nem Eric nem Diana ficaram surpresos quando ela abriu a porta e viu Anne, em um vestido de baile preto, de gola alta, com um discreto colar de pérolas, os cabelos grisalhos penteados em coque, e Robert, de *smoking*, com os cabelos brancos como a neve, perfeitamente penteados, a sorrir-lhes.

— Boa noite — cumprimentou Robert, com uma piscadela.

Muito alto, teve de se curvar para beijar Diana. Os quatro se desejaram um feliz Ano-Novo.

— Estamos atrasados? — perguntou Robert, parecendo preocupado.

Robert e Anne eram muito pontuais.

— O trânsito estava horrível.

Anne e Robert moravam lá pelas bandas da rua 80, Lado Leste, ao passo que Pascale e John tinham de vir do seu apartamento perto do Lincoln Center, no Lado Oeste. Mas só Deus sabia quando chegariam. E, para complicar ainda mais, começara a nevar, o que tornava ainda mais difícil achar um táxi.

Anne tirou o agasalho e sorriu para Diana. Embora fosse apenas seis anos mais velha, Anne parecia mãe dela. Tinha olhos castanhos e sinceros; usava em coque os cabelos grisalhos. Era uma bela mulher, mas jamais se preocupava com a aparência. Quase não se maquilava; tinha pele sensível e oleosa. Preferia passar o tempo assistindo a peças de teatro, lendo livros pouco conhecidos e ouvindo música, quando não se ocupava com os clientes do escritório, que pertencia à família. Era advogada de direitos da criança e passara muito tempo ajudando a organizar programas para mulheres que sofriam maus-tratos. Era um trabalho de amor, pelo qual recebera vários prêmios. Ela e Robert partilhavam da paixão pelo Direito, do empenho pelas crianças e pelas mulheres agredidas, e ambos eram muito conhecidos por advogar causas liberais. Anos antes, Anne pensara muito em entrar na política e fora incentivada a isso, mas optou por não fazê-lo, por causa do marido e dos filhos. Preferiu a vida privada à vida pública e não desejava concentrar em si a atenção. Apesar das muitas aptidões profissionais, era pessoa admiravelmente modesta, quase humilde, e Robert se orgulhava dela. Elogiava-a em voz alta.

Quando Anne se sentou no *living*, Eric se sentou no sofá, perto dela e abraçou-a.

— Onde estiveram nas últimas duas semanas? Parece que não vejo vocês há anos.

Robert e Anne haviam passado as férias em Vermont, como sempre faziam, com os filhos e netos. Tinham dois filhos casados e uma filha solteira, que havia pouco terminara a faculdade de Direito. Mas, não importa onde Anne e Robert estivessem, ou o que fizessem, voltavam sempre para passar a véspera de

Ano-Novo com os amigos. Eles faltaram apenas em um ano, quando o pai de Anne falecera e ela tivera de ir a Chicago para ficar com a mãe. Mas, exceto esta vez, todos os seis tinham esse compromisso.

— Estivemos em Sugarbush, trocando fraldas e procurando luvinhas — explicou Anne a Eric, sorrindo.

O rosto era amável e os olhos risonhos. Tinham cinco netos e duas noras de quem, Diana sentia, Anne não gostava, embora nunca o houvesse dito em voz alta. Nenhuma das noras trabalhava, e Anne não aceitava o fato de os filhos concordarem com tais caprichos. Anne achava que as mulheres também deveriam trabalhar. Como ela sempre fizera. E, na intimidade de casa, Anne afirmara várias vezes a Robert que as noras eram mimadas.

— Como foram as férias? — sorria Anne ao velho amigo.

Eric era como um irmão para ela, sentia isso havia anos.

— Ótimas, nos divertimos muito com Katherine e Samantha. Um dos filhos de Kathy derrubou uma árvore, ou pelo menos tentou, e o menorzinho enfiou um amendoim no nariz. Tive de levá-lo à emergência na véspera de Natal para que o retirassem.

— Isso é nada: um dos filhos de Jeff quebrou o braço na aula de esqui — explicou Anne, com ar preocupado, e com certo alívio por ter deixado os netos com os pais.

Anne os adorava, mas logo eles a cansavam, e Robert concordava. Adorava os filhos e os netos e passar tempo com eles, mas, da mesma forma, adorava ficar sozinho com Anne. O casamento de ambos fora, pelos anos afora, um caso de amor tranquilo mas intenso. Ele era apaixonado por ela.

— Isso faz imaginar como os nossos filhos sobreviveram a sua infância — respondeu Diana.

Entregou a Anne uma taça de champanhe e se sentou para juntar-se a ela. Robert, de pé, bebericava e olhava a mulher com ar de admiração. Ele lhe

dissera que estava linda e a beijara antes de sair de casa.

— Não sei por quê, mas acho que as coisas eram mais fáceis quando nossos filhos eram mais jovens — suspirou Anne, com um sorriso. — Ou talvez fossem mais fáceis, porque, quando crianças, eu vivia no escritório.

Anne sorriu a Robert. Apesar da família e dos trabalhos, ambos sempre tinham tempo um para o outro e para romance.

— Tudo parece mais estressante nos dias de hoje, ou talvez meus nervos não sejam mais o que costumavam ser com os filhos pequenos por perto, embora eu os ame. Porém é mais agradável passar uma noite tranqüila e civilizada, com os adultos.

Anne olhava os Morrison com prazer.

O nível dos decibéis na casa em Sugarbush quase enlouqueceu Robert.

No carro, ambos afirmaram estar felizes por voltar para casa.

— Vou apreciar mais os meus netos quando começar a ficar surdo — disse ele, pondo a taça na mesa de café.

A campainha tocou.

Eram quase oito e meia, um recorde de pontualidade para os Donnaly, que sempre chegavam atrasados e insistindo veementemente ser culpa do outro. E, nessa noite, não era diferente.

Eric lhes abriu a porta. Diana conversava com os Smiths. Logo depois, só se ouviam as vozes de Pascale e John.

— Me desculpe se chegamos tarde — atalhou Pascale, em inglês com pronúncia francesa ainda forte, embora vivesse em Nova York havia quase trinta anos e falasse impecavelmente o idioma.

No entanto, jamais conseguira eliminar a pronúncia, nem tentara. Ainda preferia, sempre que possível, falar em francês com as pessoas que encontrava, com os vendedores das lojas, com os garçons e muitas vezes por semana, ao telefone, com a mãe. John reclamava que elas gastavam horas nas ligações. E,

durante todos os 25 anos de casamento, ele se recusara terminantemente a aprender francês, embora falasse palavras-chave aqui e ali, e pudesse dizer “*Merde*” com pronúncia razoavelmente boa.

— John se *recusou* categoricamente a procurar um táxi! — Pascale afirmava, ofendida.

Eric lhe tirava o casaco, sorrindo. Sempre adorava suas histórias.

— Ele me obrigou a vir de ônibus até aqui! Podem imaginar? Na véspera de Ano-novo, com vestido de baile! — Pascale parecia enfurecida ao afastar dos olhos um cacho de cabelos escuros, o restante preso em coque apertado, exatamente como usava quando dançava, só que agora o rosto era mais delicado. E, apesar dos 47 anos, ainda havia nela algo irresistivelmente sensual e delicado. Era pequenina, elegante e graciosa; os olhos verdes brilhavam ao contar a Eric a sua desgraça.

— Não me *recusei* a pegar um táxi. Não conseguíamos *achar* um! — atalhava John, defendendo-se.

— Ah! — acrescentava Pascale, os olhos lançando chispas ferozes ao marido. — Ridículo! Você não quis pagar o preço do táxi!

John era reconhecidamente sovina entre todos os amigos. Mas, com a neve caindo forte, era inteiramente possível, ao menos neste caso, que não tivessem conseguido encontrar um táxi. E, pela primeira vez, John parecia particularmente impassível à reclamação da mulher, enquanto entravam no *living* com Eric, a fim de encontrar-se com os outros. John, de ótimo humor, cumprimentava os amigos.

— Desculpe, nos atrasamos — explicou ele, calmo.

John estava acostumado às explosões inflamadas da mulher, em geral não levadas a sério pelos amigos. Como sempre, era bem mais calmo, pelo menos no início. Levava um pouco de tempo para responder e agir. Era atarracado, vigoroso e, em Harvard, jogara hóquei no gelo. Ele e Pascale formavam um

interessante contraste visual; a mulher era bem delicada e pequenina; o marido, forte e com os ombros largos. Durante anos, todos afirmavam que eles eram muito parecidos com Katharine Hepburn e Spencer Tracy.

— Feliz Ano-Novo para todos! — cumprimentou John, com sorriso largo.

Aceitou de Diana um *flute* de champanhe. Pascale beijou nas duas faces Eric, Anne e Robert. Um momento depois, Diana abraçou-a calorosamente e disse que ela estava muito elegante. Pascale sempre estava. Tinha aparência bela e incomum.

— *Alors, les copains* — bradou ela, chamando-os pelo equivalente a “camaradas” —, como foram de Natal? O nosso foi terrível — falou, sem parar para respirar. — John detestou o terno que lhe comprei. Ele me deu um fogão, imaginem só! Um *fogão*! Por que não um cortador de grama ou um caminhão?!

Pascale parecia colérica. Todos riam. O marido respondia rápido ao defender-se.

— Eu não lhe compraria nenhum tipo de veículo, Pascale, você dirige muito mal — respondeu, bem-humorado.

— Dirijo muito melhor que você — atalhou ela, bebericando o champanhe. — E você sabe disso. Tem medo de dirigir em Paris.

— Não tenho medo de nada na França, com exceção de sua mãe.

Pascale passou a dar atenção a Robert, que sempre gostara de conversar com ela. Era apaixonado por *ballet* clássico, tal como Anne, e bom teatro. Ele e Pascale, às vezes, falavam de *ballet* durante horas. Também gostava de praticar com ela seu francês enferrujado, o que agradava muito a Pascale.

O grupo conversou amigavelmente até a hora do jantar, bebendo champanhe, batendo papo e rindo. Por fim, John reconheceu que ficara feliz por ter tomado o ônibus, por ter economizado o preço de um táxi, e todos caçoarem dele. Era famoso entre os seus pela aversão que sentia ao ter de gastar

dinheiro, e todos sempre adoravam caçar dele. John era alvo de brincadeiras sem fim e gostava disso.

Eric e Anne falavam sobre esqui em Sugarbush, e Diana concordou que queria muito voltar a Aspen. Pascale e Robert batiam papo sobre a abertura da temporada de *ballet*. Diana e John conversavam sobre a situação da economia, o mercado de capitais e alguns investimentos dos Morrisons. John era banqueiro de investimentos e adorava falar de negócios com quem se interessasse. Os interesses do grupo sempre tinham engrenado bem, e os papos iam dos assuntos sérios para os leves. E quando Diana lhes disse que já iam sentar-se para a ceia na sala de jantar, Anne contou a Eric que o filho mais velho e a nora iriam ter outro bebê. Seria o sexto neto.

— Pelo menos nunca vou ficar traumatizada por ter alguém me chamando de vovó — avisou Pascale, alegre.

No entanto, todos sabiam que, para Pascale, havia muita mágoa no comentário insinuado. Lembravam-se de que há meia dúzia de anos ela várias vezes lhes falara sobre os tratamentos intensivos, os remédios tomados, as injeções aplicadas várias vezes por dia por John e que ficara muito frustrada por não engravidar. O grupo a amparara inabalavelmente, sem sucesso. Fora para eles uma época terrível e temiam que isso fosse custar o casamento, mas, felizmente, não foi o que aconteceu.

Tragédia de verdade para Pascale havia sido quando John se recusara terminantemente a adotar um bebê. Para Pascale, havia sido a sentença final imposta como se nunca fosse ter uma criança, que, na época pelo menos, era tudo o que queria. Poucos anos antes, afirmara nunca mais ter pensado nisso. No entanto, alguma vezes Pascale ainda parecia ansiosa quando se falava de filhos. Eric tentara mesmo convencer John a adotar uma criança, mas ele fora intransigente a esse respeito. John, turrão, não se importava com o quanto isso significava para Pascale, recusava-se a considerar essa opção. Não queria criar,

sustentar ou tentar amar o bebê de outra pessoa. Era muito claro sobre o fato de que não conseguia sentir, mesmo para seu próprio bem. E todos no grupo lamentavam muitíssimo por eles.

Mas, agora, não se falava nisso; dirigiam-se para a mesa elegantemente arrumada. Diana compusera a mais bela de todas as mesas, fizera os mais exóticos arranjos de flores. Naquela noite de Ano-Novo, misturou estrelíztias — as aves-do-paraíso —, com orquídeas cimbídtas, e havia pequeninas halésias — os sinos-de-prata — espalhadas por toda a mesa, elegantes castiçais de prata com velas altas e brancas, e a toalha bordada fora de sua mãe e era belíssima. A mesa parecia majestosa.

— Não sei como preparar isto — afirmou Anne.

Estava admirada ao ver a magia criada por Diana, tão elegante no vestido de cetim branco, da mesma cor que seus cabelos. Tinha um corpo quase tão bom quanto o de Pascale, mas não tanto, pois Pascale dançava seis horas, todos os dias, com os alunos.

Anne não fora tão afortunada quanto as outras duas mulheres. Era atraente, mais alta e com ossos mais largos. De vez em quando, ela se queixava de que, ao lado de Pascale, sentia-se uma amazona. Mas isso de fato não a preocupava: era brilhante, muito divertida, segura e, era mais do que óbvio, Robert a amava. Ele sempre lhe falara, ao longo dos anos, que ela fora a mulher mais bela que já vira.

Eric abraçou Diana e a beijou antes de se sentarem à mesa de jantar, e agradeceu-lhe pelo belíssimo trabalho que fizera.

Pascale olhava furiosa para John, do outro lado da mesa.

— Se me fizesse isso, eu teria um ataque do coração por causa do susto — resmungou. — Você nunca me beija e nunca me agradece. Por *nada*!

Mas, apesar das repetidas queixas, não havia rancor na voz dela.

— Obrigado, querida, por todos os maravilhosos jantares congelados que me deixa — respondeu-lhe John, rindo, com bondade.

Muitas vezes, Pascale ia à noite à aula de dança, depois de ensinar o dia inteiro, e não tinha tempo de preparar o jantar.

— Como pode dizer isso? Na semana passada deixei-lhe um *cassoulet* e, há dois dias, um *coq au vin*... Você não os merece!!

— Não, não mereço! Além do mais, cozinheiro melhor que você — riu John.

— Você é um monstro! — berrou ela, os olhos verdes inflamados. — E não volto para casa de ônibus. Volto para casa de táxi, John Donnally, e não vou permitir que você vá comigo.

Pascale parecia inabalável, incrivelmente francesa.

— Eu esperava que dissesse isso — respondeu John, sorrindo forçado para Diana, que servia o primeiro prato de pequeninas ostras. Os seis compartilhavam de uma predileção especial por frutos do mar. Diana serviu lagosta fria como prato principal, depois salada e queijo, em respeito a Pascale, que não tolerava comer a salada primeiro, e sempre se sentia lesada quando não havia queijo após o prato principal. E de sobremesa alasca assado, a preferida de Eric e de todos.

— Meu Deus, na casa de vocês comemos bem — começou John, admirado.

Diana saía da cozinha com a sobremesa em chamas, e o grupo inteiro aplaudiu.

— Pascale, por que não pede emprestadas algumas das receitas de Diana, em vez de servir todas essas tripas e vísceras e miolos e rins e lingüiça sangrenta?

— Se eu fosse preparar essas receitas, você não me deixaria gastar o dinheiro — gritou Pascale, honesta. — Além disso, você adora miolos e rins — continuou, prosaica.

— Mentira. Prefiro comer lagosta — atalhou ele, sorrindo para a anfitriã.

Robert ria, satisfeito. As constantes brigas e brincadeiras dos Donnally de alguma forma o divertiam, mesmo ouvindo-as há 25 anos. A todos eles, pareciam inofensivas. Os casamentos de todos ali eram sadios, os cônjuges seguros e fixos, e seus relacionamentos surpreendentemente harmoniosos, em um mundo que oferecia pouca harmonia. Todos eles sabiam ser privilegiados, não só por seus companheiros, mas também pelos elos de amizade entre eles. Robert os chamava os seis mosqueteiros, e, embora algumas vezes os interesses de cada um fossem variados e diferentes, todos adoravam o tempo que passavam juntos.

Foi depois das onze horas que Anne comentou o fato de que tanto John quanto Eric haviam chegado aos sessenta naquele ano, e isso não a fazia mais sentir-se tão idosa, pois era um ano mais velha, e detestara completar 61 anos.

— Devíamos fazer alguma coisa para comemorar — sugeriu Diana.

Sentaram-se para tomar um café. John acendeu o charuto, pois ninguém fora contra. Era um gosto que Pascale compartilhava com ele, e de vez em quando fumavam juntos. Havia poucos anos, tornara-se moda para as mulheres, mas Pascale sempre fumara, desde que haviam se casado. Parecia inadequado a alguém, como ela, de aspecto delicado.

— O que você sugere para comemorarmos os sessenta anos? — perguntou Eric à esposa, o sorriso largo e forçado. — Plástica facial para todos nós? Para nós, homens, pois nenhuma de vocês precisa — acrescentou, olhando a mulher com admiração.

Era o único segredo que ela não compartilhara com as amigas — já ter feito cirurgia nos olhos, por sugestão de Eric. Ele lhe arranjava o cirurgião.

— Acho que John vai ficar ótimo, se fizer alguma cirurgia.

Na verdade, ele tinha umas poucas rugas e linhas, que, no entanto, lhe caíam bem. Tinha um ar masculino que combinava perfeitamente com sua

personalidade.

— Para ele, o melhor é lipoaspiração — aconselhou Pascale, olhando o marido, através da fumaça.

John pareceu impávido aos comentários da mulher.

— São essas horrorosas lingüiças sangrentas que me dá para comer — acusou ele.

— E se eu deixasse de prepará-las para você? — desafiou ela.

— Eu a mataria — ele deu um sorriso forçado.

John lhe entregou o charuto para que desse uma tragada, o que ela fez, com expressão de prazer. Apesar das implicâncias e zombarias, ela e John se amavam de verdade.

— Estou falando sério — insistiu Diana.

Tinham outra meia hora até meia-noite.

— Devíamos comemorar os sessenta anos de nossos maridos.

Somente ela e Pascale estavam ainda a vários anos de tal idade.

— Por que não fazemos outra viagem juntos?

— Aonde você sugere? — perguntou Robert, parecendo interessado.

Quando Robert e Anne podiam fugir das exigências de suas vidas profissionais, gostavam de viajar a lugares exóticos. No verão anterior, haviam ido a Báli e Indonésia. Foi uma viagem de que iriam se lembrar para sempre.

— Que tal um safári no Quênia? — perguntou John, confiante.

Pascale o olhou, desgostosa. Ela fora a um, com ele, em Botsuana em uma reserva de caça, e odiara todos os minutos da viagem. Pascale só desejava ir a Paris, para ver amigos e parentes, e John não a levava em consideração nessas férias. Enlouqueceu ao ficar com a família dela e ao visitar os parentes: ela falava sem parar em francês, e ele nada entendia — e não queria entender — do que estavam conversando. John adorava Pascale, mas os parentes dela ou o aborreciam ou o entediavam.

— Odeio a África, percevejos e sujeira. Por que não vamos todos juntos a Paris? — quis saber Pascale, com expressão de prazer.

John odiava a cidade; ela a amava.

— Que excelente idéia — exclamou ele, pegando novamente o charuto e voltando a acendê-lo. — Vamos todos ficar com sua mãe. Tenho certeza de que ela vai adorar. Poderíamos fazer fila durante umas duas horas, esperando sua avó sair do banheiro.

Como a maior parte dos apartamentos em Paris, o da mãe de Pascale tinha apenas um banheiro, e a avó, com 92 anos, morava com a tia e a mãe viúvas. Era um ambiente que irritava John, mesmo porque não tinha uísque. Na última vez que estivera lá, levara a própria bebida, pois a coisa mais exótica no bar da mãe de Pascale era Dubonnet e vermute doce, embora sempre houvesse um ótimo vinho tinto ao jantar. O falecido pai de Pascale conhecia vinhos finos, e a mãe aprendera um bocado com ele. Era a única coisa de que gostava nela.

— Não seja indelicado com vovó. E a sua mãe é ainda mais insuportável que a minha — respondeu Pascale, parecendo muito francesa e extremamente insultada.

— Pelo menos a minha fala inglês.

— Também não iria querer ficar com minha mãe — gracejou Diana.

Todos riram. Por várias vezes, haviam visto os pais de Diana, e, ainda que o pai fosse um homem cordial, Diana não escondia que a mãe, muitíssimo organizada, extremamente dominadora, sempre a deixara louca.

— Falando sério, aonde poderíamos ir juntos? Que tal o mar do Caribe? Ou algum lugar realmente exótico desta vez? Que tal Buenos Aires ou o Rio de Janeiro?

— Todos dizem que o Rio é perigoso — informou Anne, preocupada. — Minha prima foi lá no ano passado e lhe roubaram a bolsa, a bagagem e o

passaporte. Disse que nunca mais voltaria. Que tal o México?

— Ou o Japão ou a China continental — sugeriu Robert, começando a amadurecer a idéia.

Gostava de viajar com outras pessoas, e tinha uma predileção especial pela Ásia.

— Ou Hong Kong, as mulheres poderiam fazer compras.

— Por que não a França? — Pascale quis saber novamente.

Todos riram. John tentou se afundar na cadeira, desesperado. Iam lá todos os verões.

— Estou falando sério. Por que não alugamos uma casa no sul da França? Aix en Provence ou Antibes ou Eze... ou que tal Saint-Tropez? É espetacular.

John desaprovou na mesma hora.

Diana avaliou a proposta, intrigada.

— Na verdade, por que não? Seria divertido alugar uma casa. Quem sabe algum conhecido de Pascale possa nos achar uma boa. Deve ser muito mais divertido do que viajar à procura de uma terra exótica. Eric e eu falamos bastante bem o francês, Anne e Robert também. Pascale pode tratar de tudo o que for preciso. Que tal, pessoal?

Anne olhava pensativa: refletia e concordava.

— Para falar a verdade, gosto da idéia. Robert e eu fomos a Saint-Tropez com nossos filhos há dez anos e adoramos. É encantadora; o mar, ótimo; a comida, excelente, e a cidade, muito animada.

Anne e Robert haviam passado uma semana romântica, apesar dos filhos.

— Poderíamos alugar uma casa lá para o mês de agosto — prometeu-lhe Diana, sincera. — Não vamos deixar a mãe de Pascale se aproximar.

— Na verdade, deveríamos ficar felizes. Ela vai à Itália todos os anos em agosto.

— Vêem? Seria perfeito. O que todos acham? — quis saber Diana.

Impunha a idéia. Até mesmo Robert concordava com a cabeça. Saint-Tropez era civilizada e animada, e poderiam fretar um barco para visitar outros lugares na Riviera.

— Gosto muito da idéia — admitiu Robert.

Eric apoiou a sugestão.

— Voto em Saint-Tropez, se pudermos achar uma casa decente — acrescentou ele. — Pascale, o que acha? Pode tratar desse assunto para nós?

— Não tem problema. Conheço alguns ótimos corretores em Paris. E, se conseguir deixar minha avó, mamãe poderia cuidar disso para nós.

— Não, deixe-a fora disso — ameaçou John, enérgico. — Vai escolher alguma coisa que detestamos. Fique apenas com o corretor. — Não fez objeção quanto ao local, embora sempre se referisse a Saint-Tropez como Frogland, a terra das rãs.

— Então, é unanimidade? — quis saber Diana.

Olhava todos na mesa, que assentiram com um movimento de cabeça.

— Então, será Saint-Tropez em agosto.

Quando Diana acabou de falar, Pascale ficou radiante. Nada havia no mundo que a empolgasse mais do que um mês no sul da França com suas melhores amigas. Até John parecia bem conformado com isso quando Eric avisou que era meia-noite.

— Feliz Ano-Novo, amor — cumprimentou Eric, beijando a mulher.

Robert se curvou diante de Anne, beijou-a discretamente nos lábios e a abraçou, desejando-lhe tudo de bom no ano que começava. Pascale rodeou a mesa para beijar o marido. A fumaça do charuto o cercou, mas a mulher não se preocupou com o sabor, pois ele a beijou na boca com mais paixão que o esperado. Apesar de todas as brigas que tinham e da confusão que armavam, o casamento deles era tão firme quanto os dos outros; de alguma forma ainda mais firme, pois eram muito ligados e não tinham filhos para distraí-los.

— Não consigo esperar até o verão que vem, em Saint-Tropez — murmurou Pascale, ofegante. — Vai ser ótimo.

John completou:

— Se não for, vamos matar Pascale, porque a idéia foi dela. Tenha certeza de que vai nos achar uma casa decente. Nada de ratoeira para pegar turistas incautos.

— Vou encontrar a melhor casa de Saint-Tropez, prometo — jurou Pascale a todos.

Tirou novamente o charuto de John, e deu uma baforada, aninhando-se no colo do marido.

Todos conversavam animados sobre os planos futuros. A única coisa com que concordavam é que o verão seria magnífico. Sugerir essa idéia fora um modo maravilhoso de anunciar o Ano-Novo.

Capítulo 2

O próximo encontro entre os seis foi no apartamento de Pascale e John, no Lado Oeste, duas semanas mais tarde, numa noite em que chovia a cântaros. Como sempre, os Morrison e os Smith chegaram pontualmente e deixaram as capas e os guarda-chuvas molhados na sala da frente no apartamento dos Donnally. A decoração era eclética: máscaras africanas, esculturas modernas, antigüidades que Pascale trouxera da França e tapetes persas belos e pequenos. Havia objetos fascinantes que trouxera das viagens com o *ballet*.

A iluminação era suave e o aroma da cozinha, delicioso. Fizera um creme de cogumelos e, como prato principal, coelho com molho de mostarda. John abriu várias garrafas de Haut-Brion.

— Que ótimo cheiro! — exclamou Anne, esquentando as mãos na lareira que John acendera.

Pascale servia uma bandeja de *hors d'oeuvres*.

— Não acreditem em todo este aroma! — avisou John, enchendo a taça de cada um com champanhe. — Vocês sabem quem preparou o jantar! — completou com um sorriso forçado.

— *Toi, alors!* — respondeu Pascale, olhando para ele irada.

Desapareceu na cozinha para mais uma vez verificar o jantar. No entanto, tinha boas notícias para todos, informou ela, quando voltou para sentar-se com

eles nos sofás forrados com veludo vermelho escuro no *living*. Havia uma pintura bonita presa à parede da lareira e velas acesas por todos os lugares; em uma parede havia dúzias de fotografias de Pascale com o New York City Ballet. Era um lar que refletia ambas as personalidades, os lugares onde estiveram e a vida que levavam. E o clima da sala era claramente francês. Sobre a mesa, havia ainda um maço aberto de cigarros Gauloises, com que Pascale se regalava, de tempos em tempo, enquanto John fumava seus charutos.

— E então? — perguntou Diana, recostando-se no sofá, em um terninho preto bem-feito e bebericando champanhe. Trabalhara muito o dia inteiro, organizando outra angariação de fundos em Sloan-Kettering. Eric estivera de pé durante três noites, fazendo partos de bebês. Todo o grupo parecia tranqüilo como sempre, um pouco mais cansado.

— Encontrei uma casa! — exultou Pascale, indo à escrivaninha, bonita e antiga, que anos antes ela e John haviam comprado em Londres.

Voltou com um envelope grosso, de papel manilha, e uma pilha de fotografias para os amigos.

— *Voilà!* É exatamente o que queremos.

Pela primeira vez, John não fez comentários, já vira as fotografias e, embora não gostasse do preço, admitia ter gostado da casa. Era uma *villa* antiga, elegante, bem-conservada, com belos jardins e uma área admirável. Era bem perto da água, havia um pequeno cais e um barco a vela, bonito e pequeno, vinha com ela. Seria divertido para todos eles, em especial Eric e Robert e Anne, os marujos do grupo. As fotos do interior mostravam um *living* vistoso, com mobília francesa provinciana, cinco quartos de dormir enormes e bem decorados e uma sala de jantar bastante grande, onde cabiam duas dúzias de pessoas sentadas. A cozinha, imaculada, embora um pouco antiga, era aconchegante e muito charmosa. E, melhor de tudo, havia uma criada e um jardineiro, que serviria de motorista. Pascale tinha razão, todos concordaram,

parecia uma casa perfeita. De fato, chamava-se Coup de Foudre, que significava “amor à primeira vista” ou “raio de tempestade”. Estava à disposição durante todo o mês de agosto e o preço era bem razoável, vistas as vantagens da casa, e os proprietários desejavam saber imediatamente se eles iriam alugá-la.

— Puxa, parece ótima, Pascale — declarou Diana, mais uma vez estudando as fotos com cuidado. — Tem até dois quartos de hóspedes, se quisermos convidar amigos ou alguns de nossos filhos. Adoro a idéia da criada. Não me importo de cozinhar, mas detesto limpar tudo depois.

— Exatamente — explicou Pascale, excitada por terem gostado. — É um pouco cara — admitiu, balbuciando —, mas a quantia, dividida por três, não fica tão alta.

Ao ouvir isso, John admitiu que a mulher tinha razão. Ele usaria o programa de milhagem para cobrir o preço da passagem aérea, e, se as mulheres cozinhassem a maior parte das refeições, não precisariam ir todas as noites aos restaurantes da moda, e o dinheiro economizado seria bem razoável.

— Será que a casa é realmente boa como parece nas fotos? — perguntou Robert, cauteloso.

Servia-se dos *hors-d'oeuvres* preparados por Pascale. Suas aptidões culinárias eram melhores do que John admitia. A maior parte dos canapés há havia sido devorada, e o aroma que vinha da cozinha era verdadeiramente delicioso.

— Por que nos mentiriam? — perguntou Pascale, parecendo surpresa.

Era a mesma coisa que John dissera.

— Utilizei uma corretora muito respeitada para encontrar a casa. Se quiserem, posso pedir à minha mãe para ir lá e ver.

— Ó Deus, não! — respondeu John, parecendo horrorizado. — Não a deixe se meter nisso. Vai contar a todos que sou um banqueiro americano rico e vão dobrar o preço.

Parecia angustiado só de pensar nisso. Todos riram dele.

— Parece absolutamente perfeito — completou Anne, sensata.

Desde o início, ela se entusiasmara com o projeto.

— Temos de nos apressar antes que percamos a casa para outra pessoa. E se a casa não for tão boa como aparece nas fotos, e aí? Será muito ruim viver um mês em uma *villa* no sul da França? Sou a favor de que se envie um fax hoje à noite, informando que queremos a casa — aprovou ela, decisiva, sorrindo animada para Pascale. — Você fez um excelente negócio!

— Obrigada — respondeu Pascale, parecendo em transe.

Adorava a idéia de passar mais um mês na França. Ficava sempre com a família em Paris, durante a maior parte de junho e todo o mês de julho. Mas, este ano, poderia também ficar durante agosto.

— Concordo com Anne — completou Robert, sem hesitar. — Gostei da idéia dos quartos de hóspedes. Sei que nossos filhos adorarão ficar conosco durante uns poucos dias, se todos vocês não se importarem.

— Aposto que os nossos também — alegrou-se Eric.

Diana concordou com a cabeça.

— Não sei se o marido de Katherine poderá dar uma escapada, mas tenho certeza de que ela vai adorar ficar com os meninos, e Samantha é louca pela França.

— Eu também — sorriu Anne. — Então, concordamos? Vamos alugar?

Rapidamente, calcularam quanto custaria por casal. Mesmo John fingindo apertar o coração enquanto convertiam o preço em dólares, todos concordaram que uma casa tão grande e bem cuidada como essa valeria o preço.

— É um bom negócio — aprovou Robert, parecendo contente.

Sabia poder ficar fora durante um mês e queria que Anne tirasse férias. Parecia muito cansada e admitia que trabalhara demais. Robert lhe falara, mais tarde, que deveria pensar em aposentar-se. A vida era curta demais para passar tantas horas trabalhando no escritório, na sala do tribunal ou preparando casos

para os litigantes submeterem à aprovação. Anne adorava o trabalho, mas era muito estressante, e seus clientes exigiam muito dela. Trabalhava às noites e em alguns fins de semana. Embora a carreira fosse a paixão de Anne, Robert começava a pensar que era tempo de ela diminuir o ritmo. Queria passar mais tempo com a mulher.

— Vai ficar o mês inteiro fora? — perguntou, severo, à mulher.

Pascale chamava para o jantar.

Anne concordou, piscando os olhos.

— É o que você quer? Vou prendê-la a mim, sabe? — ameaçou Robert.

Apertou-a contra ele e a beijou. Robert estava realmente na expectativa de ficarem juntos na França. Nos últimos dois anos, Anne interrompera as férias a fim de voltar ao escritório para tratar de casos urgentes.

— Prometo ficar o tempo inteiro — respondeu Anne, solene.

— Então, valerá todos os centavos — acrescentou Robert, parecendo feliz.

Foram para a sala de jantar, de braços dados. Juntos, pareciam muito aconchegados.

— Em especial com o barco a vela — provocou-o Anne.

Velejar com ele era um dos seus grandes prazeres; sempre se lembravam de antigos verões, em Cape Cod, quando os filhos eram pequenos.

Nesta noite inteira, os seis conversaram animados sobre a casa em Saint-Tropez. Foi uma conversa alegre e cordial. Conversaram pouco sobre seus trabalhos e os filhos, na maior parte do tempo, falaram sobre a *villa* e o tempo que planejavam passar na França.

E, depois, à mesa de jantar, enquanto permaneciam sentados bebendo Château d'Yquem, sentiram a forte animação do prazer acumulado. Parecia um verão perfeito para todos.

— Posso chegar lá alguns dias antes, se vocês me deixarem, para organizar tudo e comprar o que for preciso para a casa — ofereceu-se Pascale.

Nada havia a acrescentar, o folheto dizia que a casa vinha com toda a roupa branca de cama, toalhas e todo o necessário na cozinha.

Eric afirmava que o casal de criados teria tudo bem à mão.

— Posso estar lá antes que todos cheguem — acrescentou Pascale, animada.

Até mesmo o marido, John, sorriu.

A sugestão fora muito atraente.

Era quase meia-noite quando foram para casa. Os Morrison e os Smith dividiram um táxi para o Lado Leste. Ainda chovia, mas estavam com ótima disposição. Robert suspeitava ser o único a perceber que Anne parecia muito cansada. Parecia exausta.

— Está bem? — perguntou Robert, meigo, depois que se despediram dos Morrison. Anne estivera mais calada que sempre no táxi. Robert percebera que ela estava cansada, pois fazia muito esforço.

— Estou muito bem — declarou Anne, com menos energia que convicção. — Pensava apenas em como será ótimo passar um mês na França. Mal posso pensar no que você e eu faremos com tanto tempo livre: para ler, descontrair, velejar, nadar. Só queria que não demorasse tanto.

Parecia esperar muito pelas próximas férias.

— Eu também — repetiu Robert.

O táxi os deixou na frente do edifício, na rua 89, Leste, e entraram rápido por causa da chuva.

Robert via Anne retirar o casacão, no apartamento confortável.

Achou-a pálida.

— Gostaria que tirássemos um período de férias antes do próximo verão. Por que não pegamos um feriado longo e vamos a algum lugar quente para passar alguns dias?

Robert se preocupava com ela, como sempre fizera. Anne era a pessoa mais preciosa em sua vida. Mais preciosa até mesmo que os filhos. Anne sempre fora sua prioridade máxima. Era a amada, a confidente, a aliada, a melhor amiga. Ela era o eixo central de sua vida.

Quando grávida, e por várias vezes o estivera nos 38 anos de vida em comum, Robert a tratara como uma taça de antiquário. Ele, por natureza, era uma pessoa muito carinhosa. Anne amava isso nele, a ternura, a preocupação, o gênio tranqüilo. Percebera isso, na primeira vez em que se conheceram, e o tempo lhe provou estar certa. Era mais severa que o marido, mais dura, mais forte e, em alguns aspectos, menos perdoadora. Era feroz ao defender os direitos dos clientes ou dos seus filhos, mas o coração sempre pertencera a Robert. Era raro dizer isso ao marido, mas a relação deles era um vínculo que resistia à ação do tempo e precisava de poucas palavras. Quando mais jovens, costumavam conversar mais sobre suas esperanças, seus sonhos e sobre como se sentiam. Robert era o romântico, o sonhador que previa como seriam os anos futuros. Anne era sempre mais prática e mais envolvida com a vida diária. E, à medida que os anos passaram, parecia haver menos conversa, menos necessidade de planejar e pensar o futuro. Percorriam seu caminho, sim, porém de mãos dadas, a cada ano que passava, satisfeitos com o que haviam realizado, respeitando as lições aprendidas. A única tragédia compartilhada fora a perda do quarto filho, outra menina, ao nascer. Na época, isso devastou Anne, que se recuperou rápido, graças à ajuda e à generosidade de Robert. Fora ele quem chorara a morte da menininha durante anos, e que, de tempos em tempos, ainda falava nela. Anne fora em frente; em vez de lamentar o que perdera, passou a se sentir satisfeita com o que tinha. Mas, sabendo bem quanto Robert sentira, cuidava do marido, e de modo firme. Tinha que usar um escudo para protegê-lo das coisas que o feriam. Anne sempre parecia um pouco mais capaz do que ele para levar os golpes da vida.

— Que quer fazer amanhã? — perguntou Robert.

Anne estava deitada na cama ao seu lado, com camisola de dormir, em flanela azul. Era vistosa, sem ser bonita, mas distinta, elegante e fina. E, em alguns aspectos, achava-a mais atraente agora do que ao se casarem. Sua fisionomia melhorava com o tempo. Conservara-se bem como companheira da vida dele.

— Amanhã, quero dormir até tarde e ler o jornal — respondeu ela, com um bocejo. — Quer ir ao cinema, amanhã de tarde?

Gostavam de ir ao cinema, em geral filmes estrangeiros ou sérios, que muitas vezes faziam Robert chorar. Quando mais jovens, Anne implicava com ele sobre isso. Anne nunca chorava no cinema. Mas adorava a ternura e a sensibilidade do marido.

— Ótima idéia.

Ambos se divertiam juntos, gostavam das mesmas pessoas, das mesmas músicas e dos mesmos livros, a maior parte das mesmas coisas, muito mais agora que nos primeiros anos. No início, houve muitas diferenças entre eles, mas os dois haviam trabalhado muito juntos em serões, quando os gostos se uniram e as diferenças desapareceram. O que partilhavam agora era intensamente satisfatório, como um colchão de plumas em que afundavam, de mãos dadas, muito tranqüilos.

— Estou contente por Pascale ter achado essa casa — atalhou Anne.

Tentava dormir, aconchegada a Robert.

— Acho que o verão que vem vai ser realmente divertido.

— Mal consigo esperar tanto tempo para velejar com você — acrescentou Robert, ficando mais perto dela.

Nessa noite, bem antes, ao se vestirem para ir à casa dos Donnally, Robert se sentira excitado, porém, agora, Anne estava tão cansada que não seria justo forçá-la a ter relações, pois trabalhara e se cansara muito. Iria alertá-la no dia

seguinte, há anos não a via tão cansada. E, quando ela se aninhou em seus braços, dormiu quase no mesmo instante.

Alguns minutos depois, ele também dormiu, roncando mansamente.

Eram quase quatro da manhã, quando Robert acordou e ouviu Anne no banheiro, tossindo, parecendo vomitar. Via a luz pela fresta inferior da porta do banheiro. Esperou uns poucos minutos para ver se ela voltava para a cama. Dez minutos mais tarde, porém, nada se ouvia, e Anne ainda não saíra do banheiro. Robert se levantou e bateu à porta, mas ninguém respondeu.

— Anne, está bem?

Robert esperava ouvi-la dizer que estava bem, para voltar para a cama. Lá de dentro, porém, nada se escutava.

— Anne? Amor... Está doente?

O jantar preparado por Pascale fora delicioso, mas pesado e substancioso. Robert esperou um ou dois minutos; depois, com delicadeza, girou a maçaneta e entrou. O que viu foi sua mulher, caída no chão, os cabelos desalinhados, a camisola de dormir retorcida. Havia evidência de que vomitara, os lábios estavam quase azuis. Robert ficou aterrorizado.

— Oh, meu Deus... oh, meu Deus...

Robert verificou o pulso; não conseguia senti-lo, nem conseguia vê-la respirar. Não sabia o que fazer, se tentava revivê-la ou chamava uma ambulância. E, afinal, foi pegar o telefone celular, voltou rápido até Anne. Telefonou do banheiro. Tentou sacudi-la, gritar-lhe o nome, mas Anne não mostrava sinal de recuperar a consciência. Robert via que os lábios estavam ficando azul-escuros. A atendente já estava na linha, e Robert lhe deu seu nome e endereço e lhe disse que a esposa estava inconsciente, respirando com dificuldade.

— Ela bateu com a cabeça? — perguntou a atendente, em tom frio.

Robert engolia lágrimas de horror e frustração.

— Não sei... faça alguma coisa... por favor... mande alguém agora mesmo...

— Robert pôs o rosto contra o nariz de Anne. Agora, ao lhe sentir o pulso, primeiro pensou que ela se fora, depois tentou verificá-lo, mas mal conseguia senti-lo. Era como se Anne estivesse fugindo rapidamente dele, sem nada poder fazer para detê-la.

— Por favor... por favor me ajude... Acho que ela está morrendo...

— Uma ambulância já está a caminho — informou a voz, tranquilizadora.

— Preciso de mais informações. Quantos anos tem sua mulher?

— Sessenta e um.

— Tem caso de doença cardíaca na família?

— Não, estava cansada, muito, muito cansada. Anne trabalhou demais.

Sem nada mais dizer, Robert largou o telefone e tentou uma ressuscitação boca a boca. Ouvia a respiração dela. Anne deu um suspiro, sem outro sinal de vida. Estava pálida como nunca. Robert novamente pegou o telefone.

— Não sei o que houve com ela, talvez tenha desmaiado e batido com a cabeça. Vomitou...

— Sentiu, antes, dor no peito? — perguntou a voz.

— Não sei. Eu estava dormindo. Quando acordei, ouvi-a tossindo e passando mal. Quando entrei no banheiro, estava caída no chão.

Enquanto falava, ouvia as sirenes se aproximando. Rezava para que fosse uma ambulância para Anne.

— Estou ouvindo uma ambulância... é a que mandou?

— Espero que sim. Como sua mulher está agora? Respirando?

— Não tenho certeza... Parece que muito mal.

Robert gritava, horrorizado com o que acontecia, apavorado com o que via. A campainha tocou lá embaixo. Robert correu à sala para apertar o porteiro eletrônico e fazê-los entrar. Abriu a porta da frente e voltou correndo para a mulher. Nada havia mudado, mas, em poucos instantes, os paramédicos

estavam bem ali, atrás dele, de pé no banheiro. Três deles, especializados em resgate de incêndio, fizeram-no sair dali e se ajoelharam perto dela. Escutaram-lhe o coração e verificaram os olhos. O encarregado mandou que os outros dois a pusessem na maca que haviam trazido. Ao descer as escadas atrás deles, Robert só conseguiu ouvir na confusão a palavra “desfibrilador”. Ainda estava de pijamas e mal teve tempo de pegar o casaco e pôr os sapatos, enquanto metia o celular no bolso, apanhava a carteira de dinheiro na cômoda e corria como um louco atrás deles. Ao chegar lá fora, Anne já estava na ambulância e, antes que partissem, mal teve tempo de entrar e ficar perto dela.

— O que houve? O que está acontecendo com ela?

Robert perguntava a si mesmo se Anne havia se engasgado com algo que vomitara e a sufocara, mas os paramédicos lhe disseram que tivera um ataque cardíaco. Enquanto isso, um deles lhe abriu a camisola de dormir e lhe pôs o desfibrilador no peito. Os seios ficaram à mostra, Robert quis cobri-los, mas sabia que o momento não era para se preocupar com pudor. Anne parecia estar morrendo. O coração parara e já lhe haviam posto máscara de oxigênio, enquanto Robert via, horrorizado, o corpo de Anne se sacudir. Aplicaram-lhe outra vez o desfibrilador.

— Ó meu Deus... ó meu Deus... Anne — murmurou Robert, olhando-a e tomando-lhe as mãos nas suas. — Neném... por favor... por favor...

O coração de Anne voltou a bater, mas era óbvio que estava tendo um enfarte. Robert nunca se sentira tão desamparado na vida. Apenas horas antes, jantaram com os amigos, e ela parecera cansada, mas nada que pudesse sugerir algo tão dramático — ou ele a teria levado imediatamente à emergência de um hospital.

Os paramédicos estavam ocupados demais para falar com ele. Comunicaram-se pelo rádio com o hospital mais próximo. Robert ligou para

Eric pelo celular, as mãos trêmulas. Eram então 4h25 da manhã, e Eric atendeu no segundo toque.

— Estou na ambulância. Estou com Anne — informou Robert, a voz trêmula. — Teve um ataque cardíaco, e o coração acaba de parar. Eles a reanimaram, ó Deus, Eric, ela estava muito pálida e os lábios arroxeados.

Robert chorava, incoerente.

Eric logo se levantou e acendeu a luz, e Diana despertou. Estava acostumada a telefonemas altas horas da noite, da sala de parto, e raramente levantava, mas alguma coisa no tom de voz do marido era diferente desta vez. Abriu os olhos.

— Ela está consciente? — perguntou Eric, tranqüilo.

— Não... achei-a no chão do banheiro... pensei que ela tivesse batido com a cabeça... não sei... Eric, ela parece... ela... — Robert mal conseguia juntar as palavras.

— Para onde a estão levando?

— Lenox Hill, acho.

Era a uns poucos quarteirões do edifício de Eric.

— Estarei lá em cinco minutos. Me encontro com você na sala de emergência, ou no CTI cardíaco. Encontrarei você... Robert, ela ficará bem... Não se preocupe.

Eric queria muito tranqüilizá-lo e esperava estar certo do que falava.

— Obrigado — Robert mal conseguiu falar, desligando o celular.

Os paramédicos prepararam o desfibrilador novamente, o coração de Anne continuaria a bater até chegarem ao hospital. Já havia uma equipe de cardiologistas a sua espera na calçada. Cobriram-na com um cobertor, tiraram-na da ambulância e entraram no hospital, antes que Robert pudesse agradecer a alguém ou dizer alguma coisa. A maca praticamente passou voando por ele, e Robert mal conseguiu entrar correndo atrás deles. Foram direto para o CTI

cardíaco, enquanto Robert ficava ali, sentindo-se inútil, com o casaco e o pijama. Súbito, parecia ter mil anos de idade, e só queria estar com a sua amada Anne. Não queria abandoná-la nas mãos de estranhos.

Pouco depois, um residente veio fazer-lhe uma série de perguntas. Cinco minutos após, Eric e Diana estavam ao seu lado, no corredor. Ela acordara no momento em que ouvira as perguntas de Eric a Robert, e insistiu em vir ao hospital com o marido. Ambos usavam *jeans* e capas de chuva, os rostos desesperadamente apreensivos. Mas Eric, ao menos calmo na aparência, sabia fazer as perguntas certas. Entrou na unidade cardíaca, deixando Robert com Diana. Ao voltar, era óbvio não ter boas notícias.

— Ela está fibrilando novamente. Está travando uma batalha muito séria.

Era, aparentemente, a segunda vez que o coração de Anne parava desde que fora trazida para a unidade. O cardiologista residente falara a Eric que não gostara de como estavam seus sinais vitais. Ela quase se fora, quando a trouxeram.

— Quando isto começou? — perguntou Eric a Robert.

Diana apertava a mão do amigo, e Eric pôs um braço ao redor dele. Robert chorava muito, enquanto lhes contava o que acontecera.

— Não sei. Acordei às quatro. Estava tossindo, e, por causa do que ouvia, achei que estivesse vomitando. Esperei alguns minutos e, então, ela se calou. Quando entrei, já estava inconsciente.

— Sentiu dores no peito quando chegaram em casa, ontem à noite?

Ao perguntar, Eric franziu as sobrancelhas; não era, agora, uma pergunta importante. Quando começara, o acesso fora forte, e o cardiologista duvidava claramente que ela sobrevivesse. A situação não parecia boa.

— Só estava cansada, mas, fora isso, parecia bem. Falou sobre a casa no sul da França, e combinou que iríamos amanhã ao cinema.

A cabeça de Robert girava. Baixou o olhar para Diana do alto de sua estatura, mas parecia quase não vê-la. Estava abalado com tudo o que acabara de acontecer.

— Preciso telefonar para os meninos, não? Mas detesto apavorá-los.

— Eu telefono para eles — respondeu Diana, calma. — Você se lembra dos números dos telefones?

Robert lhes deu uma lista, quando Diana foi telefonar, deixou Robert com Eric. Ela os conhecia muito bem para lhes dar más notícias.

— Ó meu Deus — murmurou Robert, quando Eric o forçou a se sentar. — E se...?

— Espere. As pessoas sobrevivem a coisas deste tipo. Tente ficar calmo. Não vai ajudar se você desabar ou adoecer. Anne precisará que você seja forte, Robert.

— Preciso dela — respondeu ele, a voz estrangulada. — Não conseguiria viver sem ela.

Eric, em silêncio, parecia rezar. Consequia apenas imaginar como um fora devotado ao outro e como haviam sido felizes durante quase quarenta anos. Algumas vezes, como todos que viveram bem juntos por tanto tempo, pareciam duas metades de uma mesma pessoa.

— Você tem de esperar — aconselhou Eric, ficando bem perto de Robert, afagando-lhe os ombros.

Diana os reencontrou. Consequira falar com os três filhos de Anne e Robert, e todos disseram que viriam imediatamente. Dois moravam no Lado Leste Superior, e a filha Amanda vivia no SoHo, mas, a essa hora, seria fácil pegar táxis. Agora, eram cinco da manhã. Havia quase uma hora que Robert encontrara Anne e começara o pesadelo.

— Vão me deixar vê-la? — perguntou Robert, a voz temerosa.

Nunca se sentira tão fraco, tão incapaz de qualquer coisa. Para todos os efeitos, com Anne, sempre se achara um homem forte, mas, sem ela, sentiu que seu mundo, sua vida, caíra, desmoronara ao redor; só conseguia pensar nela, caída no chão do banheiro, pálida e inconsciente.

— Deixarão você vê-la, assim que puder — respondeu Eric, tranquilizador.
— Estão fazendo o máximo que podem, e ainda há muito a fazer. Você, lá, só vai tumultuar.

Robert assentiu e fechou os olhos. Diana se sentou no sofá, ao lado dele, e lhe segurou a mão, apertando-a; rezava por Anne, mas não teria muito mais a falar para Robert. Nem mesmo penteara os cabelos, antes de sair com Eric.

— Quero vê-la — atalhou Robert, desvairado.

Eric se ofereceu para ir lá dentro do CTI cardíaco e ver como ia Anne. Mas, ao entrar lá, o que viu não foi muito animador. Havia-na entubado, estava com o respirador e havia meia dúzia de monitores apitando furiosamente ao redor dela. Havia posto um tubo intravenoso, toda a equipe a atendia e o chefe berrava ordens a todos. Só de olhar, Eric sabia não haver possibilidade de deixarem Robert vê-la, e, em um instante, achou também que o amigo não deveria assistir a isso. Ficaria apavorado.

Quando Eric saiu dali e voltou a vê-lo, na sala de espera, ambos os filhos de Robert haviam chegado, os rostos preocupados; Amanda chegara apenas alguns minutos depois. Todos pareciam ter conversado com Anne nos últimos dias e estavam atordoados. Anne, que sempre fora inteligente, saudável, ocupada e totalmente comedida, agora, em um instante, jazia lutando por sua vida, e todos ali se achavam impotentes para salvá-la. Amanda abraçou o irmão mais moço e chorou, na sala de espera. O filho mais velho estava sentado ao lado de Robert; Diana, do outro, ainda lhe segurava a mão. Mas, ali, enquanto esperavam, nada podiam fazer.

Pouco depois das sete horas o cardiologista chefe veio dizer-lhes que Anne tivera outro ataque cardíaco muito forte, sem recobrar a consciência; não precisou dizer-lhes como a situação era grave, todos sabiam. Robert pôs o rosto entre as mãos e chorou. Estava arrasado com o que acontecera, e não sentia vergonha de demonstrar. Se amá-la pudesse trazê-la de volta, seu amor faria isso.

Foi uma madrugada longa e cruel. Pouco depois das oito da manhã, quando Diana voltava da cafeteria com uma bandeja de desjejum para todos, o cardiologista voltou à sala de espera com expressão séria. Eric o viu primeiro e, assim como Robert, sabia o que acontecera antes mesmo que o médico dissesse qualquer coisa.

Robert, ali de pé, o olhava, como se quisesse, sem mesmo ouvi-lo, proteger-se do que iria dizer.

— Não! — exclamou, como se recusasse a acreditar no que ainda não fora dito. — Não. Não quero ouvir.

Parecia assustado, mas surpreendentemente forte, quase colérico. O olhar era feroz e estranho a todos que o conheciam. Vê-lo era de cortar o coração.

— Lamento, Sr. Smith. A sua mulher não sobreviveu à segunda trombose coronária. Fizemos tudo o que podíamos. Ela não recobrou a consciência. Massageamos o seu coração... mas não respondeu. Sinto muito.

Robert ficou a olhá-lo fixamente, como se fosse desfalecer. Em um instante, Amanda estava em seus braços; soluçava, incontável, a morte da mãe. Ninguém conseguia acreditar no que acontecera. Parecia impossível. Apenas horas antes Anne e Robert estiveram no jantar com os amigos, e agora ela se fora. Robert não conseguia entender; sentia-se apático ao abraçar a filha e, ao olhar por sobre o ombro dela, só conseguia ver Eric e Diana, chorando, e os dois filhos abraçados, soluçando.

O médico lhe disse o mais delicadamente que ele teria de falar a alguém para fazer os preparativos, e que, enquanto isso, Anne ficaria ali.

— Que preparativos? — perguntou ele, rouco.

— Vai precisar chamar uma casa funerária, Sr. Smith, e combinar tudo. Sinto muito — repetiu ele.

Depois, voltou à escrivaninha no CTI para falar com as enfermeiras. Havia formulários a preencher antes que saísse de folga. Robert e todos ficaram sem saber o que fazer na sala de espera, enquanto outras pessoas começavam a chegar. Eram, então, quase nove horas de uma manhã de sábado, e vinham visitar outros parentes.

— Por que não voltamos à nossa casa, por um momento? — sugeriu Eric, calmo, enxugando os olhos e abraçando Robert. — Podemos tomar café e conversar.

Eric fez a sugestão, olhando Diana, que concordou com a cabeça.

Diana levava Amanda pelo braço, e Robert caminhava saindo da sala de espera, com um filho de cada lado. Eric ia logo atrás deles. Caminhavam às cegas pelo hospital até saírem na manhã de inverno. Após a chuva da noite anterior, fazia um frio gelado e parecia que iria cair outro temporal. Mas Robert nada via, ao entrar em um táxi com os filhos, estava surdo, mudo e cego. Eric e Diana tomaram outro atrás deles e cinco minutos depois estavam no apartamento dos Morrison.

Diana se movimentava rápida e calma na cozinha, fazendo café e torradas para todos. Robert se sentou com os outros no *living*, parecendo acabrunhado.

— Não entendo — balbuciou, enquanto lhe punham à frente uma caneca de café, na mesinha de centro. — Estava muito bem ontem à noite. Nós nos divertimos muito, e a última coisa que disse antes de ir dormir foi que estava na expectativa da casa na França, no verão que vem.

— Que casa na França? — quis saber Jeff, o filho mais velho, ainda entorpecido.

— Alugamos uma casa em Saint-Tropez, com os Donnally e seus pais para o próximo mês de agosto — explicou Eric. — Estávamos vendo as fotos dela, ontem à noite. Sua mãe parecia bem. Agora, me lembro, parecia cansada e pálida, mas todos os nova-iorquinos se sentem assim, no inverno. Eu não consigo entender nada.

Eric agora estava irritado consigo mesmo, por não suspeitar de nada.

— Quando íamos para casa, perguntei-lhe se estava bem — explicou Robert, pensando no que acontecera. — Parecia cansada, mas como sempre trabalha muito, isso não parecia fora do comum. Hoje de manhã, ia dormir até tarde.

E, agora, dormia para sempre. Robert experimentou uma crescente sensação de pânico, ao perceber que não pedira para vê-la, mas admitiu que, mais tarde, poderia ter pedido. Não conseguia pensar em nada, a não ser na enorme perda que acabara de sofrer. E era como se, em sua cabeça, refizesse um filme, que gostaria que terminasse de modo diferente. Se o assistisse novamente, veria que Anne estava mais do que cansada e que ele poderia salvá-la. Mas esse exercício de tortura que maquinara não tinha sentido, todos eles sabiam disso.

Robert tomou apenas dois goles de café e não tocou na torrada que Diana lhe preparara. Em verdade, não conseguia pensar em comer coisa alguma, e tudo o que queria era vê-la e pegá-la.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Amanda, assoando o nariz num dos lenços de papel da caixa deixada discretamente por Diana em cima da mesa.

Amanda tinha 25 anos e nunca sofrera uma perda como essa ou qualquer outra. Para ela, a morte era totalmente desconhecida. Quando os avós

morreram, era pequena demais para lembrar. Em toda a vida, nem mesmo perdera um bichinho de estimação. E, para começar, esta agora era forte demais.

— Posso cuidar disso para vocês — ofereceu-se Eric, terno. — Telefonarei para Frank Campbell agora de manhã.

Frank Campbell era um agente funerário de renome que cuidara disso para os nova-iorquinos durante anos, até mesmo de Judy Garland.

— Tem idéia do que quer fazer, Robert? Quer cremá-la?

A pergunta o deixou arrasado. Não queria que Anne fosse cremada, queria-a viva novamente, no *living* dos Morrison, perguntando a todos eles por que eram tão idiotas. Mas a cremação não era idiotice. Era insuportável, impensável, intolerável para o marido e os filhos. Na verdade, os filhos estavam agüentando melhor do que ele.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar, papai? — ofereceu-se Jeff, calmo.

O irmão mais jovem, Mike, mostrou-se à altura da ocasião. Ambos haviam telefonado para as mulheres e lhes deram a notícia. Poucos minutos depois, Diana foi telefonar para Pascale e John. Ambos ficaram estupefatos quando lhes contou que Anne morrera naquela manhã. A princípio, não conseguiram entender.

— Anne? Mas estava bem ontem à noite — Pascale insistiu, como todos haviam feito. — Não posso acreditar... O que aconteceu?

Diana lhe contou tudo o que sabia. Pascale chorou ao contar a John, que lia o jornal. Meia hora depois, também chegaram à casa dos Morrison. Foi depois da uma da tarde que Robert finalmente voltou ao apartamento para vestir-se. E, ao ver as luzes acesas, as toalhas jogadas no chão do banheiro, que ele havia posto ali para cobri-la e aquecê-la, mais uma vez desatou a soluçar convulsivamente. Ao deitar-se na cama, sentia no travesseiro o perfume de Anne. Não conseguia agüentar.

Eric, de tarde, foi com ele à casa de Campbell, e o ajudou a suportar o que a situação exigia dele: tomar decisões, encomendar flores, escolher o caixão. Preferiu um elegante, de mogno, com o interior em veludo branco. Tudo aquilo era um pesadelo, e lhe disseram que, depois, poderia ver a mulher, quando o corpo fosse transportado do hospital. E, ao vê-la, com Diana perto, chorou muito. Chegou perto do corpo inanimado de Anne, Diana a observá-lo, e chorou em silêncio. Nessa noite, foi jantar com os netos na casa de Jeff. Jeff e a mulher insistiram em que passasse a noite com eles, e isso o acalmou. Amanda ficou com Mike e a mulher, Susan, no apartamento deles. Como ninguém quisesse permanecer sozinho, se sentiam gratos por isso.

Os Donnally e os Morrison, ainda sem conseguir acreditar no que acontecera, jantaram juntos nessa noite. Na anterior, Anne estivera com eles, e agora se fora, deixando Robert muito confuso.

— Detesto pensar em algo tão fora de propósito em tais circunstâncias — avisou Diana, prudente.

Todos mal tocaram nos pratos de comida chinesa pedidos em casa. Ninguém sentia fome.

Na casa de Jeff, Robert também não sentia fome. Não tocava em comida desde a noite anterior e não queria tocar.

— Estava pensando no que vamos fazer com a casa em Saint-Tropez — continuou Diana.

John parecia mais soturno que os outros:

— Já que você está sendo fora de propósito, também vou ser. A casa é muito cara, dividida por dois e não por três. Não podemos ir — afirmou ele, firme.

Pascale olhou o marido, constrangida.

— Agora não vamos pensar nesse assunto — respondeu ela, em um sussurro.

— Por que não? Ainda não confirmamos que a alugáramos.

Todos haviam concordado em mandar, na segunda, um fax do escritório de Anne.

— Sim, ainda não confirmamos — respondeu Pascale, parecendo envergonhada.

— O que isso quer dizer? — John olhava para ela, confuso.

— É uma casa ótima. Tenho medo de que alguém a alugue, então pedi a minha mãe que fizesse um depósito assim que o agente me telefonasse. Tinha certeza de que todos gostaríamos da casa.

— Ótimo — respondeu John, entredentes. — Sua mãe não nos paga nem um tubo de creme dental, a não ser que lhe mandemos o dinheiro. E, de repente, ela faz depósitos para a casa? Antes que concordemos com isso?

John parecia inflexível com Pascale, incapaz de acreditar no que a mulher lhe dizia.

— Eu lhe disse que a reembolsáramos — explicou Pascale, suave, parecendo desculpar-se com o marido.

A casa, no entanto, parecia um pouco melhor do que o agente garantira, e todos haviam gostado das fotos, e Pascale não errara.

— Diga-lhe que o dinheiro lhe será reembolsado — replicou John, firme.

— Não posso. Não é reembolsável, explicaram isso antes que pagasse.

— Oh, pelo amor de Deus, Pascale, por que diabo você fez isso?

John estava furioso com a mulher, mas, era óbvio, muito mais transtornado com a morte de Anne, e não sabia como se expressar.

— Você vai pagar tudo sozinha, com o seu dinheiro. Agora ninguém vai querer ir lá, e Robert com certeza não vai sozinho, sem Anne. Acabou-se. Esqueça a casa.

— Talvez não — respondeu Diana, calma. — Vai ser daqui a seis meses e meio. Talvez Robert esteja se sentindo bem melhor e vai fazer bem a ele sair

para algum lugar que nunca viu, tendo todos nós como companhia a confortá-lo. Acho que devemos fazer isso.

Eric a olhava, pensativo, e concordava com a cabeça.

— Você tem razão — Eric lhe reforçou a opinião.

Mas John não.

— E se ele não quiser ir? Nesse caso, teremos de pagar em duas cotas muito caras. Eu não vou. E não vou pagar — John olhava, furioso.

— Então, eu pago — respondeu Pascale, olhando-o firme. — Você é tão vulgar, John Donnally. Está utilizando isto como desculpa para não gastar dinheiro. Vou pagar a nossa parte, e você pode ficar em casa ou visitar a sua mãe em Boston.

— Desde quando ficou tão generosa? — ele quis saber, em um tom que a deixou desconcertada.

Mas, como os outros, Pascale estava transtornada com a morte de Anne e não com o marido.

— Acho que precisamos estar juntos, e Robert vai precisar de nós, mais do que sempre — insistia Pascale.

O casal Morrison concordou com ela. Esperavam que John concordasse, mas era muito obstinado.

— Não vou — insistia ele.

— Então, não vá. Nós quatro iremos — respondeu Pascale, calma, sorrindo triste para Eric e Diana. — Vamos lhe mandar cartões-postais da Riviera.

— Leve sua mãe.

— Talvez eu leve, sim — replicou Pascale.

E falou com todos:

— Então, tudo certo: vamos para Saint-Tropez, em agosto.

No momento, esse era o menor dos problemas, mas, de alguma forma, tornava-se confortador pensar em algo mais agradável. Todos pensavam em outro: a perda da querida amiga e em Robert. Não havia muito o que fazer por ele, mas poderiam oferecer-lhe ajuda. No entanto, embora sentisse como traição ir a Saint-Tropez sem Anne, Pascale declarou sentir que Anne teria gostado de que todos fossem e levassem Robert.

— Será muito difícil convencê-lo a ir conosco — afirmou Diana, sensata —, mas vamos ter muito tempo para conversar sobre isso. Vamos em frente e alugar a casa. Discutiremos isso com ele mais tarde.

Pascale desconfiou de que John teria cedido também. Mas era muito triste pensar nos cinco indo, sem Anne. Era inacreditável pensar que ela nunca mais estaria com eles.

Os Donnally foram para casa um pouco depois. Telefonaram a Robert, que estava na casa de Jeff, e lhe disseram o que pensavam. Robert, no entanto, estava transtornado demais para falar com eles durante muito tempo. Pascale ouviu que ele chorava. Chorara o dia inteiro, e ela queria que houvesse algo a fazer por ele, mas não havia. Prometeu encontrá-lo na casa funerária no dia seguinte, para verificar se tudo estava conforme fora pedido. O funeral fora marcado para terça-feira. Robert pedira a Jeff que telefonasse aos sócios de Anne, no escritório de advocacia. As noras telefonaram, comunicando, a longas listas de pessoas, antes que o obituário saísse no dia seguinte, no domingo. O próprio Robert o escrevera, e Mike o mandara para *The New York Times*, à tarde.

Era incompreensível, Robert pensou, ao deitar-se, no quarto de hóspedes no apartamento de Jeff e Elizabeth. Sentia-se totalmente desorientado de desgosto e chorou, sem vontade de comer. Deitado, pensava que nunca, em toda a sua vida, sentira-se tão arruinado e abandonado. Trinta e oito anos

maravilhosos haviam terminado em um só instante. E Robert, sem sombra de dúvida, estava absolutamente certo de que a vida também acabara.

Capítulo 3

O funeral de Anne aconteceu na Igreja de St. James, na avenida Madison, na tarde de terça-feira. Robert se sentou no banco da frente, na igreja com os filhos e as noras. Todos os cinco netos e os quatro melhores amigos estavam lá. A igreja, cheia de pessoas que conheciam marido e mulher, pessoas com quem Anne trabalhara, clientes, colegas e velhos amigos. Na entrada, com a filha segurando-lhe o braço, Robert parecia sofrer muito. Os dois e os filhos choravam. E, no silêncio da igreja, as pessoas mais próximas a eles ouviram Pascale soluçar. John se sentava impassível do lado dela, as lágrimas silenciosas a lhe escorrer pelas faces.

Os Morrison se sentaram próximos a eles, no segundo banco, com os olhos úmidos. Davam-se as mãos em silêncio. Para todos, era inacreditável que Anne se fora. O círculo sagrado da amizade fora quebrado, faltava agora uma peça importante. Haviam perdido uma amiga sempre lembrada.

O serviço foi breve e tocante. Quando saíram da igreja para seguir o caixão até o carro fúnebre, nevava lá fora. Já fora um inverno rigoroso, mas este dia em particular parecia excepcionalmente triste. Robert foi ao cemitério com os filhos, e deixou Anne lá, após umas poucas palavras breves do ministro, que os conhecera desde o casamento. E, então, Robert deu o último adeus. Parecia um morto-vivo quando finalmente entrou no carro e ficou de olhos fechados.

Depois do cemitério, todos foram para a casa dos Morrison, para almoçar com quem haviam convidado. Robert parecia um robô, andando para lá e para cá entre as pessoas, e, antes da hora, ele desapareceu. Nem mesmo avisou os filhos. John Donnally levou-o até em casa e detestou deixá-lo lá.

Robert se sentou, pesado, no sofá, e olhou fixamente o espaço. Nesse momento, estava por demais consternado até mesmo para chorar. Sentou-se apenas, os olhos fechados.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou John, tranqüilo, desejando que Pascale estivesse ali.

Ela era muito melhor que ele nesse tipo de coisa. Mas John sentira com certeza que Robert não queria mais ninguém, talvez nem mesmo ele.

— Não, obrigado.

John não estava certo se ficaria por alguns instantes. Robert nada falou. Sem saber o que fazer, John trouxe um copo de água e pôs na frente dele. Robert pareceu não vê-lo. Afinal, ele encostou a cabeça no sofá e fechou os olhos. No silêncio da sala, falou, sentindo a angústia total de suas palavras:

— Sempre achei que morreria primeiro. Ela era mais jovem e sempre pareceu tão forte. Nunca me passou pela cabeça que eu a perderia.

As pessoas haviam dito a ele, durante quatro dias, que nunca a esqueceriam, que o espírito de Anne viveria, mas, na verdade, estava tudo muito claro. E, então, olhou para John com pena imensa:

— John, o que vou fazer agora?

Não tinha idéia de como viver sem ela. Após 38 anos, Anne era parte dele, como sua alma.

— Acho que tudo isso vai passar dia a dia — respondeu John, sentando-se perto dele no sofá. — É tudo o que você pode fazer. E, um dia, vai se sentir melhor. Talvez não seja a mesma coisa, mas tem que continuar. Você tem seus filhos, seus amigos. As pessoas sobrevivem.

Não quis dizer que ele poderia algum dia casar-se novamente, embora isso no caso de Robert parecesse improvável. Ele a amara durante muito tempo, e não era o tipo de homem que voltaria a se casar. Mas, mesmo sem alguém mais na vida, tinha de continuar. Não tinha escolha. Tudo o que John podia fazer era rezar para que não morresse, que não renunciasse à própria vida.

— Talvez eu deva me aposentar. Não posso me imaginar voltando a trabalhar.

Nesse momento, Robert não conseguia se imaginar fazendo alguma coisa sem ela. Sua mais importante razão de viver desaparecera.

— É muito cedo para tomar essa decisão — aconselhara John, sensato. — Não faça nada ainda.

Se nada mais fizesse, Robert precisava distrair-se com o trabalho ou morreria. John já vira isso acontecer a outras pessoas e estava seriamente preocupado com o amigo.

— Vou vender o apartamento. Como posso viver aqui sem ela?

Os olhos estavam abertos e novamente se encheram de lágrimas.

— Se quiser, pode ficar conosco por uns tempos, até resolver o que deseja fazer.

Mas, na verdade, Robert queria ficar ali, com as lembranças de Anne. Pascale e Diana já haviam se oferecido para ajudar Amanda a desfazer-se das roupas da mãe, pois isso era difícil de enfrentar, e Robert dissera não querer que nada incomodasse. Ficava feliz ao ver os objetos dela no guarda-roupa, a camisola pendurada no banheiro, a escova de dentes no copo. Tudo isso o fazia iludir-se: Anne talvez estivesse em um congresso e voltaria. Mas o pior de tudo — todos sabiam — é que ele tinha de enfrentar algum dia a realidade: Anne se fora para sempre.

John ficou sentado ao lado dele, durante muito tempo, sem nada falar. Por fim, quando finalmente o aposento ficou às escuras, Robert quis dormir no

sofá. O amigo não queria deixá-lo e se sentou calado no escritório, passando uma vista pelos livros. E, às seis horas, telefonou para Pascale.

— Como ele está?

Como todos os amigos, Pascale estava muito preocupada com Robert.

— Adormeceu, está emocionalmente exausto. Não quero ir embora. O que acha que devo fazer?

Confiava na opinião de Pascale em assuntos do coração.

— Fique aí com ele. Acho que você deva passar a noite aí.

John já pensara no mesmo.

— Não o acorde. Quer que eu leve comida?

— Aqui tem o que comer — respondeu ele, vagamente.

John falara, mas não tinha certeza, nem procurara.

— Vou levar uns sanduíches e sopa — continuou Pascale, firme.

Pela primeira vez, John não fez quaisquer comentários sobre a culinária dela, estava-lhe grato. Perder Anne fizera-os lembrar de como a vida e os seus cônjuges são preciosos. Não tinha a menor idéia de como ajudar Robert. Todos sentiam-se do mesmo jeito.

— Daqui a pouco vejo você.

E quando Pascale chegou trazendo um saco de compras e uma baguete debaixo do braço, Robert acabara de acordar. Parecia desorientado e exausto, mas a longa sesta lhe fizera bem. Não dormia direito desde a noite de sexta-feira. Mas, ao ver a sopa e os sanduíches que Pascale trouxera para eles da cozinha, disse que não conseguiria comer. Ela via com facilidade que Robert já perdera peso e parecia mais magro.

— Você tem que comer. Seus filhos precisam de você, Robert. E nós também. Não pode adoecer.

— Por que não? — perguntou ele, cruel. — Que diferença faz?

— Muita. Para nós. Seja bonzinho e tome um pouco de sopa.

Pascale falava com Robert, como se fosse uma criança. Robert se sentou à mesa da cozinha e começou tomando a sopa. Foi apenas até o meio, e não quis os sanduíches que ela preparara, mas ao menos já se alimentara. Depois, Pascale sugeriu que John passasse a noite com ele.

— Não é preciso. Vocês dois devem ir para casa. Estou ótimo.

Essa era uma palavra que ninguém teria empregado para descrevê-lo, no entanto era uma idéia nobre.

— John quer ficar aqui — explicou ela.

Robert insistiu.

Finalmente, os Donnally foram embora, às dez horas. No carro, a caminho de casa, ambos pareciam cansadíssimos.

— Estou muito preocupada com ele — começou Pascale. — E o que será se ele perder as esperanças e morrer? Algumas vezes isso acontece.

— Isso não vai acontecer com ele — respondeu John, tentando acreditar no que dizia. — Não pode. Ele vai acabar superando, talvez não de todo, mas o bastante para trabalhar razoavelmente bem. Talvez seja o que todos esperamos.

Parecia uma afirmação triste sobre a vida futura de Robert.

— Não tenho certeza — afirmou Pascale, novamente enxugando as lágrimas.

Tudo era muito triste. Quem poderia prever que essa tragédia iria abater-se na vida deles, que Anne iria embora inesperadamente e tão cedo? Isso fez com que Pascale se aninhasse mais próxima do marido, no táxi que os levava para casa. Era uma advertência brutal de como a vida era efêmera, como foi interrompida rápido, como era frágil, de que eram mortais. E o recado fora muito bem ouvido.

Pascale e John, Eric e Diana, cada um deles telefonava todos os dias a Robert. Mas nenhum deles o viu na três semanas seguintes. Ele não conseguia ficar sozinho no apartamento e dormia no de Jeff durante as primeiras

semanas. Obedecia a um horário centrado nos filhos, e não foi trabalhar — durante um mês não foi ao tribunal. E quando, afinal, foi novamente, reviu os Donnaly e os Morrison. Naquela semana, voltara mais uma vez ao seu apartamento. E Anne se fora há um mês.

Ficaram chocados ao vê-lo, perdera muitos quilos e os olhos pareciam fundos. Pascale só conseguiu abraçá-lo forte e fazer tudo para não chorar. A dor de Robert a fazia lembrar-se de que haviam perdido Anne. E isso os deixava muito emocionados.

— Então, o que vocês têm feito? — Robert tentou parecer interessado, mas os olhos mostravam o contrário.

Era difícil contar o que haviam feito, pensado de suas vidas uns com os outros, sem sentir a dor da enorme perda. Mas, apesar disso, Robert estava feliz por vê-los novamente. Havia-lhe trazido bem-estar, e, lá pelo final da noite, já sorria de algumas das piadas de mau gosto de John e das sempre renovadas queixas sobre Pascale. No entanto, todos se sentiam mais alegres, mais tranquilos e mais carinhosos uns com os outros, mais do que antes. A morte de Anne dera a todos um recado alto e claro.

— Recebi, ontem, mais fotos da casa em Saint-Tropez — começou Pascale, bebendo café e tomando água mineral.

Sabia que era muito cedo para falar nisso e que o aluguel seria feito dali a cinco meses e meio, tempo bastante para Robert esquecer um pouco as mágoas.

Durante alguns minutos, Pascale falou sobre a casa. Então, Robert a contemplou com os olhos cheios de dor.

— Não irei com vocês — foi tudo o que disse.

Isso o fazia lembrar muito o verão que tanto quisera passar com Anne na França.

— Não precisa resolver agora — respondeu Diana, terna, olhando para Eric.

Eric concordava com a cabeça.

— Se não vier, John vai infernizar a vida de todos nós. Ele é pão-duro demais para pagar as duas cotas do aluguel da casa. Você precisa vir, pelo amor de Deus — atalhou Eric.

Robert mostrou apenas um sorriso, fraco e frio.

— Talvez Diana possa organizar uma criação de fundos para pagar o aluguel — sugeriu ele.

— Uma boa idéia — respondeu John, feliz com a sugestão e fazendo todos os cinco rirem. — Quem sabe a sua mãe possa ficar num canto, com um copo cheio de lápis, e nos dar uma mão — acrescentou ele, olhando para Pascale.

Os olhos dela brilharam. Era caçoada, mas havia mais de um mês que não se ouvia o riso que provocou.

— Na verdade, eu gostaria de honrar o nosso compromisso e pagar a nossa parte. Anne foi uma das que convenceu todos vocês. Não me importo de pagar a nossa parte. Apenas não quero ir — respondeu Robert.

— Não seja bobo, Robert — exclamou Diana, enquanto Pascale a olhava.

— Acho que realmente seria muito agradável — falou alto Pascale, todos a olhando. — Tenho certeza de que Anne iria querer também.

Robert concordou com a cabeça, humilde. Em seu estado desordenado, parecia-lhe razoável. Por que eles deveriam sofrer financeiramente por causa de sua perda?

— Digam-me quanto é e lhes dou um cheque — concluiu ele.

Mudaram o assunto da conversa.

Até mesmo John parecia constrangido com esse assunto, ao falar com Pascale, depois que todos foram embora.

— Não acha que é muito grosseiro pedir a Robert que pague uma casa que nem vai usar? Você diz que sou vulgar, esse pequeno truque parece terrivelmente francês.

Os olhos de John diziam desaprovar o que ela havia feito, mas Pascale, ao lavar os copos que haviam deixado sujos, não parecia constrangida.

— Se ele pagar, irá, mesmo que agora pense o contrário.

John sorriu. Pascale era uma mulher inteligente.

— Pensa realmente assim?

— E você não pensa assim?

— Eu? — John riu. — Diabo, se paguei, iria querer que o meu dinheiro valesse. Mas Robert é um pouco mais nobre do que eu. Não acho que ele vá.

— Eu acho. Ele não conhece o local, mas vai conhecer. E vai lhe fazer muito bem — Pascale parecia certa do que falava.

— Se ele for, espero que não leve todos os filhos, agora que Anne se foi. Os netos dele são muito barulhentos, e Susan me deixa nervosa.

Susan também deixava Pascale nervosa, bem como a outra nora, às vezes até Amanda e os netos falavam alto demais, mas, agora, Pascale não se importava com isso.

— Não importa. Tomara que Robert vá.

— Sabe, estou muito feliz que tenha feito isso — afirmou John, olhando-a com ternura. — Quando você lhe falou aquilo, eu quase me engasguei com o café. Achei que você tinha vivido muito tempo comigo — admitiu ele, impiedoso.

— Nem tanto — protestou ela.

Pascale estava calma. Curvou-se até ele para dar-lhe um beijo.

Desde que Anne falecera, Pascale viu o quanto John era importante para ela, e ele vira a mesma coisa. Apesar das freqüentes diferenças, ambos eram

muito felizes, e sabiam disso. Sabiam também que a vida é curta e algumas vezes muito encantadora.

Capítulo 4

Nos três meses seguintes, o grupo via Robert durante o jantar semanal; nos dois primeiros meses, telefonava-lhe todos os dias. Ele se sentia melhor do que antes, embora triste, e, sempre que o viam, falava de Anne. Mas as histórias iam do triste ao engraçado, e, embora ainda chorasse de vez em quando ao falar dela, Robert agora conseguia sorrir.

E também estava muito ocupado com o trabalho. Já falava em vender o apartamento, mas ainda não se desfizera dos objetos de Anne. Uma noite, quando Pascale e John o apanharam para jantar fora, viram a camisola de dormir de Anne no banheiro, a escova de cabelos na cômoda e o guarda-roupa da entrada cheio de casacos e botas. Mas, ao menos, se mantinha ocupado, com os filhos, e, agora, parecia mais animado com os amigos.

Começaram a falar sobre o verão, e insistiam em que Robert fosse encontrá-los em Saint-Tropez; no entanto, ele dizia que tinha muito trabalho. Mas, conforme prometera, enviou-lhes um cheque para pagar sua parte na casa. Robert disse que iria ficar em Nova York no próximo verão. Havia completado quatro meses da morte de Anne. Estivera ocupado com o espólio dela e criara uma fundação com seu nome, para entregar dinheiro a causas que tivessem algo a ver com a dela, a maioria com mulheres e crianças feridas. E se sentia animado quando lhes falava sobre a instituição.

— Nova York no verão é bela e rude — informou Eric, amigo.

Eric, embora admitisse que também teria de diminuir a viagem, dizia estar muito ocupado no escritório, e que um dos sócios ficara doente por vários meses. Diana estava infeliz com isso, mas resolvera que, se Eric retornasse mais cedo, poderia ficar na França com John e Pascale.

— Se Eric tiver de viajar e ficarmos apenas nós três, vai ser muito triste — informou Diana, parecendo aborrecida.

No mês anterior, ela parecera a Pascale muito estressada, sabia que Diana projetava realizar um enorme evento em Sloan-Kettering e noites e fins de semana trabalhava nisso.

— Robert, você de fato deve ir. Anne iria querer que você fosse, e pode levar os filhos.

— Vamos ver — foi tudo o que falou.

Era o primeiro sinal auspicioso que ouviam.

— Acha que ele irá? — perguntavam-se todos, depois que ele foi embora.

Robert disse que precisava ir cedo para a cama, tinha muita coisa a fazer no dia seguinte, no tribunal. E afirmara, divertido, que Amanda lhe tinha pedido para acompanhá-la a um acontecimento em *black-tie* com fins de caridade, a estréia de um filme importante. Ela e o namorado haviam terminado pouco tempo antes e não tinha par. Todos caçoaram dele, que era encantador e ia a estréias de filmes. Robert afirmou não aguardar a festa interessado, mas ouvira dizer que o filme era excelente.

Na semana seguinte, quando se encontraram, falou sobre isso:

— Então, como foi a estréia? — perguntou-lhe Eric.

Eric parecia especialmente bem, descontraído e feliz, apesar das longas horas de trabalho, e das noites sem dormir substituindo o sócio. Diana, cansada, perdera peso. Parecia mais calada que nunca. Pascale parecia preocupada, mas nada falava. Todos pareciam se preocupar muito um com o

outro, desde a morte de Anne. Mas perceberam que Robert, há muito tempo, não parecia tão bem.

— Foi interessante — confessou ele. — Deveriam estar, lá, quinhentas pessoas. A festa depois foi num jardim zoológico. Mas acho que Amanda está numa boa fase, conhece alguns atores, conhece um dos produtores, e um rapaz bonito, de blazer, sem gravata pediu para sair com ela. Acho que meus serviços como acompanhante em breve serão dispensados.

Mas, enquanto isso não acontecia, Robert levaria a filha a outro acontecimento, e Pascale se perguntava se Amanda estava sabendo distrair o pai. Era evidente que Robert ainda estava triste com a morte de Anne, o pai andava entretido e divertido. Isso deu uma idéia a Pascale.

Na manhã seguinte, telefonou a Amanda e sugeriu que fosse a Saint-Tropez com o pai.

— Fará muito bem a ele.

— Pode ser — afirmou Amanda. — Acho que papai está melhorando, mas diz que não consegue dormir.

Amanda estava preocupada com Robert, e Pascale adivinhou que a filha fazia tudo o que podia para conservá-lo ocupado.

— Papai se comportou muito bem na estréia, na semana passada. Não quer admitir, mas acho que ele se divertiu. Por alguns instantes, me perdi dele. Circulou muito bem, sozinho.

— Bem, veja o que pode fazer sobre Saint-Tropez — sugeriu Pascale. — Seria muito bom para ele.

— Sim — riu Amanda — e a mim também. Papai falou que a casa tem um barco. Disse que as fotos eram muito boas. Parece que a viagem vai ser ótima. Eu gostaria muito de ir.

— Há vários quartos para vocês e gostaríamos que fossem — informou Pascale, cordial.

Amanda respondeu que veria o que poderia fazer.

Na semana seguinte, haviam combinado um jantar com Robert, Ele, porém, cancelou o compromisso e afirmara ter muito trabalho a fazer. Ao fim das contas, isso foi bom, porque Eric tivera de fazer o parto de três bebês naquela noite e precisou desmarcar o jantar. E Pascale ficou de cama, com resfriado.

Pascale ainda se sentia tonta quando Diana lhe telefonou e disse que tinha algo a lhe contar, que a deixaria abismada.

— Você está grávida — respondeu Pascale, com uma ponta de inveja.

Diana riu.

— Com certeza, espero que não. Se estiver, os hormônios estão funcionando melhor do que penso.

Dois anos antes, Diana entrara na menopausa. Para ela, portanto, a gravidez não era mais uma opção. Assim como nunca fora para Pascale.

— Não, mas a notícia é quase tão espantosa quanto isso. Fui jantar com Samantha ontem à noite, depois que vocês cancelaram o jantar e Eric teve de trabalhar. Fomos ao Mezza Luna, ou pelo menos íamos. Acabamos indo a outro lugar depois que encontramos, sabe quem?

— Não sei... Tom Cruise, e quis marcar encontro com você?

— Claro que não. Robert. Jantava com uma mulher. Ele ria e sorria. Não reconheci a mulher, mas Samantha, sim. Não vai acreditar. Era Gwen Thomas.

— A atriz? — Pascale parecia atingida por uma bomba, e fora. — Tem certeza?

— Não. Mas parecia com ela. Samantha tem certeza de que era. Era bonita e jovem e parecia muito interessada na conversa com Robert, que parecia muito feliz.

— Como acha que ele a conheceu?

Robert, antes, nunca havia falado nela. Nem dissera que iria jantar com uma mulher, desde que Anne morrera. Pascale não conseguia imaginar se esta fora a primeira vez que os dois saíam juntos. Tinha de ser.

— Ela não é a estrela do filme que Robert viu com Amanda, na semana passada? — quis saber Diana.

— Acho que sim — respondeu Pascale, afundando novamente nas almofadas e olhando o espaço, pensativa. — Meu Deus, como é estúpido se começar a sair com atrizes, estrelinhas e modelos. Robert é tão vulnerável e, de certa forma, tão ingênuo. Ele e Anne ficaram casados uma eternidade. Ele nada conhece do mundo. Anne sempre disse que ele mal namorou antes de se conhecerem. Com certeza, ele nada sabe sobre namoros.

Nenhuma delas também. Todas estavam casadas há muitos anos.

— Não, não sabe — Diana concordou totalmente com ela.

Em silêncio, jurou protegê-lo, por amor a Anne e ao próprio Robert. Anne esperaria que as duas amigas fizessem isso. Robert parecia a última pessoa no mundo a sair com atrizes famosas ou, neste momento, com qualquer pessoa. Parecia impossível imaginá-lo com outra pessoa que não Anne.

— Quantos anos ela tem? — Pascale parecia sinceramente angustiada.

Tinha medo de que Diana dissesse 22, mas sabia que ela era mais velha. Era muito bonita e, recentemente, obtivera enorme sucesso. Ganhara o Oscar no ano anterior.

— Acho que tem trinta e muitos anos, talvez quarenta. Mas não parece. Parece da idade de Samantha.

— Como ele é estúpido. Se começar a sair com mulheres como essa, vai abandonar o grupo. Pareciam apaixonados?

— Não — respondeu Diana, honesta. — Não pareciam. Pareciam dois amigos — informou ela, aparentando calma.

— Onde será que se conheceram?

— Talvez na estréia.

As duas mulheres falaram, durante boa parte do tempo, sobre os perigos, as armadilhas e os ardis que iriam armar para o amigo, e esperavam dar-lhe um sermão quando surgisse oportunidade. Mais que nunca parecia importante que ele fosse a Saint-Tropez.

— Eu me pergunto se Amanda sabe que o pai saiu com essa moça ou até mesmo que se conhecem — ponderou Diana.

— Amanda contou que, na estréia, perdera o rastro dele — lembrou-se Pascale. — Vou convidá-lo para jantar na semana que vem e ver se ele vai contar alguma coisa sobre ela. Talvez eu deva lhe perguntar. Ele viu você?

— Não — admitiu Diana. Fiquei tão chocada que praticamente fugi dali. Não queria ser intrusa. E, de certa forma, acho muito bom que ele esteja saindo e vendo mulheres. Mas eu não queria que ele se magoasse.

Só de imaginá-lo nas garras de uma estrela de cinema, ambas ficavam aterrorizadas.

— De jeito nenhum — concordou Pascale. — Há muitas mulheres bonitas que todos conhecemos e podemos apresentar a ele, se estiver disposto. Eu não achava que estivesse.

Pascale ficou feliz quando Robert aceitou vir jantar na semana seguinte. Quando ela lhe telefonou para o escritório, no tribunal, ele parecia normal e muito sério como sempre.

Para surpresa de todos, durante o jantar, falou que se encontrara com Gwen.

— Quem é ela? — John parecera desconcertado quando Robert tocou no assunto.

Com cuidado, as duas mulheres estudaram seu rosto para ver se isso queria dizer alguma coisa.

— Ganhou um Oscar — informou Pascale ao marido, com olhar de desprezo. — Todos sabem quem ela é. É muito bonita.

E perguntou a Robert:

— Como a conheceu?

— Com Amanda, na estréia de um filme — explicou Robert, inocente.

Os olhos de Pascale e Diana se encontraram. Era exatamente como elas pensavam.

— É uma mulher interessante. Viveu na Inglaterra durante muito tempo e representou Shakespeare. Depois, antes de aparecer no cinema, trabalhou na Broadway. É muito sensata e tem boa cultura.

Diana parecia preocupada ao ouvi-lo. Os olhos de Pascale imediatamente se apertaram, desconfiados.

— Você sabe um bocado sobre ela — atalhou ela, casualmente.

John a olhou.

— Com quem se parece? — perguntou John, com crescente interesse.

Na verdade, queria saber exatamente o que Gwen significava para Robert, ou se haviam ido para a cama.

— É atraente — respondeu Robert, sem qualquer paixão em especial. — É ruiva. Divorciada.

Pascale conteve a respiração.

— Tem quantos anos? — perguntou Diana, calma.

— Quarenta e um — respondeu Robert, comendo o jantar.

Suas suposições estavam certas.

— Vivia na Califórnia e acabou de voltar para Nova York. Parece viver só. Não conhece ninguém por aqui.

Pascale e Diana estavam certas: Gwen fazia alguma manobra para enrolá-lo.

— Vai vê-la novamente? — Pascale não conseguiu deixar de perguntar, com olhar inocente.

— Não sei — respondeu Robert, vagamente. — Ela está ocupada e eu também. Vai começar a fazer outro filme em setembro e vai viajar neste verão com amigos. Acho que Anne iria gostar dela — afirmou, calmo, sorrindo para as amigas.

Robert não percebia o que as duas amigas pensavam. Conseguiram esconder dele, pelo menos.

Diana, cautelosa, não sabia por onde começar.

— Robert, tenha cuidado. Há muitas mulheres que manipulam os homens ou são muito astuciosas. Você há muito tempo não sai com mulheres.

Ela falava com ar fraternal. Robert sorria.

— Não estou “saindo” — afirmara ele, olhando-a nos olhos. — Ela é amiga, apenas amiga.

Com isso, a conversa terminou. Após o jantar, depois que cada um foi para casa separadamente, Eric disse a Diana que ela fora longe.

— Ele é adulto. Tem o direito de fazer o que quer. E se conseguir agarrar alguma estrela de cinema para o primeiro encontro, ótimo.

Eric parecia tanto admirar quanto se divertir.

— Robert não sabe o que faz — insistiu Diana. — Deus sabe que tipo de peixe voraz essa moça é. Ele nem falou se ela tem filhos.

— Que diferença isso faz?

— Se tivesse, seria uma pessoa estável, e, pelo menos, meio-caminho andado para ser uma pessoa decente.

— Pascale não tem filhos e é uma excelente pessoa. Que bobagem. Muitas mulheres “decentes” não têm filhos.

— No caso de Pascale, é diferente, e você sabe disso. Estou apenas preocupada com ele.

— Eu também. Mas, se está saindo com mulheres é um ótimo sinal, e me sinto bem melhor. Por que você e Pascale não se preocupam com vocês mesmas

e deixam o pobre homem em paz?

— Quisemos avisá-lo para seu próprio bem — insistiu ela.

— Esta foi a melhor coisa que lhe poderia acontecer. E ela talvez seja uma moça simpática.

Eric preferia admitir o melhor ao pior, diferente de Diana e Pascale, que sempre detestariam Gwen, para proteger Anne.

— Uma estrela de cinema? Está brincando? Como isso é possível? — Diana insistia em seu ponto de vista.

— Não é muito provável, admito. Mas, ao menos, Robert vai se divertir um pouco com ela.

Ao falar, os olhos de Eric faiscaram. Ao ir ao banheiro para tirar a roupa, Diana parecia aborrecida. A confraria dos homens sempre se manteve unida, e já que Robert conseguia se “divertir”, quem se importava com o tipo de vagabunda que Gwen Thomas era? Evidentemente que Eric não.

John, em casa, repetia a mesma coisa a Pascale.

— Oh, *alors!* — debatia Pascale com ele. — E se ela estiver lhe magoando o coração ou usando-o?

— Usá-lo para o quê? — perguntou John, visivelmente irritado. — Diabo, consigo pensar em coisas piores do que ser “usado” por uma estrela de cinema.

— Bem, não consigo. Robert é um homem bom, carinhoso, decente, digno e inocente.

— Quem sabe ela também.

— *Mon oeil!* Duvido! Você deve estar bebêdo. Ou talvez com inveja dele.

— Oh, pelo amor de Deus! O pobre-coitado está inconsolável com a morte de Anne. Deixe-o se divertir.

— Não — Pascale olhou-o com raiva. — Com a pessoa errada, não.

— Dê uma oportunidade ao pobre-coitado. Talvez nunca mais tenha visto Gwen. Tenho certeza de que um juiz da corte suprema, de 63 anos, não esteja

entre os objetivos de romance de uma jovem. Talvez Robert esteja dizendo a verdade e sejam apenas amigos.

— Temos que tirá-lo de Nova York e fazê-lo ir a Saint-Tropez — respondeu ela, com firmeza.

John riu e não pôde deixar de fazer uma brincadeira:

— Talvez Robert devesse levar a moça.

— Por cima do meu cadáver e por cima do cadáver de Diana — avisou ela, nobre.

John abanou a cabeça, deitando-se na cama.

— Que Deus o ajude. A Delegacia de Costumes está aqui para proteger o pobre-coitado. Espero que Robert não vá a Saint-Tropez, para seu próprio bem.

— Você tem de convencê-lo a ir — Pascale parecia implorar ao marido. — Temos o dever de proteger Robert dessa mulherzinha, por amor a Anne.

Na véspera, tal como Diana, Pascale resolvera, fanática e firmemente decidida, proteger o amigo.

— Não se preocupe, haverá outras. Pelo menos espero, pelo próprio bem de Robert. O que vocês gostariam que eu fizesse, arranjar-lhe uma boneca de feitiçaria para que possam protegê-lo? Tenho certeza de que poderia conseguir uma, em algum lugar.

— Então, arranje — acrescentou Pascale, parecendo honrada e zangada. — Temos de fazer tudo o que pudermos.

Pascale estava agora em uma missão sagrada. John abraçou-a na cama enorme e aconchegante e tudo o que poderia fazer, neste momento, era rir.

Capítulo 5

O último jantar a que os Morrison, os Donally e Robert foram juntos foi no Four Seasons, pouco antes de Pascale viajar, em junho. Conversaram sobre vários assuntos e, inevitavelmente, falaram na casa em Saint-Tropez. Robert ainda insistia em não querer ir lá. John o lembrou de que já havia pago um terço e, portanto, poderia muito bem ir.

— Foi apenas para honrar o compromisso de Anne — respondeu ele, parecendo novamente triste. — Ela queria muito ir. Iria adorar.

Ao falar isso, Robert tinha um olhar distante.

— Você também vai adorar — continuou John, prosaicamente. — Eu também não queria ir. Já tinha falado a Pascale que não iria quando descobri que ela havia feito um depósito antes de eu concordar com isso. Mas, que diabo.

John parecia um pouco envergonhado ao falar nisso. Havia muito reembolsado a sogra e concordado em ir.

— Será divertido. Por que não vai conosco? Acho que Anne iria querer que você fosse.

Todos sabiam que Anne sempre fora muito generosa.

— Talvez — respondeu Robert, calmo, pensando. — Vai ser ótimo para Amanda. Talvez vá comigo por algum tempo. Não preciso ficar o tempo todo.

— Há muitos quartos para Jeff e Mike também irem, mesmo com toda a família — explicou John. — Temos muitos quartos. Acho que Katherine e o marido vão ficar uns dias conosco.

Quando Diana afirmou isso, Pascale e John trocaram um olhar. Ela sabia que John não gostaria de ter por perto os netos de Diana. Pascale lhe deu um olhar fulminante — e John nada falou.

— No verão, os meninos vão para a ilha Shelter e não teriam tempo de ir à França. Mas Amanda vai. Vou lhe pedir. Se ela for comigo, vai me fazer bem.

— De qualquer forma, será bom — atalhou Diana.

Mais uma vez, Pascale percebera que, nessa noite, Diana parecia tensa. Eric, porém, estava bem e muito amável com ela. Mas Pascale percebeu que Diana ficava fria com ele, ao contrário do que sempre fora. Normalmente, ambos eram carinhosos e apaixonados.

— Vocês vão saber daqui a alguns dias — foi tudo o que Robert falou.

Um dia antes de Pascale viajar, Robert lhe telefonou e lhe contou que Amanda concordara. Ela ficaria com eles durante cinco dias. Ele ainda não tinha certeza, mas pensava ficar duas semanas.

— Fique o tempo que quiser — Pascale ficou encantada. — A casa também é sua.

— Vamos ver.

E surpreendeu com o que disse a seguir.

— Devo levar uma amiga.

Todos deram uma longa pausa. Pascale procurou as palavras certas para lhe perguntar o que isto significava.

— Uma amiga?

— Ainda não sei. Eu lhes falo, quando tiver certeza.

Pascale quis lhe perguntar quem era ela, mas não se atreveu. Não conseguia perguntar. Não deveria ser Gwen Thomas, porque Robert acabara de conhecê-

la. Mas queria saber se ele estava se encontrando com mais alguém. Sabia que Robert ainda estava triste por causa de Anne, e parecia arrasado ao falar sobre ela, mas, no último jantar, percebera que Robert estava muito bem. Saía muito, via pessoas, ia a jantares, jogava tênis. Parecia mais jovem e mais saudável que antes e emagrecer lhe fizera muito bem. Agora, era muito estranho pensar nele como solteiro, tinha de admitir que ele era muito atraente, e, súbito, parecia mais jovem do que quando casado com Anne.

Pascale deu a Robert seu telefone em Paris e lhe disse que estava indo para Saint-Tropez dois dias antes de começar o aluguel. Os donos da casa haviam dito que ela poderia chegar mais cedo, para abrir a casa e arrumá-la. Não era usada havia dois anos.

— Quero que tudo esteja preparado quando vocês chegarem lá.

John e os Morrison iriam chegar em primeiro de agosto, e Robert informou que planejava viajar no dia três. Amanda talvez chegasse com ele, para ficar cinco dias.

— Me telefone se precisar de alguma coisa — declarou Robert.

Robert foi logo para o tribunal, antes que ela lhe perguntasse novamente sobre a sua “amiga”. Pascale ficou sem saber quando chegariam e, se fossem, quanto tempo ficariam.

Uns poucos minutos depois, ela telefonou a Diana para lhe dizer que Robert iria. Diana disse ter ficado emocionada. Mas Pascale a achou distraída e tensa, e, por fim, Pascale resolveu perguntar-lhe em que estivera pensando.

— Alguma coisa errada?

Diana gaguejou por apenas uma fração de segundo e, depois, fez questão de afirmar que tudo estava bem.

— Foi quando Pascale lhe falou sobre a “amiga” de Robert.

— Que tipo de amiga? — Diana parecia perplexa com o que Pascale lhe contara.

— Não sei. Não tive coragem de lhe perguntar. Deve ser alguma juíza ou advogada.

— Espero que não seja aquela atriz — respondeu Diana, parecendo aborrecida.

Mas concordou com Pascale que não poderia ser ela. Ambos mal se conheciam, e era muito cedo para Robert levá-la a qualquer lugar, quanto mais à França. Quando chegassem a Saint-Tropez, faria sete meses que Anne se fora.

— Que bom que Amanda vai com ele. Será muito bom para Robert.

Muito embora talvez isso não fosse muito bom para todos. Amanda era uma menina encantadora e adorava o pai, mas, durante anos, tivera algum tipo de conflito com a mãe e algumas vezes passava esse mal-estar para os amigos da mãe. Ter uma moça da sua idade por perto não seria sempre fácil para eles.

— Na verdade, Robert não precisa de Amanda — respondeu Pascale, prática. — Ele nos tem. Amanda, de vez em quando, é um pouco difícil. Costumava irritar Anne.

Durante anos, Anne brigara com a filha. Os rapazes sempre haviam sido mais dóceis com a mãe.

— Tudo bem, ela era mais jovem, e será por apenas cinco dias. Robert ficará feliz. Estou contente que ele tenha concordado em ir — animou Diana, generosa.

— Eu também — respondeu Pascale, parecendo contente.

Levara cinco meses para convencer Robert a ir, após a morte da mulher. E, dentro de seis semanas, todos eles estariam juntos na França, para alegria de Pascale.

— Me telefone quando vir a casa — insistiu Diana.

Pascale prometeu que sim.

— Aposto que vai ser maravilhoso — disse Diana, parecendo alvoroçada.

Pascale riu. Ainda estava preocupada com a amiga, mas, esperava, não deveria ser problema de saúde. Após a morte de Anne, sentia-se mais ansiosa do que sempre com relação à amiga. Admitia que, não importa o que a preocupasse, conversariam sobre isso na França.

— Se a casa não for ótima, John vai me matar. Ainda chora o que gastamos — acrescentou Pascale, a rir.

— Pode valer cada centavo. Mas John sempre reclama.

Os outros haviam pago sem reclamar as partes que lhes cabiam; muito embora fosse um preço justo para todos, não o era para John. Ele ainda estava furioso com a despesa, quando Pascale viajou para a França.

Como sempre, Pascale se divertiu por estar novamente na terra natal, revendo velhos amigos, indo aos restaurantes e lojas preferidos. Passou uma tarde no Louvre, vendo novas exposições e fuçando algumas lojas de antiquário na Margem Esquerda. Foi ao teatro e se divertiu durante algumas noites tranquilas com a mãe, a avó e a tia. As visitas a Paris lhe recarregavam as baterias para o ano inteiro. Pela primeira vez, achou que a mãe estava com a saúde satisfatória. E, não diferente do que John falara sobre a sogra, a mãe de Pascale se queixava dele sem parar. Segundo ela, o genro era baixo demais, gordo demais, não trabalhava o bastante, não ganhava muito dinheiro, vestia-se como americano e nunca se esforçara por aprender francês. Pascale se acostumara a defendê-los um ao outro, e ficava surda às reclamações que a mãe fazia do marido. Quando John telefonou, nada lhe falou sobre isso, mas o marido falou cobras e lagartos da sogra. Ambos formavam um par perfeito. Presente a tudo, a tia nada falou. Era surda como uma porta, não podia ouvir o que a irmã dizia sobre John, e sempre o achava um homem muito cordial. Só lamentava que o casal nunca tivera filhos, mas Pascale não parecia preocupar-se. A avó de Pascale dormia a maior parte do tempo e sempre achava John muito agradável.

Sempre que estava em casa com a família, Pascale parecia ser ainda mais francesa. Descuidava-se do inglês, o que a fazia esquecer palavras bem conhecidas ao falar com John. O modo de falar ficava mais francês e comprava apenas romances franceses e os lia mais tarde, à noite. Comia todos os seus pratos prediletos e fumava cigarros Gauloises. Todos os movimentos, todos os gestos, todas as expressões, todas as palavras, tornavam-se inconfundivelmente francesas.

No final de julho, ao viajar para o sul da França, sentia-se descontraída e em boa forma. Perdera uns poucos quilos, apesar dos grandes jantares, dos queijos e das sobremesas que amava. Mas fizera muito exercício, andando por toda Paris, e ficara mais bela que nunca. Um dia antes de Pascale ir para Saint-Tropez, a tia e a mãe foram para a Itália, como sempre haviam feito. Pascale saiu em silêncio do apartamento, a avó dormia como sempre, e informou à enfermeira onde poderia ser encontrada no sul da França.

O voo para Nice estava lotado, com casais, famílias e crianças, montanhas de bagagem e muitíssimos sacos de compras com chapéus de palha e comida, e tudo que se possa imaginar. Todos os assentos estavam tomados, mas os passageiros pareciam de ótimo humor. Como a maior parte dos franceses, tinham um mês de férias e iam para o sul. Muitos levavam os cães. Ninguém, exceto os ingleses, ama os cães como os franceses. A única diferença é que os ingleses tratam os cães como cães. Os franceses levam-nos aos restaurantes, alimentam-nos à mesa, carregam-nos em malas de mão e afofam-lhes os pelos. Os cães no avião começaram a latir deixando todos loucos no voo. Mas Pascale não parecia se importar com eles: sentada, olhava pela janela, pensando no divertimento que teriam em Saint-Tropez. Em criança, passava os verões em St. Jean Cap-Ferrat e Antibes. Saint-Tropez sempre tivera mais alma e sempre fora mais distante. Nice estava a, no mínimo, duas horas de carro. E, se

houvesse muita gente, seria pior. O modo mais fácil de ir a qualquer ponto da Riviera era de barco.

Quando aterrissaram no aeroporto de Nice, Pascale apanhou as malas. Comprara algumas roupas de praia em Paris, que a fizeram juntar uma terceira mala às duas que trouxera dos Estados Unidos. Esperava achar um carregador para ajudá-la a levar até a locadora e, depois, até o carro. Sabia que, se John estivesse com ela, ele a obrigaria a carregar no mínimo duas malas e, ao fazer malabarismos com as outras, reclamaria. Carregava uma bolsa de mão da Hermès e outra enorme, de palha, de praia. Era evidentemente um bocado de coisas. O carregador felizmente pôs tudo na mala e no banco traseiro de um Peugeot alugado. Meia hora depois de ela ter aterrissado, Pascale estava a caminho de Saint-Tropez.

Nessa época do ano, como esperado, as estradas estavam congestionadas, havia muitos carros conversíveis, homens elegantes, mulheres bonitas e um verdadeiro rebanho de Deux Chevaux, os carrinhos que pareciam multiplicar-se como coelhos na França. Mas John não achava que estivessem a salvo. Mesmo reclamando do preço muito alto, sempre queria que ela alugasse um carro adequado. Pascale preferira um Deux Chevaux, que significa “dois cavalos”, que mais parecia um.

Eram quase seis horas quando Pascale chegou a Saint-Tropez. Tomou a estrada D98, depois a N98 e a D25, e dirigiu pela Route des Plages, utilizando as instruções que lhe haviam dado. Vinte minutos depois, estava procurando o endereço, temerosa de ter tomado a estrada errada. Estava ficando com fome, mas queria largar a bagagem na casa antes de procurar um lugar onde comer. Pensava em comprar alimentos até o dia seguinte. Enquanto pensava nisso, passou por um par de colunas de pedra, aos pedaços, com um grupo de portões de ferro enferrujado. Sorriu, pensando em como a área tinha muito encanto. Sentia-se muito bem ao voltar à França. Após passar pelos portões em alta

velocidade, foi adiante. Dez minutos depois, ao verificar com atenção os números, percebeu ter passado pelo endereço. Fez manobra com o carro, voltou e passou novamente pelo número. Desta vez, depois de voltar, dirigiu mais um pouco. Sabia que a casa deveria estar ali, em algum lugar; a entrada estava obviamente escondida ou era muito discreta. Por fim, pouco antes de chegar, localizou o número e parou o carro para verificar. Ao fazer isso, viu que estava mais uma vez perto dos portões de ferro. Olhou com mais cuidado e viu uma pequena tabuleta suja, pendurada em um simples prego enferrujado. Havia alguma coisa errada, era óbvio. Os portões enferrujados mostravam o número da casa que haviam alugado. A tabuleta dizia claramente *Coup de Foudre*, que, em francês, ao pé da letra, significa “raio de tempestade” e que também tem outro sentido mais poético, “amor à primeira vista”. Era o anoitecer de uma noite quente, e Pascale, calada, entrou dirigindo pelos portões.

Havia um caminho estreito e curvo, com arbustos esgalhados que arranharam todo o carro ao passar por eles, e Pascale sentiu indefinido receio. Esta não era a entrada que ela esperara ou vira no folheto. O mato no meio da estradinha era tão alto que Pascale precisava se desviar de muitos deles. Em verdade, mais pareciam arbustos, todos estavam muito crescidos. Parecia a cena de um filme de horror ou de mistério, e Pascale riu ao fazer a última curva e ao ver a casa. A porta fora com certeza “discreta”. Da estradinha nada se podia ver da propriedade. Quando Pascale conseguiu avistar a casa, pôs o pé no freio e deu uma parada. A construção da *villa* tinha enorme trepadeira, exatamente como a foto mostrava, com bonitas janelas até o chão, e hera cobrindo as paredes, mas as fotos pareciam tiradas há cinquenta anos. Isso indicava que, desde então, a casa ficara abandonada, em sério desmantelo. No mesmo instante, Pascale teve certeza de que os donos não vinham ali havia mais de dois anos, sem falar no fotógrafo que fizera o folheto.

Havia um enorme gramado na frente da casa, com capim e ervas daninhas que batiam pela cintura. Havia alguma mobília de jardim velha espalhada por ali e um guarda-chuva velho, esfrangalhado, largado sobre uma mesa de ferro, enferrujada, que parecia infectar de tétano quem comesse ali. O lugar parecia uma cena de cinema, e, por um rapidíssimo segundo, Pascale quis perguntar a alguém se isso era piada. Mas, claro, não era. Era a casa que haviam alugado. E pelo menos para Pascale este não era um “amor à primeira vista”, estava mais para algo atingido por um raio do que para um primeiro amor.

— *Merde!* — exclamou ela, lentamente, olhando sem sair do carro.

Só lhe restava rezar para que o fotógrafo tivesse sido mais honesto ao tirar fotos do interior da casa. Mas parecia que não, pensava ela ao encostar o carro no meio-fio, sair dele, tropeçar e pisar em um buraco. Os caminhos ao redor da casa estavam cheios de “crateras” e havia poças de lama. Havia algumas flores que cresciam ao acaso. Os belíssimos canteiros de flores nas fotos haviam desaparecido anos antes. Pascale pensou em buzinar. Sabia que havia um casal à sua espera, porque lhes havia escrito avisando quando iria chegar. Mas, apesar de várias buzinas longas, não houve resposta. Pascale foi andando com cuidado até a porta da frente.

Havia uma campainha. Tocou-a, mas ninguém veio atender. Ouviam-se apenas os latidos de cães, que, pelo som, eram, no mínimo, duzentos, e que deveriam ser pequeninos. Ninguém apareceu por quase cinco minutos; depois, afinal, ouviu passos dentro de casa. Pascale estava aborrecida, quando, por fim, a porta se abriu, e a única coisa que conseguiu ver foi uma bola enorme de cabelos louros, compridos, naturalmente crespos, descoloridos. Estavam arrepanhados para o alto, na cabeça da mulher. Mais pareciam a peruca de um violento filme de drogas, da década de 1960, e o rosto, emoldurado por eles, era miúdo e redondo. Pascale só conseguia se lembrar agora que o nome da

mulher era Agathe, e ela o confirmou, indecisa, tentando não pôr em evidência excessiva os cabelos.

— *Oui, c'est moi.* — Sou eu. Claro que era. Quem mais?

Usava um corpete alto, quase lhe fazendo explodir os seios, dilatar o estômago; eram os shorts mais curtos que Pascale já vira. O corpo, muito gordo, parecia um balão, sem praticamente cintura. Viam-se apenas o estômago e os seios, e tinha uma coisa de bom: belas pernas; para desapontamento de Pascale, ela usava sapatos com saltos de quinze centímetros de altura. Esse tipo de sapato era chamado “FMQs” nos anos 1950. A mulher olhou para Pascale, como que desinteressada, com um cigarro Gauloise *papier maïs*, o papel de palha, pendurado nos lábios. A fumaça se elevava devagar em um rolo longo e cinzento, e a forçava a fechar um olho. Ela era um espetáculo à parte. Rodopiando ao redor de seus pés havia três cãesinhos brancos, que latiam furiosamente. *Poodles*, imaculadamente tratados. Ao contrário da dona, pareciam ter ido ao cabeleireiro há poucos minutos. Cada um deles usava um lacinho cor-de-rosa. Pascale continuava a contemplar a mulher, tentando definir-lhe inconscientemente a idade. Deveria estar por volta dos cinquenta anos, mas a pele era lisa no rostinho reconchudo.

Pascale se apresentou. Enquanto um dos *poodles* tentou mordê-la no tornozelo, o outro lhe atacava o sapato. Agathe não se preocupou em lhe dizer que parassem.

— Não mordem — Agathe tranquilizou Pascale, desviando-se deles.

Pascale deu uma olhada no *living*. Parecia um *set* do filme *A noiva de Frankenstein*. A mobília era velha e danificada. Viam-se teias de aranha caindo do teto e do candelabro; os tapetes persas, nada elegantes, estavam todos puídos. Por um momento, Pascale não soube o que dizer; depois, olhou a mulher, sem acreditar.

— Foi esta casa que alugamos? — perguntou Pascale, a voz mais parecendo um grasnar.

Rezava para que a mulher lhe dissesse que a casa alugada era mais adiante. Quando Agathe respondeu que sim com um risinho, o coração de Pascale desmoronou. Nesse instante, o terceiro cão lhe mordia furiosamente o outro sapato. Amor à primeira vista não era. Exceto, talvez, da parte do cão.

— Por enquanto, está fechada — explicou Agathe, alegre. — Com a luz do sol, amanhã, ficará ótima.

Precisaria algo mais que luminosidade para tornar a casa um pouco diferente de um túmulo. Pascale jamais vira algo tão soturno. Das fotos reconheceu apenas a lareira e a vista, e ambas eram excepcionalmente bonitas. O restante era uma calamidade. Ela não tinha idéia do que fazer. Os outros chegariam em dois dias. Teria que chamar a corretora de imóveis e recuperar o dinheiro. Mas, e depois? Onde ficariam? Nessa época do ano, todos os hotéis estariam cheios. E não poderiam ir à Itália ficar com sua mãe. Seus pensamentos se precipitavam, e a mulher com o cabelos louro-africanos parecia divertir-se.

— O mesmo aconteceu com o pessoal do Texas, no ano passado.

— O que fizeram?

— Processaram a corretora de imóveis e o proprietário. E fretaram um iate. Pelo menos, era uma idéia.

— Posso ver o restante da casa? — perguntou Pascale, fraca.

Agathe concordou com a cabeça e saiu sapateando pelo chão novamente com os seus sapatos de salto alto.

Nesse instante, os cães haviam se acostumado a Pascale e só ficaram latindo, em vez de tentar atacá-la. Agathe os enxotou. Eram inacreditavelmente barulhentos. Pascale queria matá-los, enquanto seguiam Agathe pelo *living*.

A casa era tão grande como aparecia nas fotos, mas, na sala, nada havia da mobília de madeira. A sala de jantar era comprida, nua e vazia, com uma antiga mesa de refeitório, cadeiras de lona sujas e um candelabro pendendo do teto por um fio. Por toda a mesa, velas haviam pingado espermacete; parecia que há anos ninguém se preocupara em limpá-la. Mas, ao ver a cozinha, Pascale sentiu como se tivesse levado um soco no estômago, e só conseguiu gemer. Era muito suja e sem ao menos uma mangueira de incêndio. Tudo cheio de gordura e fuligem, o ar pesado, com o cheiro de comida velha. Era evidente que Agathe não perdera tempo limpando a casa.

Os quartos de dormir, ligeiramente melhores, eram enormes, simples e arejados; quase tudo neles era branco, exceto os trapos dos tapetinhos florais, sujos, no chão. Quanto à vista dos quartos de dormir, de onde se via o mar, era tão espetacular que ninguém percebia ou se preocupava com eles, que precisavam de algo na decoração. Talvez fosse possível, se Agathe se dedicasse e se alguém enchesse o aposento com flores, passar a noite ali. A suíte principal era a melhor, mas as outras, razoavelmente decentes, estavam apenas sujas e precisando de sabão, cera e ar.

— Gostou dos quartos? — perguntou-lhe Agathe.

Pascale não soube o que responder.

Se ficassem ali, o que duvidava, haveria muito trabalho a fazer. Pascale, no entanto, não conseguia imaginar que ficassem ali, sabia que os seus amigos eram exigentes. Diana gostava de tudo perfeito e imaculadamente limpo; Eric também, e sabia que nem Robert nem John esperavam isso, principalmente por causa do preço que haviam pago. Ela não sabia o que lhes apresentar em substituição, e detestava a idéia de não passar um mês em Saint-Tropez. Sabia que John nunca iria perdoá-la. Só agradecia a Deus que sua mãe não tivesse encontrado a casa e pensava falar com a corretora de imóveis. Talvez ela pudesse encontrar-lhe outra casa.

Um olhar nos banheiros lhe confirmou os piores temores. O encanamento tinha quarenta ou cinqüenta anos, e havia sujeira, de muito tempo, em todos os cantos. Evidente que Agathe não limpava os banheiros, as janelas, o assoalho ou qualquer outro local. O lugar era uma vergonha. E ela não poderia censurar o pessoal do Texas por processar os proprietários e a corretora de imóveis. Também pensava em fazer isso. Súbito, ficou tão irritada e desapontada que quis gritar.

— *C'est une honte!* — É uma desgraça! —, gritou ela a Agathe.

A expressão do rosto de Pascale não era francesa, mas parisiense. Se não se contivesse, teria dado um chute nos três cães que latiam.

— Quando limpou esta casa pela última vez?

— Hoje de manhã, *madame* — respondeu Agathe, parecendo insultada.

Pascale balançava a cabeça, com uma raiva mal disfarçada. Era evidente que, há anos, ninguém limpava o local.

— Onde está o jardineiro, o homem? O seu marido. Não pode chamá-lo aqui?

— Marius não faz serviço doméstico — respondeu Agathe, ficando nas pontas dos pés.

Era tão alta quanto Pascale, apesar dos saltos de quinze centímetros e de a cintura ser três vezes mais larga.

— Bem, se ficarmos aqui, Marius terá de fazer o serviço doméstico — advertiu Pascale.

Seus olhos chispavam, ao descer as escadas para usar o telefone. Havia apenas um, na cozinha. Pascale sentia um pouco de medo de tocar nele; estava tão gorduroso quanto o fogão. E, quando falou com a atendente no escritório da corretora de imóveis, fez sentir a chispa em palavras insultuosas.

— Como pôde... como se atreveu...

Ameaçou com processos, lesões corporais, mortes e lhe disse que teria de achar outra casa ou suítes em hotel. Mas ficar em um hotel não seria tão divertido, sem falar nas despesas. Ela morria de medo de John e novamente xingava a corretora de imóveis.

— Não há a menor possibilidade de ficarmos aqui, é inabitável... porco... nojento... *déguelace*... Ouviu? O que está pensando? O lugar não é limpo há vinte anos.

Ao ouvir isso, Agathe deu um chute com raiva nos cães.

Pascale ficou meia hora ao telefone com a corretora de imóveis.

Ela prometeu vir na manhã seguinte para ver como poderia ajudar, mas adiantou a Pascale não haver outro imóvel para alugar em Saint-Tropez. Insistiu em afirmar que esta casa era boa, precisava apenas fazer uma limpeza com aspirador de pó e um pouco de sabão.

— Está maluca? — Pascale gritou com ela, não conseguindo mais refrear a serenidade. — Este local precisava de uma bomba atômica. Quem vai fazer isso? Meus amigos vão chegar dentro de dois dias. São americanos. É isto exatamente o que eles pensam da França. Vocês comprovaram tudo o que as pessoas dizem de nós no estrangeiro. Mandar essas fotografias para nós foi desonesto, vocês nos assaltaram, e esta casa é um chiqueiro. Vocês não têm vergonha — Pascale estava possesso. — Vocês traíram não só a mim, mas a França.

Pascale queria matá-la, e a mulher continuava afirmando-lhe que seus amigos iriam adorar a casa, pois era de fato uma casa excelente.

— Deve ter sido, mas há muito tempo.

— Vou mandar uma equipe de limpeza, amanhã, para ajudar vocês — a corretora de imóveis tentou acalmá-la, sem resultado.

— Quero você aqui, às sete da manhã, com um cheque nos devolvendo metade do dinheiro, ou vou processá-la. E traga a equipe de limpeza. Mesmo

que trabalhem durante os próximos dois dias, a sua maldita equipe de limpeza não vai conseguir fazer nada melhor.

— Claro — respondeu a corretora de imóveis, com ar desdenhoso.

Era amiga de uma corretora de imóveis que Pascale conhecera em Paris, e Pascale lhe afirmara que, a não ser que fizesse um milagre, a reputação dela na agência em Paris iria por água abaixo.

— Vou fazer todo o possível para ajudá-la.

— Traga muita gente. Traga grande quantidade de material de limpeza e de sabão.

— Farei tudo o que for necessário — explicou a corretora de imóveis, arrogante.

— Obrigada — respondeu Pascale, os dentes rangendo.

Tentara refrear o gênio, mas era um pouco tarde para isso. A corretora iludira a todos, enganara-os. E, quando Pascale saiu da cozinha, ficou sobressaltada. À frente, havia um homem que parecia ter três metros e meio de altura. Era alto, magro e assustador, com barba e cabelos compridos; usava macacão americano de brim, sem camisa e com um par de sapatos largos de couro, grandes e elegantes. Ele parecia um indigente que andava à toa pela casa. Com um conclusivo frio na barriga, Pascale adivinhou quem era ele. Carregava um dos *poodles* franceses, que não parava de latir, enquanto ajeitava com carinho o laço cor-de-rosa do cão. Só poderia ser Marius, o marido de Agathe. Quando Pascale lhe perguntou quem era, ele fez uma mesura.

— Às suas ordens, madame. *Bienvenue*.

Bem-vinda. Havia pouca possibilidade de ser bem-vinda. Pascale queria dar-lhe um chute nas canelas, por causa do estado do gramado. Presumia-se que ele fosse o jardineiro e motorista.

— Você tem muito trabalho a fazer — ameaçou Pascale, indelicada. — Você tem um cortador de grama?

O homem pareceu perplexo por um instante, como se lhe tivesse pedido uma ferramenta pouco conhecida e de que raramente se falava.

— Sim, creio que sim.

— Então, quero que comece a cortar a grama às seis da manhã. Vai levar o dia inteiro para limpar o gramado.

— Ah, mas, madame... o charme...

— As ervas daninhas não são charmosas — respondeu Pascale, olhando-o fixo, enquanto ele afagava o cão. — O jardim não está charmoso. E o gramado da frente está uma vergonha. Não estou lhe pedindo, estou mandando que faça isso. E, depois que fizer tudo, vamos precisar da sua ajuda na casa. Temos muito trabalho.

Pascale viu que Marius e Agathe se entreolhavam e não pareciam satisfeitos.

— Marius tem problema de coluna — explicou Agathe. — Não pode se esforçar. É muito cansativo para ele.

Tinha 45 anos e parecia mais preguiçoso que cansado. Na verdade, Pascale suspeitava que ele estivesse bêbedo ou drogado. Tinha um tipo de sorriso aparvalhado e uma expressão atordoada; quando fez uma medida pela terceira vez, parecia bambear nos pés. Mas Pascale não lhe deu muita importância. Iria enchê-lo de café, se tivesse, ou fazê-lo apressar-se. Ele *tinha* de trabalhar. Por enquanto, não havia ninguém mais. E somente Deus sabia qual seria a “equipe” de limpeza da corretora de imóveis.

— Daqui a dois dias os outros chegarão — avisou Pascale, agourenta. — E, quando isto aconteceu a casa *estará* limpa.

Pascale, há muito tempo, morava na América. Mas não importa o que o casal pensasse, ela precisava que eles obedecessem. Sentia-se mais importante, em todos os momentos, era professora de *ballet*, a déspota que precisava ser.

— Você cozinha? — quis saber de Agathe.

O prospecto afirmara que cozinhava.

— Não muito — respondeu Agathe, dando de ombros e deixando cair cinzas por todo o peito. Limpou-as para que não caíssem no cão que segurava. O terceiro animal estava no chão e latia o mais alto que podia. Pascale sentiu uma dor de cabeça fortíssima. Ao ver a refeição preparada por Agathe, resolveu que ela não cozinaria. Ela, Pascale, faria muito melhor. E poderiam ir a restaurantes em Saint-Tropez, se John quisesse.

— Gostaria que eu levasse as malas? — perguntou Marius, agradável, exalando vapores de vinho.

Marius, à medida que Pascale o olhava, parecia um dragão soltando fogo pelas ventas. Ela quis dizer-lhe que preferia ir para um hotel. Mas percebeu que se o fizesse, mesmo que encontrasse um quarto em um hotel, eles nunca fariam o trabalho. O casal precisava de olho vigilante, pulso firme e bananas de dinamite para que se movimentasse. O que teria ajudado a pôr os cães para dormir. Mas, quando entregou a Marius as chaves do carro, verificou que os cães eram o menor dos problemas.

Um momento depois, Marius estava de volta com as malas.

— Na suíte principal, madame? — quis saber.

Segurava duas das malas. Tinha cabelos longos e sebosos; vestia o macacão e os ridículos sapatos de couro. Pascale, ao vê-lo, prendeu o riso, pois toda a situação era absurda.

— Sim, por favor.

Ela e John poderiam, mais tarde, deixar o quarto para os Morrison, mas, por agora, estava tudo bem. O homem levou as malas para a suíte principal e, com olhar de desespero, Pascale sentou-se na única poltrona. Ao fazer isso, as molas cederam e ela quase caiu no chão. Depois de alguns minutos, o casal saiu do aposento e Pascale se sentou ali, olhando pela janela. A vista era perfeita; a casa, um pesadelo. Não tinha certeza se ria ou chorava. Por um momento, pensou em telefonar para Diana, mas o que poderia lhe contar? Detestava

desapontar a amiga, Eric e Robert; não queria pensar no que John lhe diria. Rezava para que o marido não lhe telefonasse, porque tinha certeza do que ouviria. Mas, por sorte, ela sabia como John estaria ocupado antes de viajar. Agora, ela só poderia tentar pensar no bem deles e arrumar o local. Seria um milagre se conseguisse fazer isso em dois dias. E quando o sol se pôs no horizonte, Pascale se recostou na poltrona antiga. Estava cansadíssima e sentia violenta dor de cabeça. Sabia que, nos próximos dois dias, teria de fazer mágica. Era um inferno esse começo de mês em Saint-Tropez, mas Pascale se recusava a se sentir derrotada. Não importa como, ela teria muito trabalho.

Capítulo 6

Pascale acertou o despertador para as cinco e meia. Ao se levantar, vestiu as calças jeans e a camiseta, e desceu à cozinha, para ver se encontrava pó de café. Achou o suficiente para coar em *café filtre* e, com ar de desespero bem francês, sentou-se em uma velha cadeira de cozinha e acendeu um cigarro. Fumando, imaginava se deveria despertá-los, quando um dos cães passou correndo pela cozinha e latiu. Dois segundos depois, Agathe apareceu, com um avental por cima de um biquíni vermelho, que parecia fazer explodir seu corpo gordo.

— Usa isso para trabalhar? — perguntou Pascale, entre pasma e aterrorizada.

Nada, porém, a surpreenderia. Surpreendia, sim, a enorme cabeleira afroloura, que parecia maior do que no dia anterior. Ainda mais por Agathe passar nos lábios um batom que combinava com a cor do biquíni, os saltos de hoje eram mais altos, e os três *poodles* rodavam em volta dos seus pés, mais parecendo bolinhas brancas e peludas. E, claro, começaram a latir no momento em que viram Pascale.

— Acha que pode colocá-los em algum lugar enquanto trabalha? — perguntou Pascale a Agathe, enquanto sorvia um segundo copo de café.

Não comera nada desde o dia anterior. Faria tudo para comer um *croissant* preparado por sua mãe, mas verificara que, na cozinha, os armários estavam

vazios. E não tinha tempo de fazer compras. Queria que Agathe e Marius começassem a trabalhar. Pelo menos, Agathe apareceu na hora que combinara, o que já era alguma coisa. Marius chegou cinco minutos depois. Explicou que achara o cortador de grama, embora estivesse muito velho.

Quando Pascale viu o aparelho, que tinha um motor, sentiu-se aliviada e mandou que ele começasse logo o trabalho e cortasse a grama, até que limpasse tudo à vista.

— Tudo? — Marius parecia pasmo quando Pascale concordou com a cabeça.

Ela sabia que Marius ficaria ocupado durante horas. Não era uma possibilidade que ele gostasse. Agathe saíra para fazer os cães deitarem no quarto de dormir atrás da cozinha; ela voltara com trapos de pano, sabão e espanador. Começou a agitá-lo como se fosse uma varinha mágica até que Pascale tomou tudo das mãos dela, segurando os trapos e alguns produtos de limpeza, e propôs que Agathe fosse trabalhar na cozinha. A própria Pascale iria limpar o *living*.

Primeiro, enrolou os tapetes e os colocou em uma saleta. O assoalho parecia melhor nu do que com os tapetes puídos. E, depois, bateu as almofadas do sofá e as cortinas, e limpou com o aspirador de pó tudo o que estava à vista. Sentiu-se sufocada com a poeira, mas tudo começou a parecer um pouco melhor enquanto ela afofava as almofadas e reclamava das manchas. Passou cera nas mesas, passou jornal nas janelas, como a avó lhe ensinara; limpou e encerou o assoalho. A sala em nada se assemelhava com a das fotos, mas parecia melhor quando a corretora de imóveis e a “equipe” de limpadores chegou. Pareciam agitados e aborrecidos, todos meninos que a corretora de imóveis recrutara naquela manhã para fazer o que Pascale pedira.

Pascale teve outra discussão acalorada com a corretora de imóveis, que concordou em lhe devolver metade do que haviam pago, o que deixaria John

muito contente. Ela também e os amigos, se conseguisse limpar a casa. Então, Pascale teve uma idéia.

Subiu ao andar superior com a mala de mão, e desceu com uma pilha de xales muito coloridos que trouxera. Cobriu com eles os estofados velhos e manchados, e, ao terminar, a sala pareceu totalmente diferente. Com as janelas limpas, as cortinas puxadas para trás, sem teias de aranha, com o assoalho brilhando e os sofás e as cadeiras alegremente cobertos, o aposento pareceu simples mas festivo. Agora, só eram necessárias flores, velas e algumas lâmpadas que o iluminassem mais.

A equipe de limpeza trabalhava energeticamente na cozinha. Pascale mandou que Agathe fosse lavar os banheiros e os esfregasse até que brilhassem, enquanto Marius trabalhava ao sol escaldante, cortando a grama. Ao verificar a quantidade de trabalho, ele não estava contente, mas o que fizera resultara numa enorme diferença. Havia cadeiras velhas e quebradas, jogadas na grama crescida, e mesas de madeira, com apenas duas pernas, em pedaços. Ela o fez tirar tudo dali. As ervas daninhas, aos poucos, desapareceram, e as flores silvestres que haviam nascido nos bordos dos canteiros realmente lhe davam certo charme.

Eram oito da noite quando todos terminaram o trabalho. A corretora de imóveis olhou Pascale, assombrada. Nada estava perfeito, nem se parecia com as fotos, mas, comparado com o que Pascale encontrara um dia antes, estava muito melhor. A cozinha ainda parecia um tanto deprimente, o fogão era velho, mas, ao menos, tudo se encontrava limpo.

Pascale estava cansadíssima, trabalhara durante 14 horas, mas valera a pena. Os amigos poderiam ficar sobressaltados quando vissem o que ela fizera, mas não reclamariam da sujeira, aos berros. A corretora de imóveis trouxera queijo, frutas e *pâté*. Pascale beliscara um pouco, embora tenha comido mal o dia inteiro. Só queria terminar tudo. Ao sair, a corretora prometera voltar no dia

seguinte com mais trabalhadores. Marius teria de cortar mais grama. Agathe cacarejara de alegria o dia inteiro, e, se era possível, pareceu muito mais contente, ao terminar o trabalho. O biquíni vermelho estava frouxo e caído, as sandálias de salto alto haviam desaparecido e os seus cabelos pareciam não poder ser tocados. Por sorte, Pascale não vira nem ouvira os cães o dia inteiro.

Pascale estava sentada na cozinha, olhando o local, exausta, comendo pedacinhos do *pâté* que sobrara, quando o telefone tocou, e ela se sobressaltou. Depois o atendeu. Era John, do escritório; parecia feliz e animado. Não se viam há seis semanas, e ele estava encantado porque iria vê-la em dois dias.

— Bem, que tal? O lugar é bom? — perguntou ele, parecendo entusiasmado.

Pascale fechou os olhos, tentando pensar na resposta.

— É um pouco diferente das fotos — respondeu, querendo imaginar o que ele diria ao ver o local.

Pelo menos agora estava limpo; não era com certeza um palácio, mas a impressão era muito melhor, apesar de não parecer nem um pouquinho com as excelentes fotos que haviam visto.

— É melhor? — perguntou John, parecendo entusiasmado.

Pascale riu, balançando a cabeça de um lado para o outro. Estava tão cansada que mal conseguia pensar.

— Não muito. É bem diferente. Talvez um pouco mais informal.

— Parece ótimo.

Ótimo não era exatamente a palavra que Pascale usaria para descrever a casa que se chamava Amor à Primeira Vista; ela, porém, fizera o melhor que podia.

— Conversou com os outros?

— Não, eu estava ocupada demais — respondeu Pascale, parecendo esgotadíssima.

John riu do que ela lhe falara.

— Fazendo o quê? Deitada na praia?

John imaginava Pascale nadando e banhando-se ao sol o dia inteiro, e não esfregando assoalhos e paredes de banheiro.

— Não, estava ocupada organizando a casa.

— Por que, para variar, não se descontraí?

Pascale adoraria que isso acontecesse, mas, caso se descontraísse, John teria um ataque ao entrar pela porta.

— Talvez amanhã — respondeu ela, distraída, bocejando.

— Bem, vejo você depois de amanhã.

— Mal consigo esperar — sorriu ela, pensando nele, sentada na cozinha estragada.

Pascale, de onde estava, via um pingo de gordura que haviam deixado no fogão.

— Vá dormir um pouco ou vai estar muito cansada quando chegarmos.

— Não se preocupe. Vou dormir. Boa viagem para vocês.

Depois que John desligou, Pascale apagou as luzes, subiu ao andar superior e foi para a cama. Fizera Agathe trocar os lençóis, pois os outros já estavam encardidos e rasgados; encontrara um par para cada cama, aparentemente ainda novinhos. As toalhas também pareciam puídas, mas ao menos estavam limpas. Adormeceu quase na mesma hora em que recostou no travesseiro, e dormiu até o sol nascer, no dia seguinte. Os estores não abaixavam, e as venezianas também estavam quebradas. Porém Pascale não se preocupava se o sol estava entrando pelo quarto.

Nesse dia, trabalhou tanto como no anterior. Os operários que a corretora de imóveis trouxera estavam cansadíssimos àquela altura e resmungavam, mas Pascale conseguiu fazer com que ficassem ali a tarde toda. E quando saiu para ver o que Marius fizera, o gramado da frente parecia impecável, e desaparecera

toda a mobília de jardim quebrada. O que fora deixado era aproveitável, embora precisasse de uma demão de tinta. Pascale gostaria de saber se haveria tempo para Marius também realizar essa tarefa. Mas, ao procurar por ele, achou-o no quarto, roncando e dormindo, com os três cães espalhados por cima dele, e três garrafas de cerveja vazias na cama. Era óbvio que, no momento pelo menos, ela não conseguiria que ele trabalhasse um pouco mais. E Agathe, também.

Às cinco da tarde, Pascale dirigiu até Saint-Tropez; ao voltar, tinha o carro cheio. Comprara velas, flores e jarros enormes para pô-las, bem como arranjos de flores secas. Ainda comprara mais três xales coloridos para arrumar no *living*, e três latas de tinta branca para que, no dia seguinte, Marius desse uma demão nos móveis de jardim. Mas, no momento em que terminou tudo, cada centímetro da casa estava impecável, os gramados cortados, com flores e revistas em todos os quartos. Comprara deliciosos sabonetes franceses e toalhas extras para todos, e todos os aposentos da *villa* haviam se transformado como num passe de mágica. Podia não ter sido amor à primeira vista, mas foi drasticamente melhorado.

Pascale nem podia imaginar o que diriam agora quando vissem a casa. Parecia melhor, mas ainda não era o que haviam imaginado. Pascale tinha medo de que ficassem zangados com ela. Não poderia fazer mais sem a ajuda de um pintor, um empreiteiro e um decorador. Nessa noite, quando finalmente ela descesse para ver o barco no cais, saberia se era capaz de navegar. Parecia parado há anos, com as velas em farrapos, mas sabia que, se houvesse alguma chance, Robert e Eric velejariam.

Nessa noite, Pascale caiu novamente exausta na cama, sentia-se, no entanto, realizada. Estava tranqüilizada por vir dois dias antes do prazo. Se não fizesse isso, tinha certeza de que ninguém, nunca, ficaria ali — agora, todos

ficariam. Pelo menos, esperava que ficassem. Não queria desistir de passar o mês de agosto em Saint-Tropez.

Nessa noite, dormiu como uma pedra. No dia seguinte, acordou às dez da manhã, o sol entrando no quarto, e as flores que colocara em todos os pontos das mesas acrescentavam manchas de cor e vida ao aposento. Preparou café com o que comprara, e comeu *pain au chocolat*, passando uma vista num velho exemplar de *Paris Match*; depois, foi ler *The International Herald Tribune*. Na França, também gostava de ler *Le Monde*, mas John sempre insistia em ter o *Herald Tribune*, que lhe comprara no dia anterior.

Enquanto Pascale arrumava os pratos na pia, Agathe entrou no aposento, usando calças de ciclista na cor verde-elétrico, e um bustiê quase transparente. Parecia um dos seus *poodles* franceses com o cabelo todo arrepanhado no alto, e usava óculos de sol coloridos com pedrinhas incrustadas nas hastes, e um par de sapatos com plataforma dourado com saltos assustadoramente altos.

— Bom-dia — cumprimentou Agathe, enxaguando a xícara de Pascale, com mão preguiçosa. — A que horas seus amigos chegam? — perguntou desinteressada, como se isso não lhe trouxesse consequência alguma.

— Só bem tarde. Quero que Marius me leve ao aeroporto, com o carro e o bagageiro. O meu carro não tem bagageiro para transportar as malas deles.

— Ele ontem machucou as costas — explicou Agathe, acusadora.

O olho esquerdo contemplava a patroa, semicerrado. O olho direito estava fechado para conciliar-se com o cigarro Gauloise eternamente grudado nos lábios.

— Ele ainda pode dirigir? — perguntou Pascale, olhando-a.

Perguntava-se se era ou não para comentar sobre as roupas.

— Talvez — foi tudo que Agathe respondeu.

Pascale entendeu. Foi discretamente à bolsa de mão e tirou quinhentos francos para cada um deles. Haviam trabalhado muito, com certeza muito mais

do que em anos. E Agathe pareceu feliz. Pascale compreendera. Já pensara antes em dar-lhes algum dinheiro, de alguma forma.

— Acho que ele estará bem para dirigir o carro. A que horas quer sair?

— Três horas. O avião deles chega às cinco. Vamos estar de volta na hora do jantar.

Pascale já combinara deixar o jantar no fogão. Ninguém iria querer sair na primeira noite. Estariam cansados da viagem e iriam querer dormir.

Conseguiu fazer com que, nesse dia, Marius pintasse algumas das mobílias de jardim, pagando quinhentos francos extras, e, no momento em que saíram, a casa parecia bem. Pascale realizara um milagre. Pouco antes de saírem, afirmara que o local parecia ótimo. Estava surpresa por Pascale ter ficado e não ter ido para um hotel. Na verdade, ninguém dormia na casa havia anos.

— Trabalhamos bem, não?

Pascale parecia contente. Os cães de Agathe ganiam ao seu redor, enquanto ela se servia de cerveja e tomava um gole grande. Ao saírem para o aeroporto, acenou para Pascale, como se fossem velhas amigas. Vestia uma blusa transparente rosa-choque, com sutiã preto e short cor-de-rosa brilhante e os sapatos vermelhos FMQ, seus prediletos. Para ela, estava na última moda. Pascale resolvera não falar com ela sobre o guarda-roupa. Talvez os outros pudessem conviver com ela, sem os cães que latiam. Pascale lhe pedira que, se pudesse, os prendesse no quarto, pois o marido tinha alergia a eles, e não era por causa do pêlo, nem certamente pela algazarra que faziam.

Ao irem de Saint-Tropez para Nice, a viagem foi longa e quente. No aeroporto, Pascale comprou um copo de suco de laranja e viu Marius comprar uma cerveja. Esperavam o avião pousar, ele vestia um macacão e, mais uma vez, os calçados de couro, evidentemente seu uniforme. Pascale nunca estivera tão cansada. Agora, precisava realmente de férias.

O voo de Nova York fora tranquilo e John voara com os Morrison, embora não tenha se sentado junto deles. O casal fora em classe executiva, como sempre, e John, em classe econômica. Por isso, Eric caçoara dele, antes de voltar ao seu assento. Diana ficara lendo calada, e John viu que ambos se olhavam de modo estranho. Foi uma frieza como ele nunca vira, mas nenhum dos dois falou nada, e foi dormir em sua poltrona. Estava ansioso por rever Pascale. Apesar de discutirem muito, amava-a de verdade, depois de 25 anos de casamento. Ela mantinha sua vida interessante, e era passional com tudo, tanto no amor quanto na implicância. Sem ela, nas últimas seis semanas, o apartamento em Nova York parecia solitário e sem vida.

— John me contou que Pascale disse que a casa parece ótima — informou Eric, ao sentar-se novamente perto de Diana.

Durante um longo momento, ela não lhe respondeu: estava com os olhos no livro.

— Ouviu o que falei? — perguntou Eric, tranquilo.

Diana levantou os olhos. Nas últimas semanas, não sabia se faria essa viagem. Eric se sentia gratificado por ter ficado mais calma. No último mês, as coisas ficaram tensas entre ambos. O estresse por que passaram revelava-se apenas no rosto de Diana.

— Ouvi — confirmou Diana, inexpressiva.

Não fingia de forma alguma.

— Que bom que Pascale gostou da casa.

Ao falar, os olhos pareciam parados.

— Espero que você também goste — acrescentou Eric, calmo.

Ele queria que, desta vez, todos tivessem momentos agradáveis. Diana e Eric precisavam demais que isso acontecesse. Eric esperava que um mês na França solidificasse novamente sua união. Sempre tiveram muito em comum,

adoravam fazer as mesmas coisas, gostavam das mesmas pessoas e se admiravam sinceramente.

— Não sei quanto tempo vou ficar lá — Diana reafirmou o mantra que repetia nos últimos dois meses. — Vou ver.

— Fugir não vai resolver nada. Vamos nos divertir com todos. Essas férias farão bem a nós dois — afirmou ele, esperançoso.

Diana não parecia convencida.

— “Divertir-se” também não vai resolver nada. Não será “diversão”.

Havia decisões ainda maiores a tomar. Eric pusera em xeque a vida dos dois e em risco o casamento. Diana ainda não decidira o que fazer. Várias vezes nas últimas semanas, tomara uma decisão e, depois, novamente mudara de idéia. Não queria precipitar-se. Mas não tinha certeza de poder perdoá-lo pelo que aprontara. Ele a ferira mortalmente e lhe tirara a confiança. Diana agora se sentia magoada, indesejável e, súbito, mais velha do que parecia.

— Diana, não podemos tentar esquecer tudo? — perguntou ele, sereno.

Não lhe era fácil falar.

— Obrigado por me perguntar — atalhou ela, sarcástica, pegando novamente o livro. — Agora que sei o que tenho de fazer, estou certa de que tudo vai sair bem.

Enquanto fingia ler o livro que segurava, lágrimas escorriam dos olhos de Diana, mas, na última hora, seus pensamentos haviam estado em remoinho, sem a menor idéia do que lera. Segurava apenas o livro, para que Eric não lhe falasse. Nada havia a falar. Nas últimas semanas angustiantes, haviam repetido os mesmos argumentos.

— Diana... não fique assim... — acrescentou Eric.

A princípio, Diana fingiu não ouvi-lo; depois, virou a cabeça para olhá-lo. Toda a mágoa que sentia estava estampada em seu rosto.

— Como espera que eu esteja, Eric? Risonha? Indiferente? Despreocupada? Satisfeita, quem sabe?... Muito bem. Imaginam que eu seja a esposa apaixonada, adorável, compreensiva. Pois bem, talvez eu não consiga ser.

A voz de Diana se tornou mais concisa nas últimas palavras.

— Por que você não nos dá uma oportunidade? Deixe a poeira assentar enquanto estamos aqui. Foram momentos duros para nós dois...

Antes que Eric pudesse dizer mais alguma coisa, Diana o interrompeu e se levantou.

— Me desculpe se fui antipática e dura com você. Esse é o meu jeito de ser. Sou assim mesmo.

Diana falou isso, levantou-se e foi andando pelo corredor, para se afastar dele e dar um passeio. Não queria falar novamente no mesmo assunto. Haviam conversado bastante no mês anterior. Não queria ouvir tudo outra vez — as desculpas, as promessas, as justificativas, os motivos por que fizera o que fez. Não queria mesmo ficar ao lado dele, e se arrependia de ter vindo. Fazia a viagem apenas para não desapontar os amigos. Caminhava pelo corredor até onde John estava sentado. Ele dormia ressonando. Ficou olhando pela vigia, na porta traseira do avião, pensando no estado em que seu casamento se encontrava. Sentia-se arrasada, não pensara que chegasse a esse ponto. Tudo o que ambos compartilharam e acreditaram, toda a confiança que sempre tivera em Eric parecia estilhaçada, sem conserto. Ao voltar para sua poltrona, não falou ao marido, nem trocaram palavra durante todo o restante do voo.

O voo chegou na hora. Pascale sorriu exultante ao ver John, os Morrison vindo bem atrás dele. Pareciam cansados, menos falantes que de costume. No carro, todos os quatro batiam papo, animados, sobre a casa. Marius seguia no caminhão, com as malas. Ficaram um pouco assustados ao verem-no. Durante a viagem de volta a Saint-Tropez, Pascale tentou prepará-los para Agathe, mas

foi difícil descrevê-la com propriedade, em especial o biquíni vermelho e os sapatos FMQ.

— Ela não usa uniforme? — quis saber John.

De certa forma, ele imaginava um casal francês, ela, de vestido e jaqueta brancos, servindo almoço impecavelmente, em uma elegante *villa*. Mas o retrato que Pascale lhes pintava era totalmente diferente do que pensara.

— Não exatamente — respondeu Pascale. — São um pouco excêntricos, mas trabalham bastante.

E bebiam muito.

Os cães nunca paravam de latir, poderia ela ter acrescentado, mas não o fez.

— Espero que gostem da casa — continuou Pascale, nervosa.

Finalmente, chegaram a Saint-Tropez, às sete e meia.

— Tenho certeza de que vou gostar dela — completou Eric, confiante.

Pascale passava pelas colunas caindo aos pedaços e pelos portões.

— É um pouquinho mais simples do que pensávamos — acrescentou, enquanto parava o carro no caminho cheio de buracos.

John parecia um pouco surpreso. Pascale percebeu que os Morrison estavam sentados no banco de trás, em silêncio total, o que não era um comportamento normal deles. Talvez estivessem cansados. Ao estacionar o carro na frente da casa, John olhou assustado.

— Precisa de uma demão de tinta, de uma vistoria ou de alguma coisa, não?

— Precisa um pouco mais do que isso, mas, pelo menos, agora está limpa — acrescentou Pascale, humilde.

— Quando você chegou a casa não estava limpa? — quis saber Diana, surpresa.

— Não foi bem assim.

Pascale riu. De agora em diante, não havia razão para mentir. Agora que estavam aqui, poderia lhes contar a verdade.

— Era um chiqueiro quando cheguei aqui. Passei dois dias fazendo faxina com a ajuda de dez pessoas. Mas a boa notícia é que consegui que me devolvessem metade do aluguel, porque nos enganaram mesmo.

John pareceu impressionado com o que acabara de ouvir. Para ele, era quase como conseguir uma licença sem vencimento. Adorara ouvir isso.

— A casa estava horrível mesmo, Pascale? — Diana parecia subitamente aborrecida.

Eric estava pronto a tranquilizá-la. Para ele, a última coisa que desejava era que Diana o deixasse.

— Não, não estava horrível, mas tudo nela está muito velho e danificado. Não há muita mobília. A cozinha parece da Idade Média — declarou Pascale, honesta.

— Oh, e daí? Quem se preocupa com isso? — riu John.

Agora que ele sabia que metade do dinheiro fora devolvido, já estava adorando o que ouvira. Fora a coisa certa contar-lhe isso, antes que visse a casa de perto.

À medida que entravam, Diana arfava. Chocara-se ao ver que a casa estava mal mobiliada e em ruínas. Mas tinha de admitir que os xales arrumados por Pascale sobre os móveis haviam dado um toque muito especial. Para ela fazer isso, com certeza os estofados deveriam estar em petição de miséria. Depois de olharem ao redor, chegaram à conclusão de que não estava tão mal assim. Não era o que desejaram, claro, mas pelo menos Pascale os preparara. Depois que lhes contara como a casa estava quando chegara ali, e o que fizera, ficaram impressionados e agradecidos por seu trabalho.

— Que bom que você veio antes — respondeu Eric.

Todos olhavam a cozinha. Não tinha manchas, mas era antiquada, conforme Pascale já os prevenira.

— Como conseguiram tirar aquelas fotografias? — quis saber John, assombrado.

— Talvez sejam de quarenta anos atrás, da década de 1960 — respondeu Eric, irônico.

John, no entanto, parecia satisfeito com a casa. Era confortável, limpa e muito informal; não exatamente a *villa* luxuosa que esperavam, mas, graças a Pascale e seu trabalho, em especial todas as flores que espalhara por ali e as velas, havia um certo charme. Pascale ofereceu a suíte principal aos Morrison, mas, depois de virem tudo o que Pascale fizera, insistiram para que John e a mulher ficassem na suíte principal.

— Fiz isso para que vocês não me odiassem — reconheceu Pascale.

Todos riram. John apanhou uma garrafa de vinho e deu de cara com Agathe, que estava de pé na cozinha. Ela usava short branco e o bustiê do biquíni vermelho, com sandálias vermelhas com salto de plataforma. Por um instante, John ficou parado a olhá-la. Como sempre, Agathe tinha um olho fechado e fumava um cigarro Gauloise.

— *Bonjour* — cumprimentou-a, embaraçado.

John aprendera todo esse francês da primeira vez que conhecera a mãe de Pascale.

Agathe lhe sorria. Um instante mais tarde, Marius apareceu, tendo atrás dele o bando de cães que latia.

Um deles lhe agarrou a perna das calças e, em pouco, tentava mordê-lo.

— Oh, Jesus — foi tudo o que John conseguiu dizer.

Marius lhe abriu a garrafa de vinho. Agathe novamente desapareceu com os cães.

John, parecendo um pouco aturdido, subiu as escadas. Levava a garrafa de vinho tinto e quatro copos.

— Acabo de conhecer os cães de Baskervilles e a gêmea má de Tina Turner.

Pascale riu, no entanto viu que algo aflitivo passou rapidamente pelo rosto de Diana, mas, ao olhar Eric, nada viu. Perguntava-se se Diana estivera pensando em Anne e se quisesa mesmo vir aqui. Também pensara nisso, ao chegar ali, mas, depois estivera muito cansada para pensar sobre isso. E ela tinha certeza de que Robert pensava assim. Ainda sentiam a dolorosa falta de Anne; era impossível não pensar no seu entusiasmo em passar um mês ali.

— Viu o barco? — perguntou Eric, esperançoso.

John servia vinho a todos.

— Vi — confessou Pascale. — É do tempo de Robinson Crusoé. Espero que você ainda possa velejá-lo.

— Tenho certeza que sim.

Depois, Eric olhou a mulher.

Diana nada falou.

Nessa noite, Pascale lhes preparou o jantar. Agathe já arrumara a mesa e se oferecera para servir, contudo Pascale afirmou poder fazer tudo sem sua ajuda. Depois, quando ela e Diana lavavam os pratos, e John e Eric fumavam charutos no jardim, Pascale não pôde deixar de olhá-la e lhe fazer uma pergunta. Preocupava-se com Diana.

— Você está bem? Pareceu-me transtornada. Em Nova York, cheguei a pensar que você estivesse cansada. Está bem, Diana?

Houve uma longa pausa, a amiga a olhá-la. Diana a princípio assentiu; depois, balançou negativa e energicamente a cabeça. Sentou-se à antiga mesa de cozinha, as lágrimas escorrendo devagar pelas faces e, inconsolável, levantou o olhar para Pascale, sem mais conseguir ou tentar esconder da amiga o sofrimento.

— O que há?... oh, amiga... Que aconteceu? — Pascale rodeou a amiga, perguntando.

Diana enxugou os olhos no avental de Pascale. Nada conseguia falar. Por um minuto, encostou-se ao corpo de Pascale.

A amiga a segurava como um bebê e queria saber o que acontecera para ficar tão desesperada. Nunca vira Diana como agora.

— Está doente?

Diana negou, mas continuava calada. Só assoava o nariz no lenço de papel que Pascale acabara de lhe entregar.

— Vocês dois?

Pascale achava a pergunta sem razão, mas, logo depois, ao ver o rosto de Diana, percebeu que havia motivo. Diana se sentou e ficou a olhá-la por um bom momento; depois, afinal, concordou.

— Não! Como pode ser?

— Não sei como pode ser. Passei o mês perguntando-lhe o mesmo.

— O que houve? — Pascale estava chocada.

Diana parecia arrasada.

— Ele teve um romance com uma das pacientes — informou, novamente assoando o nariz.

De certa forma, era um alívio contar a Pascale o que acontecera. Não falara sobre isso a ninguém desde que Eric lhe confirmara o romance. Era um segredo ofensivo e solitário.

— Tem certeza de que você não está imaginando? Não consigo acreditar nisso.

— Bem, é verdade. Ele me contou. Cerca de dois meses antes, percebi que havia alguma coisa errada, mas não sabia o quê, e há quatro semanas ele me confirmou tudo. O bebê de Katherine pegou crupe e teve de ir para o hospital no meio da noite; quando telefonei para Eric, me contaram que ele não

estivera lá. Eric, no entanto, me dissera que estava fazendo um parto. Telefonou-me e disse que estivera preso lá até de manhã e que, depois disso, iria direto para o consultório. Súbito, percebi que a maior parte do tempo ele me afirmara ter estado à noite no hospital, e não estava.

— Eric? — A voz de Pascale estava áspera.

Para ela, Eric sempre parecera o marido perfeito. Calmo, bem-humorado, atencioso, afável com a mulher, o marido e o pai ideais.

— Está apaixonado por ela?

— Eric diz que não tem certeza. Justificou-se que deixou de vê-la uns dias antes, o que deve ter acontecido, mas a moça lhe telefona todas as noites. Acho que ele está muito triste. Diz ele que é uma boa mulher. Era uma de suas pacientes. O marido a deixou logo após o parto. Eric ficou penalizado com ela. Deve ser muito bonita, é modelo.

— Quantos anos? — perguntou Pascale, parecendo angustiada.

Esse era o pior pesadelo de qualquer mulher. Diana parecia destroçada pelo que contara a Pascale.

— Trinta — respondeu Diana, parecendo inconsolável. — Tenho idade para ser mãe dela. Tem a mesma idade de Katherine. Sinto-me com seiscentos anos de idade. Pode ser que Eric tenha se afastado dela.

Diana tinha os olhos cheios d'água.

— Acho que nunca mais vou acreditar nele. Acho mesmo que não vou poder continuar casada com ele.

— Não pode fazer isso — respondeu Pascale, parecendo horrorizada. — Não pode se divorciar dele. Não pode depois de todo esse tempo. Seria horrível. Se ele deixar de vê-la, tudo vai terminar. Ele vai esquecê-la — explicou Pascale.

Parecia ter esperança, mas ainda sentia tanto pesar pela amiga.

— Talvez ele a esqueça. Mas eu não — acrescentou Diana, honesta. — Todas as vezes que o vejo, sei que vai me trair. Eu o odeio por isso.

— É inacreditável — afirmou Pascale, solidária. — Mas muitas vezes isso acontece. Poderia acontecer o mesmo com você. Se ele terminou com essa menina, tente perdoá-lo por isso. Diana, você não pode se divorciar dele. Isso vai destruir a sua vida, bem como a dele. Vocês se amam.

— Aparentemente não tanto quanto pensei. Pelo menos, ele não me ama.

Nos olhos dela nada havia de perdão, apenas raiva, mágoa e desaponamento. Pascale se sentia penalizada por ela.

— O que ele diz sobre isso?

— Que sente muito. Que nunca mais vai acontecer. Que se arrepende do minuto que fez isso, mas que isso aconteceu durante três meses e poderia acontecer por mais tempo se o bebê de Katherine não tivesse ficado doente naquela noite. Poderia até ter me deixado por ela.

Ao falar isso, Diana chorava mais forte.

— Ele não seria tão estúpido.

Mas Eric era vistoso e parecia muito bem para a idade. Lidava todos os dias com mulheres. Tinha mais oportunidades de conhecê-las que a maioria dos homens. Tudo era possível, mesmo Eric, tão responsável e digno de confiança. Mas Pascale via nos olhos de Diana o que ele lhe fizera. Pascale estava surpresa que Diana tivesse vindo passar as férias ali e lhe perguntou sobre isso.

— Depois que soube, eu não vinha, mas ele me implorou que viesse. E, agora, diz que só pode ficar duas semanas. Se ele for embora, vou pensar que está todos os minutos com essa mulher.

— Talvez você deva acreditar nele, e pronto — consentiu Pascale, tranqüila.

Mas Diana parecia sentir raiva.

— Por que devo acreditar nele? Mentiu para mim. Como posso acreditar nele?

Diana tinha um ponto de vista. Pascale não sabia o que responder. Mas ficou inconsolável só de pensar nos amigos terminando o casamento.

— Não consigo pensar que eu possa continuar casada com ele, Pascale. Nunca mais será o mesmo para mim. Pensei em não vir para cá, nestas férias. Eu lhe disse que chamaria um advogado antes de viajarmos, e ele me pediu para esperar pelo menos até terminarmos esta viagem. Mas acho que não fará diferença alguma.

Era uma responsabilidade muito grande viajar, carregando malas pesadíssimas.

— Você ficaria casada com John se ele a enganasse? — perguntou-lhe Diana

A amiga a olhava com expressão amarga. Não parecia a mesma mulher. Com Eric, sempre fora tão alegre e tão feliz. Para Pascale, eles tinham excelente relacionamento. Dos três casais, Pascale sempre achara que eram eles os mais bem casados, ou talvez Robert e Anne. Ela e John sempre tiveram diferenças e discutiam bem mais que os outros. Agora Anne se fora, e Diana falava em se divorciar de Eric. Não suportava pensar nisso.

— Não sei o que faria — acrescentou Pascale, honesta. — Tenho certeza de que eu iria querer matá-lo.

John sempre falava muito sobre mulheres, mas Pascale nunca pensou que ele fizesse algo. Na verdade, não tinha certeza. John gostava apenas da aura que isso lhe dava. Mas, no caso dele, era apenas conversa fiada e bravata.

— Eu teria de pensar muito antes de fazer alguma coisa e talvez tentar acreditar nele novamente. As pessoas às vezes fazem essas coisas, Diana.

— Não seja tão francesa a esse respeito — murmurou-lhe Diana.

Começou a chorar outra vez. Sentia-se totalmente infeliz e ainda lamentava ter vindo nestas férias. Todas as vezes que o olhava, descontrolava-se. Não sabia como se comportaria durante esse mês, ou mesmo mais um dia junto dele.

— Talvez os franceses estejam certos em algumas coisas — acrescentou Pascale, delicada. — Você tem que pensar bem antes, para não se arrepender mais tarde.

— Ele deveria ter pensado nisso antes de dormir com aquela mulher — respondeu Diana, zangada.

E parecia particularmente cruel que a mulher fosse mais jovem. Isso fazia Diana sentir-se velha e sem atrativos. Ele a machucara da forma mais dolorosa possível; Diana não sabia como superaria tudo ou se o casamento de ambos sobreviveria.

— Contou a alguém? — perguntou Pascale, cautelosa.

— Só a você — respondeu Diana. — Fiquei muito envergonhada. Não sei por que me sinto desconcertada, mas me sinto. Isso me faz sentir uma pessoa inferior, como se eu não fosse suficiente para ele.

Na verdade, Diana parecia arrasada.

— Diana, você sabe que isso não é verdade. Ele fez apenas uma coisa totalmente absurda. Tenho certeza de que ele também está desconcertado — disse Pascale, tentando ser justa com ambos. — Acho que foi muito corajoso você vir aqui.

Ela na verdade a admirava por isso, embora fosse óbvio que Diana não estivesse interessada em estar ali, confusa demais para se preocupar com a viagem.

Diana continuou, triste:

— Eu não queria desagradar você, nem Robert. Sei como vai ser difícil para ele vir aqui. Senti que tinha obrigação para com ele. Vim mais por ele do que por Eric.

— Talvez seja bom para vocês dois estarem aqui — acrescentou Pascale, com esperança.

Mas o casal precisava muito mais do que umas férias na Riviera. O casamento deles necessitava de uma cirurgia de maior vulto, não de um Band-Aid.

— Não acho que eu vá perdoá-lo por isso — ameaçou Diana, chorando mais uma vez.

— Agora não, com certeza. Mas talvez com o tempo — atalhou Pascale, prudente.

Depois, rodeou a amiga com um dos braços e se abraçaram; depois de alguns instantes, voltaram ao *living* a fim de se encontrarem com os maridos. Quando os homens voltaram a entrar em casa com os charutos, Pascale pôde ver o abismo que havia entre Diana e Eric. Olharam-se, como se fossem estranhos. O coração de Pascale sofreu por eles.

Ao subir com John para o quarto de dormir, Pascale ainda se sentia deprimida. O marido percebeu logo, o que era raro. Algumas vezes ele era pouco perceptivo quanto a ela.

— Alguma coisa errada?

John queria saber se, inadvertidamente, fizera ou dissera alguma coisa que a perturbara.

— Não, só estava pensando.

Pascale não queria lhe contar nada, a não ser que Diana lhe desse permissão. Não queria faltar à promessa à amiga; para contar a John, precisava ter perguntado a ela, mas não o fizera.

— Pensando em quê? — perguntou John, interessado.

Pascale parecia realmente aborrecida.

— Nada de importante. O que fazer para o almoço de amanhã? — mentiu-lhe, apenas para proteger Diana e o segredo de Eric.

— Não acredito em você. É algo importante?

— Um pouco.

— Acho que sei o que é. Eric acabou de me contar que ele e Diana estão tendo problemas.

John parecia perturbado com isso.

— Falou que tipo de problemas?

— Não. Os homens em geral não dão detalhes. Apenas disse que tiveram um problema sério no casamento.

— Ela quer se divorciar dele — explicou Pascale, parecendo aflitíssima. — Isso seria simplesmente terrível. Para ambos.

— É outra mulher? — perguntou John.

Pascale respondeu que sim com a cabeça.

John pareceu tão angustiado quanto ela.

— Eric diz que acabou, mas Diana afirma que está magoada demais para perdoá-lo.

— Espero que resolvam — declarou John, parecendo interessado. — Estão casados há 32 anos. Isso conta.

John, então, puxou-a para seus braços, com olhar carinhoso, o que não era do seu feitio. A maior parte do tempo, ele era grosseiro e barulhento, mas, apesar disso, Pascale sabia que ele a amava.

— Estava com saudades de você — cochichou ele, delicado.

— Também estava com saudades de você — sorriu-lhe Pascale.

John a beijou.

Um momento depois, John apagou as luzes e tomou-a nos braços. Havia seis semanas que não se viam, um longo tempo em qualquer casamento, mas ele sabia o que significava para ela estar em Paris, nunca lhe teria negado isso. Pascale ia lá todos os anos.

Nessa noite, depois de fazerem amor, ficaram deitados um nos braços do outro durante muito tempo, a lua cheia brilhando na janela do quarto. Depois que John dormiu, Pascale ficou deitada ao lado dele, a olhá-lo atentamente. Perguntava-se como se sentiria se John fizesse o mesmo que Eric com Diana. Sabia como se sentiria péssima. Tanto quanto Diana. Só conseguia pensar, ao olhá-lo, em como ela tinha sorte por tê-lo. Ele era tudo o que desejava e queria, e sempre seria.

Capítulo 7

Na manhã seguinte, quando Pascale preparava o desjejum para todos, John entrou na cozinha parecendo um tan-to apavorado. Em uma das mãos segurava uma maçaneta de bronze. Agathe andava por ali, vestida com biquíni de leopardo, sapatos de plataforma e um *walkman*; carregava uma lata de lixo e cantarolava alto. John parou por algum tempo a fitá-la, os olhos muito arregalados, como que duvidando do que via. Pascale continuava a fazer os ovos mexidos e parecia não se preocupar com Agathe. Já se acostumara com ela e parecia inteiramente abstraída de sua aparência.

— O banheiro está inundado! — gritou John, agitando a mão que segurava a maçaneta de bronze. — Que faço com isso?

— Não sei. Não pode tratar disso? Estou cozinhando.

Pascale parecia distraída e entretida, enquanto John continuava agitando a maçaneta de bronze na sua direção.

— Por que você não chama Marius e lhe pede ajuda? — sugeriu ela.

John parecia irritado.

— Como vou saber onde encontrá-lo? E como vou lhe dizer o que aconteceu?

— Mostre-lhe apenas — respondeu Pascale, enquanto fazia sinal com a mão para chamar a atenção de Agathe.

Por sua vez, Agathe ainda cantava, mas, afinal, desligou o *walkman*, enquanto Pascale explicava o problema. Não pareceu surpresa, apenas tirou da mão de John a maçaneta de bronze e saiu gingando para achar o marido. Ele apareceu minutos mais tarde com balde, esfregão e desentupidor de pia. Usava short e uma camiseta transparente, e parecia estar de forte ressaca.

Agathe contou que isso sempre acontecera: não era um problema sério. Um fiozinho fino de água começara a escorrer pelo teto da cozinha. Tanto John quanto Pascale entraram em pânico. Ele voltou à cena do crime, e Marius o seguiu mais devagar. Agathe guardou seu *walkman* e cantava alto enquanto arrumava a mesa.

Eric e Diana entraram na cozinha. Eric parecia assustado ao ver Agathe com o biquíni de leopardo e o avental.

— Que aparência — comentou ele, prudente.

Diana explodiu em uma gargalhada.

— Sempre anda assim? — quis saber.

Pascale apagou o forno e sorriu. Estava contente por ver que ambos pareciam um pouco mais descontraídos e descansados do que na noite anterior.

— Mais ou menos. Às vezes, usa roupas mais estranhas; às vezes, não; mas em geral é o mesmo tipo. No entanto, é ótima faxineira. Ajudou muito a pôr a casa em ordem antes que vocês chegassem.

— Parece calma — acrescentou Eric, pegando um pêssego da tigela na mesa da cozinha.

A fruta que Pascale comprara era deliciosa.

— Está chovendo aqui ou há algum problema? — perguntou Eric, olhando o fio de água escorrendo do teto.

— John diz que há uma goteira no banheiro — informou Pascale.

Eric entendeu. Pascale servia os ovos. Alguns minutos mais tarde, John se juntou a eles, parecendo atormentado e um tanto fora de si.

— Há cinco centímetros de água no chão do banheiro. Mande o Marius fechar a água até o bombeiro chegar.

— Como conseguiu falar tudo isso a ele?

Pascale estava impressionada. Em 25 anos de casamento, o máximo que ele dizia era *bonjour, au revoir e merci*, e assim mesmo quando obrigado.

— No secundário, eu costumava resolver charadas — informou ele, começando a comer os ovos.

Marius entrou e pôs o balde no rio de água que descia do telhado. Parecia escorrer cada vez mais rápido e mais forte. Marius, porém, parecia indiferente. Logo depois, ele e Agathe desapareceram.

— Dormiu bem? — perguntou Pascale a Eric, comendo os ovos.

Punha-lhes café forte em xícaras fumegantes.

— Muito bem — respondeu Eric, a olhar Diana.

Parecia que não se falavam ou apenas o absolutamente necessário. E, como parecia haver entre eles uma espécie de tensão, acabaram rápido de comer. Pascale sugeriu a Diana que fossem ao mercado. John quis ficar em casa e acompanhar o trabalho do bombeiro. Eric anunciou que iria verificar o barco e ver se poderia velejar.

Era uma manhã tranqüila para todos, a temperatura estava ótima, Diana e Pascale batiam papo, a caminho do mercado. Pascale comentava que Eric parecia se esforçar por ser agradável com ela. Diana respondia que sim com a cabeça e olhava fora da janela.

— Está se esforçando — admitiu para a amiga —, mas não tenho certeza se isso faz diferença.

— Tente ver apenas o que acontecerá durante as férias. O tempo pode curar as feridas, se você deixar.

— E depois? Esquecemos tudo e fingimos que nunca houve nada? Como acha que posso fazer isso? — Diana parecia irritada com a sugestão.

— Não tenho certeza se eu poderia fazer isso — respondeu Pascale, honesta. — Se fizesse algo parecido, talvez eu matasse John. Mas pode ser que, se algo parecido tivesse acontecido, eu daria um jeito em tudo.

— Por que *eu* tenho de dar um jeito em tudo? — perguntou Diana, parecendo de fato zangada. — Ele fez, eu não fiz.

— Mas talvez você tenha de perdoá-lo, se quiser continuar casada.

— Eu ainda não havia imaginado isso.

Pascale teve um gesto de compreensão. Alguns minutos mais tarde, chegavam ao mercado. Em duas horas compraram pão, queijos, frutas e vinhos, algumas *terrines* excelentes, além de uma torta de morangos que, só de olhar, deu água na boca de Pascale. Ao chegarem de volta a casa com as compras, encontraram Eric e John, em espreguiçadeiras, no deque. John fumava um charuto. Ambos pareciam descontraídos e felizes. As mulheres entraram com suas bolsas de barbante e uma cesta enorme. John lhes foi dizer que o bombeiro viera consertar o banheiro, mas que, assim que fora embora, a goteira no banheiro de Eric e Diana começara a escorrer, e que Marius estava no andar de cima, tentando consertá-lo.

— Não acho que devemos comprar a casa — disse Eric, prático.

— Há novidades — declarou John, agitando o charuto para a mulher. — Espero que não tenham gasto muito dinheiro em comida.

— Claro que não, comprei apenas queijos baratos, pão dormido e frutas que faltavam pouco para apodrecer. Foi uma pechincha de verdade.

— Muito engraçado — replicou ele, virando-se para Eric e soltando uma baforada do charuto.

Os quatro almoçaram ao ar livre. Depois, todos foram nadar. Eric levou Diana para velejar em um barco. A princípio, parecia não querer sair com ele, mas, afinal, conseguira convencê-la. Diana não era uma excelente marinheira e parecera firme a não querer dirigir-lhe a palavra. Pascale fora então tirar um

cochilo, e John desaparecera pouco depois. Como nada houvesse a fazer, Diana saiu a velejar com Eric.

À seis, hora em que os Donnally saíram do quarto, Eric e Diana conversavam e pareciam muito mais descontraídos do que nessa manhã. As coisas, evidentemente, não estavam perfeitas entre eles, mas um pouquinho melhores do que antes.

Nessa noite, Pascale preparou borrachos, usando uma antiga receita da mãe, e comeram a torta de morangos que ela e Diana haviam comprado no mercado. Era deliciosa. Finalizaram com *café filtre*, e, depois disso, sentaram-se ao redor da mesa e conversaram. Robert chegaria no dia seguinte, e Diana perguntou a Pascale se sabia algo mais sobre a amiga misteriosa que poderia trazer.

— Nada mais soube sobre ele desde que saí de Nova York. Suponho que ele vá nos falar quando chegar aqui, mas realmente não acho que seja a tal atriz. Mal se conhecem. Acho que nos preocupamos por nada.

No ambiente calmo de Saint-Tropez, Pascale se sentia menos preocupada.

— Assim espero — respondeu Diana, parecendo áspera.

Depois da infidelidade de Eric, parecia protetora de todos os costumes. Já prometera não deixar que Robert desse uma de bobo, e se ele lhes contasse que havia convidado Gwen Thomas para Saint-Tropez, Diana tinha o propósito de falar a ele que estava cometendo um erro e que se encontrar com alguma estrelinha era insultar a memória de Anne. Dificilmente seria estrela com essa idade, mas Diana estava convencida, como Pascale, de que Gwen talvez não fosse uma pessoa decente. E tudo o que elas queriam era que Robert se protegesse.

No dia seguinte, quando Robert chegou, ao sair do carro alugado com Amanda, parecia tranqüilo. A filha vestia uma camiseta branca, jeans brancos e um chapéu de palha. Robert, uma camisa de algodão azul e calça cáqui. Ambos

pareciam bem-dispostos, limpos, sadios e muito americanos, mas ficaram um pouco assustados ao virem a *villa*.

— Pelas fotos, era um pouco diferente — atalhou ele, parecendo confuso.

— Estou louco... ou esta é mais simples?

— Um pouquinho mais simples — explicou Pascale.

John lhe fez um olhar divertido.

— Espere até ver a criada e o jardineiro — acrescentou ele. — Mas conseguimos que nos devolvessem metade do dinheiro, o que não é muito.

— Por que devolveram o dinheiro? — Robert parecia surpreso com o que John lhe falara.

— Porque nos foderam. São franceses. O que espera?

Pascale, quando John falou isso, fulminou-o com um olhar de raiva, mas ele nem se intimidou.

— Grosseiramente, quando Pascale chegou aqui, evidentemente a casa parecia com *The Fall of the House of Usher*. Passou dois dias limpando-a. A casa está excelente, mas não tente puxar a descarga no banheiro, nem espere vê-la na revista *Arhitectural Digest*.

Robert compreendeu, com um olhar divertido, Amanda parecia imediatamente aborrecida.

— Podemos usar os banheiros?

Havia na voz um tom de terror, que na mesma hora divertiu Pascale. Anne sempre se queixara a ela de que a filha era mimada e muito minuciosa.

— Claro que pode — tranquilizou-a John. — Apenas use as galochas.

— Oh, meu Deus — atalhou ela.

Pascale tentava não rir.

— Devo ir para um hotel? Podemos ficar aqui?

Amanda nem pensara poder chamar um bombeiro, de modo algum. Preferia ir para um hotel.

— Estamos aqui, há dois dias — cortou Diana, com experiência. E estamos sobrevivendo muito bem. Vou lhe mostrar seu quarto.

No andar superior, Amanda ficou um pouco mais tranqüila. O encanamento gorgolejava e escorria. A moça percebeu no quarto um cheiro de umidade e de mofo. Era uma dessas pessoas que, quando saíam de casa, nunca se sentiam inteiramente à vontade ou em paz.

— Vou abrir as janelas para você — disse Diana. Enquanto tentava abri-las, uma das janelas se soltou e caiu no jardim. — Vou pedir ao jardineiro para colocá-la de volta no lugar — ela disse, com um sorriso, ao ver a expressão horrorizada de Amanda.

Cinco minutos depois, Amanda voltou para perto do pai e lhe perguntou se achava a casa segura. Também tinha fobia por aranhas e quaisquer insetos; com certeza, a casa tinha muitos.

— Acho que não devemos ficar aqui — acrescentou Amanda, por precaução.

Sugeriu que vissem o Hotel Byblos, o melhor de Saint-Tropez. Um ano antes, uma de suas amigas ficara ali.

— Ficaremos bem, aqui — respondeu ele, tranqüilizando-a. — Será divertido. É melhor ficar aqui com nossos amigos. Não precisamos ir para um hotel.

Eric já havia lhe dito que o barco estava perfeito, e ele desejava ardentemente velejar com ele.

— Talvez eu vá mais cedo a Veneza — acrescentou ela, ainda preocupada. Tinha amigos lá.

— Como quiser — respondeu Robert, calmo.

Anne sempre lidava bem com ela, melhor que Robert. Amanda sempre ficava impaciente, quando nervosa ou aborrecida, e era óbvio que preferia coisas luxuosas a simples. Mas Robert achava que, na idade dela, não faria mal

algum passar dias em uma *villa* caindo aos pedaços, cheia de insetos e outras coisas. Em verdade, gostava da casa. Era confortável, todos os móveis estavam deteriorados pelo uso, mas achava que exercia certo fascínio, já dissera a Pascale que gostava dela, o que a deixou feliz. Sentia-se culpada por não ser tão grandiosa conforme fora prometido. Mas todos haviam se acomodado muito bem.

A primeira crise sem importância aconteceu naquela tarde, quando Amanda foi se deitar na cama e ler um pouco. Logo após se ajeitar, o móvel desabou. As duas pernas quebradas haviam sido cuidadosamente escoradas para esconder. No momento em que se mexeu, a cama desabou. Amanda deu um grito, e Pascale perguntou o que acontecera, rindo ao vê-la estatelada no chão.

— Meu Deus! Vou chamar Marius para consertar a cama.

Quando ele apareceu para fazer o conserto, viu que a cama fora colada de tal forma que, desta vez, não podia ser reparada. Amanda teve de se conformar em dormir no colchão arrumado no chão, o que tornava mais fácil o acesso das aranhas e dos insetos. Não se queixou. Pascale passou a achar que ela iria logo para Veneza.

Com a caixa de ferramentas na mão, Marius saiu do quarto de Amanda entorpecido pelo álcool. Pascale lhe agradeceu a ajuda.

— É um bom sujeito — riu John, mais tarde. — A mulher é uma pedra preciosa. Vocês vão adorar suas roupas — prometeu ele.

Naquela tarde, quando Agathe reapareceu, usava uma blusa de renda transparente (via-se por baixo o sutiã preto) e shorts curtos que mal lhe cobriam o traseiro. Amanda não conseguiu deixar de rir, embora o pai parecesse algo horrorizado.

— Acho-a um bocado atraente — aprovou John, parecendo se divertir.

Robert sorriu, apesar de tudo.

— Esperem até ver o biquíni de leopardo ou a bermuda ciclista cor-de-rosa berrante.

Robert riu muito. Amanda desapareceu. Nessa tarde, o pai se divertira no barco a vela, e estava achando graça no estado da casa, velho e gasto. Para ele, parecia uma aventura, e estava convencido de que Anne também teria gostado dali e visto o lado engraçado de tudo. Sempre fora mais audaciosa do que a filha e não tinha medo de insetos. Amanda era uma menina da cidade.

Enquanto Pascale preparava o jantar daquela noite, assando frangos, a porta do forno se soltou e foi cair aos seus pés, no chão da cozinha. Eric fez tudo para consertá-la. Usou arame de enfardar e criou um sistema engenhoso para prender novamente a porta, enquanto todos aplaudiam sua inventividade. Mais tarde, porém, com o olhar de esperança, Amanda falou novamente ao pai sobre o Byblos. Ela, evidentemente, não apreciava a simplicidade da casa tanto quanto o pai e os amigos.

— Gosto muito dela e meus amigos também — avisou o pai, honesto.

No entanto, Amanda não achava a casa nada divertida. Não havia ninguém de sua idade, e ela começava a pensar que errara ao vir. Mas, ao ir embora antes do combinado, não queria ferir os sentimentos de ninguém.

Foi o pai, afinal, que se ofereceu para ajudá-la a sair dessa situação difícil.

— A casa não é muito divertida, nem confortável como pensei.

Até mesmo o barquinho a vela não oferecia grande distração. Os irmãos eram marujos, porém Amanda sempre detestara velejar. Gostava de esqui aquático, ir dançar à noite e estar com pessoas de sua idade.

— Adoro ficar aqui com você, papai — afirmou ela, honesta.

Sempre gostara dos amigos dos pais. Mas também sentia muito não ver a mãe no meio deles, mesmo amiga de Diana e Pascale.

— Não quer ir logo para Veneza? Não ficarei magoado — Robert se sentia feliz por estar com os Morrison e os Donnaly.

Amanda se sentia culpada por abandoná-lo.

— Claro que não. Adoro isso aqui.

Pai e filha sabiam que ela exagerava.

— Você deveria tentar se reunir mais cedo aos seus amigos.

Nessa tarde, Robert insistiu para que a filha fosse fazer compras em Saint-Tropez. Lá, encontrou-se por acaso com um amigo hospedado perto dali, em Ramatuelle. Era um jovem muito agradável e, à noite, veio buscá-la para jantar.

Todos iam jantar no Le Chabichou, que Agathe sugerira. Saíram de casa em dois carros. Estavam animados, menos Eric e Diana, que brigaram e foram em veículos separados. Eric parecia calado e Diana mais calada que nunca. Mas todos ficaram contentes com o restaurante e muito mais ao provar a comida. Era de primeira qualidade.

Às onze da noite, ainda estavam lá, alegres e satisfeitos, e haviam bebido três garrafas de vinho. Até mesmo o estado de espírito de Eric e Diana melhorara, embora não estivessem sentados juntos um do outro nem se falado a noite toda. Pascale conversava com Robert, quando ele novamente falou que uma amiga chegaria na segunda-feira. Achava que Amanda fosse embora no fim de semana, ou antes até.

— É alguém que conhecemos? — quis saber Pascale, fingindo-se despreocupada.

Morria de curiosidade; não queria parecer intrometer-se na vida de Robert.

— Acho que não. É uma amiga que conheci há dois meses, quando saí com Amanda.

Pascale aguçou os ouvidos. Perguntando-se se era a atriz mal-afamada — pelo menos ela achava que fosse mal-afamada, com o que Diana concordara.

— Tenho certeza de que já ouviu falar dela — continuou Robert. — É uma mulher muito linda. Vai ficar esta semana com amigos em Antibes, e achei que seria ótimo se todos vocês a conhecessem.

Pascale lutava procurando as palavras certas, dividida entre a curiosidade e as boas maneiras:

— Está interessado nela, Robert?

— Somos apenas amigos — respondeu, sincero.

Ao perceber que todos escutavam, pareceu um pouco desconcertado.

— Ela é atriz. Gwen Thomas. Ganhou um Oscar no ano passado.

No momento em que falou isso, Diana o olhou do outro lado da mesa, a desaprovar abertamente. Nesses momentos, desaprovava tudo.

— Por que ela quer vir para cá? — perguntou, áspera. — Não estamos muito interessados e a casa está uma desordem. Quer realmente que ela venha aqui?

Todos esperavam que ela não quisesse vir, não queriam uma estranha no meio deles, especialmente alguém que talvez fosse difícil e mimada. As duas mulheres tinham certeza de que “a atriz”, como se referiam a ela, tentava de alguma forma tirar vantagem de Robert. Amavam-no muito, e, depois de muitos anos protegido pelo casamento, admitiam que fosse ingênuo.

— Ela é muito linda. Vocês gostarão dela — justificou-se Robert, tranqüilo.

Os homens assentiram, curiosos para conhecê-la, e as duas mulheres franziram as sobrancelhas.

— Isto não é bem um Rodeo Drive — insistiu Diana, tentando desencorajá-lo.

Parecia indiferente, nada entusiasmada por conhecer Gwen. John e Eric, na verdade, estavam muito curiosos, mas nada disseram às mulheres.

Pascale pensou que não haveria nada pior do que ter de distrair alguma prima-dona mimada. Tinha certeza de que Gwen Thomas seria um pesadelo, famosa bastante para isso. Estragaria as férias inteiras de todos. E, quem sabe, a vida de Robert.

— Vai ficar aqui por quanto tempo?

— Alguns dias, uma semana no máximo. Depende de quando terá de voltar a Los Angeles. Precisa ensaiar um filme, e, antes, quer descansar. Achei que ficar aqui seria divertido para ela. — afirmou em tom paternal, protetor. — Anne teria gostado dela. As duas têm os mesmos pontos de vista e decisões. Ela gosta dos mesmos livros, músicas e peças.

Pascale olhou John, preocupada, e Diana até mesmo deu uma olhada rápida para Eric. Nenhuma das mulheres acreditou, por um minuto sequer, que Robert e Gwen fossem apenas “amigos”. Tinham certeza de que Gwen Thomas o agarrara, e que ele era muito inocente para ser massacrado. Não podiam conceber que os motivos da atriz fossem puros.

E, quando todas se calaram, Eric lhe pediu o cheque, para que cada um pagasse a sua parte, enquanto John olhava atentamente a conta, resolvido a encontrar um erro. Sempre afirmava que os restaurantes queriam enganá-lo; por isso, Pascale detestava sair com ele para jantar. Na hora de tirar o cheque e recalcular tudo, ele sempre estragava o jantar de Pascale. Ela, no entanto, estava tão amolada com a chegada da “amiga” de Robert que não deu atenção a John. Mal conseguia esperar para discutir tudo com Diana no dia seguinte, pois achava um ato de coragem de Robert trazer Gwen ali. Parecia cedo demais, depois da morte de Anne, marcar encontro com qualquer pessoa. A companheira e a visita pareciam-lhe erradas em todos os sentidos.

— Aonde vamos então? — quis saber Robert, amável.

Voltaram aos carros e foram para casa. Pascale e Diana, acompanhadas de John, conversaram animadas sobre os planos que tinham para “salvar” Robert da diabólica Gwen.

— Por que não damos uma oportunidade à moça e vemos como ela se comporta? — sugeriu John, sensato.

As duas mulheres se sentiram insultadas. Isso fez John achar que ambas sentiam ciúmes de Gwen, mas ele não poderia ter a audácia de insinuar isso. Só diziam estar aborrecidas por Robert e pediam a Anne que o protegesse dessa moça — de acordo com elas, totalmente indigna dele.

Em casa, desejaram-se boa-noite. Amanda já chegara e estava deitada.

Pascale se deitou pensando no pesadelo que estava por descer sobre eles, e virou-se para John, o olhar aborrecido.

— E os *paparazzi*? — perguntou ela, preocupada.

— E... o quê? — perguntou John, confuso.

Não tinha idéia do que Pascale pensava. A imaginação dela parecia correr solta.

— Todos eles vão viver aqui, se essa mulher vier para cá. Não teremos mais um minuto de calma, no restante das férias.

Isso podia acontecer, e nenhum deles pensara ainda em alguma coisa.

— Não há muito a fazer. Ela, com certeza, está acostumada a isso, e sabe como enfrentar — acrescentou John, parecendo desconcertado. — Só quero lhe perguntar por que razão você e Diana não conseguem engoli-la.

— Não a engolimos — enfureceu-se Pascale, parecendo muito francesa. — Nós nos preocupamos com Robert. Essa Gwen talvez não fique mais que um dia, quando ela vir a casa — disse Pascale, confiante. — Talvez vá embora ao perceber que pegamos no pé dela. Robert pode ser inocente, mas nós não somos.

Ao ouvir isso, John riu.

— Pobre Robert. Só precisava saber o que você planeja para ele quando Gwen chegar aqui. Suponho que não vamos nos acostumar à idéia de alguém mais na sua vida — disse John, pensativo. — Ninguém, a não ser Anne; parece ser uma intromissão. Mas Robert tem o direito de fazer o que quer. É adulto, e precisa de companhia feminina. Não pode ficar para sempre sozinho. Se ele

gosta dessa menina, Pascale, por que não? É bonita, é jovem. Robert gosta da companhia dela. Ele poderia fazer muito pior.

Na verdade, para ele, isso era muito mais importante — mais do que revelava a Pascale.

— Está maluco? Andou bebendo? Você não sabe quem ela é? Uma putinha que é atriz, e temos de salvá-lo dela.

Era, para dizer o mínimo, um ponto de vista exagerado. Pascale parecia uma Joana d’Arc em uma cruzada.

— Sei o que pensa — insistiu John. — Eu me perguntava se temos o direito de nos intrometer. Robert deve saber o que faz. Talvez os dois sejam realmente apenas amigos. Se for mais do que isso, talvez ele esteja apaixonado por ela. Pobre Robert. Tenho pena dele. — Mas, como alguém poderia ter pena dele? Uma das maiores estrelas de Hollywood vem visitá-lo e se nada mais houvesse na vida, isto seria mais empolgante do que sua vida com Anne.

— Também sinto pena dele. É um inocente. Por isso mesmo é que temos de protegê-lo. Amanda ficaria horrorizada, se soubesse desse assunto.

— Você não deve contar a ela — completou John, sério. — Cabe a Robert contar à filha sobre Gwen.

— Afinal vai saber de qualquer modo — acrescentou Pascale, agourenta.

— Deixe-o ter um pouco de diversão depois de toda a tristeza que sentiu com a morte de Anne. Provavelmente deve ser apenas isso. Apenas uma diversão. No fim, vamos achar alguém apropriado para ele — declarou Pascale, firme.

— Robert não está exatamente fazendo um mau negócio — lembrou-lhe John. — Gwen é muito atraente, uma das atrizes mais conhecidas do país.

— Exatamente — concluiu Pascale, como se John lhe houvesse comprovado tudo. — E é disso que temos de protegê-lo. Por isso mesmo, talvez ela não seja uma pessoa sincera.

— Pobre Robert — terminou John, mais uma vez, a sorrir.

E dormiu, aconchegado a Pascale. John se sentia triste por Robert; apesar dos terríveis prognósticos de Pascale, Gwen lhe parecia muito boa.

Capítulo 8

O restante da semana transcorreu tranqüilamente. Todos jantaram em casa e em restaurantes; descontraíram-se e deitaram-se ao sol, nadaram e velejaram. E Amanda foi embora no sábado, apenas um dia antes do combinado. Apesar de tudo, ela e o pai se divertiram muito. Ele lhe dissera vagamente que alguém de sua amizade o visitaria na semana seguinte; a filha ficou feliz ao saber que o pai estaria cercado por amigos. Perguntou-lhe quem era, mas, na pressa antes da viagem, não insistiu. Pensou que fosse um de seus velhos amigos ou alguém do tribunal; nunca lhe passou pela cabeça que poderia ser uma mulher e não um homem.

Na noite de sábado, quando Pascale e Diana preparavam o jantar, houve uma espécie de expectativa com a chegada de Gwen, no dia seguinte. Robert nada mais falara sobre ela, mas era evidente, mesmo quando se referia a ela, que estava ansioso por vê-la. Pascale e Diane — e mesmo Eric e John até certo ponto — ainda estavam curiosas e desconfiadas de Gwen. Apesar de tudo o que pensavam, de forma preconcebida, não tinham certeza do que esperar.

Robert parecia, para eles, um bebê perdido na floresta. Há anos, não marcava encontro com ninguém, muito menos com uma mulher como esta. O mundo de Gwen lhe era totalmente estranho. Era famosa, sofisticada e levava uma vida que, em princípio, todos desaprovavam. Não era “decente”, como Pascale afirmou, era divorciada e nunca tivera filhos, o que lhes sugeria que, no

mínimo, fosse egoísta e egocêntrica. Evidentemente, ela se escondia na carreira. Pascale não conseguira ter filhos. Estavam certos de que Gwen Thomas detestava crianças. Encontraram mil motivos para antipatizar com ela, mesmo antes de a conhecerem.

Na manhã de segunda, Gwen telefonou. Após desligar, Robert informou que ela chegaria de carro para o almoço. As duas amigas tinham certeza de que viria em uma limusine comprida e preta, talvez com motorista uniformizado ou algo também absurdo. Pediram a Marius que consertasse a cama de Gwen, no antigo quarto de Amanda, mas ninguém prestou atenção se o móvel se quebraria novamente. Pareciam crianças em um acampamento ou internato, querendo atormentar uma menina nova.

Robert fez com que todos tomassem banho e estivessem vestidos antes de ela chegar. Usava short branco, camisa esporte branca e um par de sandálias marrons, parecia muito elegante. Era um homem bonito e o bronzeado o fazia parecer ainda melhor, mais jovem e mais saudável que há meses, ou mesmo anos.

Pascale propôs que não esperassem Gwen para o almoço. Mas Robert afirmou que também não almoçaria e que, se ela estivesse com fome, a levaria a um bistrô em Saint-Tropez. Parecia-lhe mais cortês do que simplesmente não aguardá-la e comer com os outros. Ele, porém, insistia para que todos almoçassem sem ele. Como sempre, estava calmo e agradável, sem ter idéia de que as amigas estavam ressentidas com Gwen. Se tivesse desconfiado do que lhe reservavam, Robert nunca pediria que ela viesse.

Ao meio-dia, Pascale ia tirar o almoço, quando ouviu um carro chegar. Olhou pela janela da cozinha e viu apenas um pequenino Deux Chevaux. Dele desceu uma linda ruiva, numa minissaia de brim, camiseta branca e um par de sandálias baixas, brancas. Parecia bem simples, mas, ao mesmo tempo, muito diferente, saudável e séria. Usava os cabelos em tranças. Pascale ficou

impressionada, ela se parecia muito com Amanda, só que mais bonita. Primeiro, perguntava-se quem era a mulher; depois, percebeu, assustada, que era Gwen. Não havia à vista limusine, nem motorista, nem *paparazzi*. Gwen carregava uma bolsa grande de palha, pesada, e uma maleta de viagem, simples. Apesar de tudo, Pascale pediu a Marius que fosse ajudá-la. Viu Robert deixando a casa. Devia estar na janela no andar superior, atento, como um menino a esperar um amigo que vem.

Assim que Gwen viu Robert, sorriu. Ao mesmo tempo, Pascale teve de reconhecer que o sorriso era encantador, a pele bonita e pernas belíssimas, na minissaia e nas sandálias. As formas eram muito bem-feitas. Enquanto caminhavam devagar para a cozinha, Gwen parecia feliz e à vontade. No instante seguinte, Pascale a olhava fixamente, enquanto Robert a apresentava, e sorria arrogante para Gwen.

— Que bom conhecê-la — mentiu Pascale. — Ouvimos falar muito a seu respeito.

— Também ouvi muito a seu respeito — respondeu Gwen, amável. — Você é Pascale, não? Que tal a casa?

Gwen apertou as mãos de Pascale e pareceu não perceber a fria recepção que estava tendo. Era natural, sem afetação e surpreendentemente despretensiosa. Disse que levaria a bagagem para o andar superior, mas Robert mandara Marius fazer isso. Depois, Gwen se ofereceu a ajudar no almoço. Foi diretamente à pia e lavou as mãos. Parecia esperar trabalhar com Pascale.

— Eu... não... ahh... está tudo bem. Não precisa me ajudar.

Gwen e Robert ficaram na cozinha, conversando. Ele lhe falava, animado, sobre o que Pascale fizera na casa e como a tornara confortável para todos.

— Deveriam nos pagar para ficarmos aqui — acrescentou Robert.

John entrou na cozinha. Ao ouvir, ficou animado.

— Apóio essa idéia.

John a olhava, querendo saber quem era. E não importa quem fosse, era muito linda, pensou consigo, e, ao ver o rosto da mulher, percebeu com quem falava. No início, não reconhecera Gwen, e o que o surpreendeu mais foi o fato de não esperar que ela parecesse tão humana, tão encantadora ou tão jovem. Com certeza, não parecia ter 41 anos. Pascale, no entanto, queria saber se a beleza era natural ou se fora “fabricada”. Usava muito pouca maquilagem e, a seu modo, parecia surpreendentemente natural. Tinha maneiras simples, despretensiosas, amabilidade e simpatia, além de um olhar perturbador. Ao examiná-la com cuidado, era impossível ver nela o diabo que Pascale havia pintado. Em pouco tempo, Pascale parecia surpresa e ansiosa com o encanto evidente no rosto de Gwen.

Dez minutos depois, o almoço estava na mesa. Os Morrison apareceram e pararam para dar uma rápida olhada. Não era de modo algum o que haviam imaginado: Gwen, muito mais bonita e natural, ao lhes dirigir a palavra, parecia muito cordial. Mas, mesmo diante disso, Diana dizia a si mesma que Gwen era uma atriz e poderia enganar qualquer um.

Sem perceber nenhum dos pensamentos malévolos sobre si, Gwen se sentou à mesa com eles, após levar várias travessas para a mesa. Ao dar a mão a Pascale, ajudara a pessoa certa, sem hesitar nem restringir. Robert se oferecera para levá-la a um restaurante para almoçar; ela, no entanto, afirmou que estaria muito mais feliz ali, almoçando com os amigos dele. Acrescentou que Robert conversara tanto sobre eles que se sentia feliz por encontrar todos finalmente. E, mal falou isso, Pascale e Diana trocaram um olhar mau. Estavam convencidas de que, por debaixo da simpática aparência exterior, havia uma puta.

Ao se sentarem à mesa para almoçar, Robert perguntou a Gwen sobre Antibes. Parecia muito à vontade, e ela respondeu que se divertira, lera um bocado e ficara deitada ao sol. Ao chegar, estava exausta.

— O que leu? — perguntou ele, com interesse.

Todos, sentados, olhavam-na, sentindo-se encantados e desconfortáveis. Havia um quê de irrealidade ao se sentarem ali, conversando com Gwen, após vê-la tantas vezes na tela. Ao responder às perguntas de Robert, Gwen falou que lera alguns romances novos muito bons e os citou. Eram todos os mesmos livros que Pascale e Diana haviam acabado de ler.

— Sempre espero realizar algum filme baseado nos livros que leio. Mas não é fácil achar bons enredos. A maior parte dos textos é tão maçante e entediante — explicou ela, como que esclarecendo.

Informou que havia trabalhado em um filme baseado em um dos mais recentes romances de Grisham, e que realmente adorara realizá-lo. Nem Pascale nem Diana se confessaram impressionadas, no entanto estavam.

Robert conhecia dois dos quatro livros que ela lera, e teve de concordar com ela, pois gostara deles. E conversaram animados sobre isso, e, até Pascale servir café, fizeram listas de outras coisas. Eric e John entraram na conversa, mas as mulheres resistiam. Não queriam se deixar seduzir por Gwen, embora estivesse claro que os homens ficaram rapidamente encantados pela graça da moça. Era fácil ver por que Robert gostava de estar com ela. Era desembaraçada, inteligente, tinha um fino senso de humor e era fácil tê-la por perto. Isso a fazia muito mais fácil que Diana ou Pascale. Foi Gwen quem puxou conversa com elas, perguntando-lhes o que fizeram durante as férias, e conversando abobrinhas, embora Pascale e Diana não ajudassem em nada. Respondiam-lhe por monossílabos e, muitas vezes, nem respondiam, embora ela não parecesse perceber ou dar a mínima importância.

Logo depois que terminou a refeição, Agathe entrou na sala, trazendo um momento de descontração. Parecia que ela não percebera o efeito que causou; cantarolava levando uma pilha de toalhas, um dos *poodles* saltitando atrás dela. Saía da cozinha quase tão depressa quanto entrara. Gwen arregalou os olhos,

enquanto o generoso traseiro de Agathe bamboleava em ritmo de música. Usava short de leopardo, corpete de tecido muito brilhante, os sapatos que preferia, com saltos de cetim vermelho.

— O que é isso? — sussurrou Gwen a Robert, depois que Agathe saiu. — Parecia o Liberace vestido de travesti.

Todos riram.

— Isso é Agathe — respondeu Robert, sorriso largo, divertido com a descrição inteligente de Gwen.

Uma das coisas de que ele gostava em Gwen era que ela o fazia rir como há muito não acontecia.

— É a empregada — informou Robert, feliz. — Em geral, usa uniforme preto e um avental de renda, mas, hoje, vestiu-se especialmente para você — provocou ele.

Os amigos olhavam o rosto de Robert. Parecia à vontade. Ele, que em geral era tão sério, algumas vezes mesmo triste, agora estava mais despreocupado que nunca. Pascale achou que ele se fazia de bobo, enquanto Diana queria saber se a cor dos cabelos de Gwen era natural. Era de uma tonalidade de vermelho surpreendente, que poderia ser verdadeira, e, na verdade, era. Era ruiva natural, a mais rara de todas as aves de Hollywood, com olhos castanho-escuros, pele perfeita, sem sardas. Havia muita inveja com relação a ela.

— E ela limpa de verdade? — quis saber Gwen.

Robert balançou a cabeça, muito divertido e com surpreendente bom humor. Estivera assim as férias inteiras, e Pascale não conseguia imaginar se era por causa da expectativa da visita de Gwen. Com certeza, não parecia tão angustiado como nos meses anteriores, mas John já afirmara não ser justo avaliar a dor de Robert com as tentativas de ser agradável, nem sobrecarregá-lo com tristeza.

— Pascale diz que ela trabalha muito — explicou Robert sobre a empregada que usava roupas extravagantes e o bando de cães que nunca paravam de latir. — Você já conheceu o marido. Bebe um bocado, mas é bastante agradável. Vieram junto com a casa.

Gwen ria.

— O que todos vão fazer esta tarde? — quis saber Diana, olhando-os intencionalmente.

Já resolvera que se dissessem que tirariam um cochilo, ela ficaria no corredor, entre os quartos, ocupada. Queria fazer todo o necessário para proteger a virtude de Robert. E o mínimo que poderia fazer, sentia ela, era arranjar coisas que lhes dificultassem a vida. Sentia dever muito a Anne.

— Não me importaria de ir a Saint-Tropez para fazer compras — informou Gwen.

Em conversa anterior, ela falara a Robert que adorava fazer compras, mas que raramente tinha tempo.

— Vou com você — respondeu ele, rápido.

Todos arregalaram os olhos. Sabiam que Robert detestava fazer compras. E Anne também. Ele, agora, era um homem diferente.

— Gosta de velejar? — perguntou Pascale, querendo ser simpática.

— Adoro — respondeu Gwen, tranqüila.

Dirigiu-se a Robert:

— Gostaria de velejar?

Gwen olhava Robert, amável.

— Podemos fazer as duas coisas — informou Robert, sensato. — Por que não vamos antes a Saint-Tropez?

— Vou pegar minha bolsa.

Gwen foi ao quarto pegá-la. Robert sorria. Não tinha noção do ciúme que havia nos corações de Pascale e Diana. Ambas se comportavam como gêmeas

malvadas.

— É uma mulher encantadora, não? — ele quis saber, feliz por conhecerem-na.

— Sim — respondeu Pascale, entre dentes.

Robert a olhava, calmo.

John achava que ela e Diana exageraram e que Robert e Gwen tinham espírito esportivo. Se lhe perguntassem, Eric teria concordado com ele. Felizmente, Robert parecia não ter percebido a forma sutilmente hostil das duas mulheres. Admirava tanto Gwen, que se tornava difícil imaginar alguém menos deslumbrado por ela. Embora as duas amigas estivessem resolvidas a resistir, sem que ele soubesse. Elas viam Gwen como sereia e como ameaça, que se deveria afugentar a todo custo. Não importavam os meios. Para o próprio bem de Robert, claro.

Robert e Gwen saíram após despedirem-se deles. Alguns minutos mais tarde, o Deux Chevaux foi embora. Os dois amigos olhavam as mulheres, a censurá-las.

— O que vocês duas, esclarecidas, vão dizer quando eles voltarem? Gwen parece encantadora e é convidada de Robert — Eric informou a Pascale e Diana.

Era evidente que John concordava com ele, pois fazia que sim com a cabeça.

— Ela com certeza descobriu quais as suas intenções, não? — respondeu Diana, amarga, insinuando os recentes descaminhos do marido. — Não sabia que as ruivas faziam o seu tipo. Mas acho que há uma porção de coisas que eu não sabia a seu respeito.

Foi um soco desleal. Eric pareceu não ficar satisfeito, mas se manteve firme.

— Não foi o que conversávamos. Se eu fosse Gwen, não me preocuparia em desfazer a mala. Iria imediatamente para o hotel mais próximo, em vez de

tanta conversa fiada. Ela não deveria ficar aqui. Robert quer que ela fique. Convém a Robert. Gwen evidentemente faz isto por ele. Não é culpa dessa mulher que Robert tenha quatro amigos tão ligados a Anne. Ela não precisa compreender isso. Não é o que Robert quer da vida, não é o que nós queremos que aconteça.

O que John falou tinha sentido, caso admitissem ou não.

— Ela é atriz — acrescentou Pascale, irritada. — pode convencer qualquer um, você, John, Robert, do que quiser... é o que ela faz. Robert nem mesmo sabe quem ela é.

— Talvez Robert a conheça melhor que nós, Pascale. Não é tolo; é adulto e inteligente. Gwen é uma mulher bonita, e é tolice se quer ver até onde nos suporta. Eu, no lugar dela, não faria isso. Disse a todos nós para nos esforçarmos, e saímos para almoçar. Vocês duas mal falaram. Tenho certeza de que há muita gente que brigaria para conhecê-la e ser-lhe agradável. Gwen não precisa de nós para atrapalhar suas férias. Que vão dizer quando eles voltarem da cidade?

Eric pedia isso às duas amigas. Nunca as vira comportando-se assim. John aprovava.

— Eric está certo. Se criarmos dificuldades, vamos magoar Robert e Gwen. Por que não o deixamos chegar a essa conclusão por si mesmo?

Além disso, John não queria admiti-lo a Pascale, mas gostava de Gwen, muito mais do que imaginava. E gostava do modo como ela tratara seus amigos — com bondade, respeito, humor e cortesia. Havia nela algo incrivelmente decente e sensível, e John ficara muito desconcertado com a forma como sua mulher a tratara.

— O que é que há com vocês dois? — aparteou Diana, mais uma vez. — Só porque ela tem duas pernas bonitas e usa minissaia, os dois se apaixonaram por ela? É 22 anos mais moça que Robert, e ele está fazendo papel de bobo. E

por quanto tempo acham que isso vai durar? Algum ator jovem e bonito vai aparecer, e ela vai se livrar dele. E se ele se apaixonar por ela, vai ficar de coração partido.

— Talvez já esteja. E talvez Gwen tenha se apaixonado por Robert. Por que não deixá-lo resolver o problema sozinho? Que tem de errado, mesmo que não dure, se ele se divertir dessa forma? Será, algum dia, uma ótima história para contar aos netos, sobre o romance que teve com uma atriz jovem e bela, em um verão. Coisas piores acontecem. Muito piores — acrescentou Eric, olhando a mulher. — Robert está solteiro, pelo amor de Deus! Não deve explicação alguma a ninguém, nem a nós, com certeza. Que direito temos de atrapalhá-lo?

— Todos os homens pensam com apenas um órgão da anatomia? — perguntou Diana, diretamente ao marido. — Entendi! Ela é bonita. Reconheço isso. Mas nenhum de nós sabe quem ela é, e aposto que Robert também não. Não quero vê-lo fazer alguma coisa absurda, ou sair machucado, ou deixar qualquer vagabundinha de Hollywood tirar vantagem dele.

— Como? — insistiu Eric. — O que Gwen vai tirar dele? Talvez faça mais dinheiro que qualquer um de nós. Não vai tirar proveito só por dormir com ele. Robert não pode lhe dar um papel em um filme. Pelo amor de Deus, nem mesmo pode lhe conseguir os ingressos de uma estréia. E, se não fosse por ele, talvez Gwen ficasse em um hotel quatro estrelas, e não dormindo em uma cama que talvez desabe no meio da noite, com um banheiro que não funciona, uma empregada que sopra fumaça na sua cara e quatro pessoas que a atormentam, com a desculpa de que estará de qualquer maneira com ele — e talvez consigam. O que vocês pensam exatamente que ela sairá ganhando disso tudo?

O que Eric dizia tinha sentido, embora nenhuma mulher estivesse pronta a admitir; havia um pormenor.

— E se Robert se casar com ela? — indagou Pascale, irada. — E aí?

— Por que nos preocuparmos com isso agora? — argumentou John.

Eric riu.

— Lembro-me da primeira vez que todos nós jantamos com você, Pascale. Mal falava inglês, chegou uma hora atrasada, usava um vestido de cetim preto tão apertado que mal conseguia respirar, e você era bailarina, que de modo algum é muito diferente de ser atriz, pelo menos aos olhos de algumas pessoas. Anne e Diana também estavam desconfiadas. Mas superaram. Se apaixonaram por você... Todas lhe deram uma chance. Por que você não pode fazer o mesmo com Gwen?

Houve silêncio na sala. John a olhava. Depois, finalmente, Pascale se virou e resignou-se com um gesto. John havia marcado um ponto, e ela sabia disso. Fora uma bailarina amedrontada, que morria de fome, quando John se apaixonou por ela, e podiam tê-la acusado das mesmas coisas. O que complicava tudo era que, agora, todos amavam Anne. Anne, porém, se fora. E Gwen era a mulher com quem Robert queria estar. Ao levá-la ali, ele confiara nos amigos. E eles estavam traindo essa confiança, sendo desatenciosos com ela. Pascale via o propósito de Eric, mas não conseguia admitir isso.

Diana nada admitiu ao pôr na pia os pratos do almoço. Ainda estava tão irritada com Eric que nada quis ouvir do que ele falava. Gwen era apenas outro rosto bonito e um par de pernas bonitas que ele perseguia, no que lhe dizia respeito. E o fato de John concordar com Eric nada queria dizer para Diana. Estava tão indignada com todos, nesses últimos dias, que Gwen fora bode expiatório para dar vazão à angústia que sentia.

Depois disso, John e Eric saíram para o jardim a fim de fumar charutos. Pascale demorou na cozinha para ajudar Diana; após longo silêncio, olhou a amiga com olhar interrogativo.

— O que acha? — perguntou Pascale, as sobrancelhas franzidas, aborrecida.

— É cedo demais para saber quem ela é realmente — atalhou Diana, teimosa.

Pascale assentiu, mas, no fundo do coração, há muito se convencera. Eric conseguira seu intento.

Enquanto isso, no carro, a caminho de Saint-Tropez, Gwen perguntava a Robert sobre seus amigos:

— Tem certeza de que eles não se preocupam com o fato de eu me encontrar com você, Robert? Sinto-me como uma invasora. Após esses anos todos, vocês estão acostumados a ficar juntos, e, de repente, chego eu, mais importante para você. É muito complicado para eles.

Durante o almoço, Gwen sentira haver um mal-estar, na verdade mais do que Robert. Ele acabara de lhe dizer que estavam desconfiados, por causa de quem ela era, o que a fez sorrir-lhe. Gwen sabia, como Diana e Pascale, que Robert era ingênuo, e adorava isso nele. Às vezes, tinha um modo de só ver as coisa boas.

— Para eles, é mais difícil do que você pensa. Vê-lo com uma pessoa estranha é muito forte para todos eles.

— É muito forte para mim também — acrescentou ele.

Por um momento, Robert pareceu sério, pensando em Anne. Mas não queria deixar-se cair em tristeza. Não importava o quanto estivera desgostoso, e estivera de fato, isso não traria Anne de volta.

— Todos temos de nos acostumar.

Robert olhava Gwen com simpatia.

— Só não quero que isso seja implacável. Foram grosseiros com você? — perguntou ele.

Robert parecia aborrecido, pois não vira coisa alguma.

— Claro que não. Sinto apenas certa restrição e resistência. Esperava por isso. Estou bem. Não quero que isso seja desagradável aos seus amigos.

— São como minha família, Gwen. Temos muita história e muitos anos em comum. Queria que a conhecessem e que, como eu, gostassem de você.

Robert sabia que talvez eles não conseguissem resistir. Ou pelo menos achava. Gwen não estava tão segura disso.

— Você precisa lhes dar tempo, Robert — respondeu ela, sensata.

Aproximavam-se do centro de Saint-Tropez. Robert procurava uma vaga para estacionar o carro.

— Pode levar mais tempo do que se imagina.

Se lhe dessem mesmo uma oportunidade. Gwen sabia que as amigas de Robert poderiam nunca abrir os corações ou as portas para ela. Não estava tão certa, quanto Robert, de que eles se acostuariam e a receberiam com agrado.

— Você não conhece meus amigos. Confie em mim, Gwen. Vão se apaixonar por você no fim do jantar, hoje à noite. Por que não amá-la? — perguntou, sorrindo.

— Não sou Anne — respondeu Gwen, delicada. — Para eles, essa é a primeira investida contra mim. E sou famosa... Sou atriz... Sou de Hollywood... Tenho certeza de que me acham estranha. Em particular, se lêem os tablóides. É muita coisa para as pessoas acreditarem, de início, sem suspeita. Acredite em mim, já estive do outro lado. Tudo isso faz as pessoas odiarem você até que a conheçam. Sou culpada até provar que sou inocente; não é o contrário.

— Em minha casa e com meus amigos, não — respondeu Robert, seguro.

Gwen lhe sorria, consciente. Curvou-se para beijar-lhe a face. Não o forçaria a reconhecer, mas lhes sentira a resistência durante o almoço e já estava acostumada a isso. Algumas vezes, machucava e frustrava, mas era algo com que já se acostumara muitas e muitas vezes. Eram amigos há trinta anos. Era um mistério resistente a romper. Ela não iria forçar sua entrada, ou violentá-los. Era esperta demais para isso. Ia apenas ocupar-se das suas atividades,

sossegada, e esperar que, com o tempo, aceitassem-na. Mas, acima de tudo, estava decidida a nada forçar. De qualquer maneira, era muito cedo para saber o que aconteceria com Robert.

Por fim, ele achou uma vaga. Virou-se para ela no carrinho e pôs um braço ao redor dela, beijando-a de leve.

— Bem, vamos às lojas, *Miss* Thomas?

— Para mim, tudo bem, Vossa Senhoria.

Gwen lhe sorriu, carinhosa. Estava contente por ter vindo visitá-lo, mesmo com os amigos dele, visivelmente contrariados.

— Acha que o povo vai reconhecê-la?

— Talvez. Consegue conviver com isso? — perguntou ela.

Gwen parecia um pouco preocupada. Às vezes, isso poderia ser um pouco opressivo, em especial se não estivessem acostumados. A celebridade era um mundo do qual Robert nada sabia. Isso, nele, também era algo que lhe agradava. Quando estava com ele, Gwen sempre se sentia bem — de verdade.

— Acho melhor me acostumar, se você vai passar muito tempo comigo.

Robert sempre se sentia feliz por estar com ela, não por causa de sua celebridade, mas por que era ela, como ser humano e não como estrela.

— Vamos — disse ele, assim que saíram do carro.

Mal tinham dado dez passos e pessoas a pararam e lhe pediram autógrafo. Robert sorria quando Gwen assinou um pedaço de papel. Mais uma vez, dois minutos depois, dois jovens lhe pediram que posasse para uma foto. Ela os tratou com cortesia e se afastou rápido, para não atrapalhar Robert. Mas era assim mesmo, e fizeram tudo para aproveitar a ida às lojas. Depois pararam em um *café* de calçada para tomar uma taça de vinho. E, como sempre, passaram ótimos momentos, apenas conversando, rindo e ficando juntos. Sempre tinham boas conversas e se divertiam.

Bateram papo sobre muitos assuntos, o trabalho dele, os filmes dela, os ideais de ambos, os pais de ambos, os filhos dele e a infância dela. Robert sabia que Gwen queria ser professora, e, antes, nunca pensara em se tornar atriz, muito menos ganhar um Oscar. Ela lhe contara como foi e o que isso lhe significara, e como, agora, se tornara difícil escolher papéis que lhe fossem igualmente significativos.

— Algumas vezes, você faz filmes divertidos, que adora. Não se pode ganhar Oscar com todos os filmes — explicou-lhe Gwen, prática.

Depois, falou-lhe mais sobre o filme que iria estrelar agora e quem eram os atores contratados para trabalhar com ela. Era sobre um assassinato misterioso, e o co-astro era mais famoso do que ela. Com isso, Gwen tinha mais alguma coisa a contar-lhe.

— Tenho um casal de amigos, aqui, na região. Estão em um iate muito bonito. Chama-se *Talitha G* e pertence a Paul Getty.

Robert ouvira falar dele, mas não o vira. Era um iate clássico, com motor, o interior muito elegante. Todo em mármore, tinha antigüidades. Os amigos estavam ali há duas semanas. Gwen se perguntava se Robert gostaria de visitá-los lá.

— Não quero convidar seus amigos antes de lhe perguntar como iriam se sentir.

— Parece excelente — respondeu ele, honesto. — Sempre quis conhecer esse iate. Há anos, li um artigo sobre ele, em uma revista, e o mostrei a Anne. Ela conhecia muito sobre barcos a vela, e o achou excelente. Mesmo nas fotos, parecia belíssimo.

— É. Vi o iate no ano passado. Mas me pareceu um pouco pomposo demais para mim. Um grupo de Los Angeles estava nele.

Robert estava impressionado que Gwen ainda pensasse nisso.

— Meus amigos gostarão de conhecê-lo — informou ele, cordial.

Gwen lhe contou quem eram os amigos que haviam fretado o iate. Robert riu.

— As mulheres vão desmaiar quando você lhes contar isso — acrescentou ele, o olhar divertido.

A vida de Gwen era totalmente diferente da dele. Fazia parte de um mundo muito estranho a todos eles. Conhecía pessoas e nomes os mais variados. Sobre essas pessoas, os amigos apenas liam ou sonhavam. O ator que fretara o *Talitha G* era um astro muito popular, Henry Adams, e a mulher, uma supermodelo muito conhecida. E, no iate, tinham como convidados dois outros atores que eram astros principais.

— São todos velhos amigos e pessoas encantadoras — esclareceu Gwen, sorrindo. — Talvez os seus amigos gostem de conhecê-los.

— Não conseguirão resistir a uma oportunidade como esta — respondeu ele, o sorriso largo e franco.

— Quando chegarmos em casa, telefonarei para o barco. Na semana passada, estavam todos no Hôtel du Cap — acrescentou Gwen. — É um trabalho cansativo, mas alguém tem que fazê-lo.

— Acha que vão querer ir à *villa*?

— Claro que sim, vão adorar.

Gwen trabalhara em filmes com cada um deles, nos últimos cinco anos. Mais uma vez alertou Robert para o fato de isso ser muito importante para a sua carreira. A única coisa que o surpreendia era como Gwen não tinha artifícios, como era simples e verdadeira.

Ao voltarem a casa, Robert a levou para velejar. Gwen não velejava tão bem como Anne, mas era boa esportista e não se queixou quando deram uma virada forte e ela levou um tombo no barco. Ria. Robert virou-se e desviou o olhar quando ela quase perdeu o bustiê do biquíni. Robert não quis desconcertá-la, mas ficou muitíssimo impressionado com o corpo espetacular de Gwen. Era

difícil não ficar. Passaram o resto da tarde no barco. Chegaram a casa, e Pascale e Diana já estavam preparando o jantar. As duas amigas mal a cumprimentaram.

— Prefere sair? — perguntou Robert a Gwen, discretamente.

Os cabelos dela estavam úmidos e, enrolada em uma grande toalha de praia, segurava as sandálias. Entravam em casa com os pés descalços.

— Não, prefiro ficar aqui. Podemos sair uma outra vez. Vou telefonar a Henry. Se todos quiserem, talvez possamos jantar no barco amanhã à noite. Henry diz que a comida é deliciosa. Têm um excelente *chef*.

— Acho que eles comeriam até um cachorro-quente, desde que estivessem lá e os vissem — esclareceu ele, cochichando.

Procuraram na despensa um lanche rápido e conseguiram um punhado de nozes. Robert lhe ofereceu uma bebida, e Gwen se serviu de água mineral.

Ao passar de volta pela cozinha, Gwen prometeu a Pascale e Diana:

— Volto em poucos minutos para ajudar.

Pascale insistia que não havia necessidade.

Enquanto isso, Robert chegava à conclusão de que Gwen estava certa. Nunca, antes, vira Pascale ou Diana terem tal comportamento. Havia alguma coisa fria e quase hostil por parte de ambas, o que o deixava angustiado com relação a Gwen.

Robert e Gwen subiram ao andar superior. Gwen foi ao quarto para se vestir. No momento em que se sentou na cama, o móvel desmoronou. Gwen deu uma gargalhada alta. Foi uma cena completa.

Um minuto mais tarde, batia à porta de Robert, que apareceu enrolado na toalha. Acabara de entrar no chuveiro.

— Acho que puseram alguma armadilha na minha cama — segredou ela.

Robert sorriu.

— Não, aconteceu o mesmo na semana passada. Vou pedir a Marius que a conserte. Me desculpe, Gwen — justificou-se Robert, com verdadeiro remorso.

Queria que Gwen tivesse momentos agradáveis, mas temia que isso não acontecesse. Ela, no entanto, parecia mais divertida do que irritada. Nada parecia aborrecer Gwen, nem mesmo a recepção fria das duas amigas. Percebeu que tudo não passava de uma preocupação para com o amigo, mais do que algo mal-intencionado. Isso tornava as coisas mais fáceis para ela.

Robert desceu ao andar térreo para procurar Marius. Gwen foi tomar uma chuveirada; quando saiu, em um *robe* atalhado cor-de-rosa que comprara no Ritz, a cama estava consertada, e Robert fora tomar banho. Encontraram-se, por coincidência, vinte minutos depois, na escada. Gwen vestia calças de seda amarelo-clara, e, combinando, um suéter sem mangas, com xale florido em um braço e sandálias douradas. Usava um mínimo de maquilagem. Não parecia, mais uma estrela de cinema que uma mulher muito bonita.

— Está muito bonita — murmurou Robert, honesto.

Não pôde deixar de sentir o perfume. Era leve, floral e muito excitante. E, por uma fração de segundo, seu coração sentiu saudades de Anne, mas tentou convencer-se de que uma coisa nada tinha a ver com a outra. Sentia falta da mulher, e, embora Gwen fosse espetacular, não era Anne. Mesmo assim, era excelente pessoa, e ele adorava estar com ela. Fazê-lo recordar-se disso ajudava, enquanto ele descia as escadas e voltava à cozinha. Eric estava lá, bebendo vinho e conversando com Pascale; Diana fora ao andar superior a fim de se vestir para o jantar. John estava do lado de fora, fumando um charuto e tirando fotos do pôr-do-sol. A casa ficava no mesmo ângulo que os *cafés* na cidade, o que lhes permitia ver o pôr-do-sol, o que era raro em Saint-Tropez.

— O que posso fazer para ajudar? — ofereceu Gwen, tranqüila.

Robert lhes serviu vinho e lhe entregou a taça. Pascale parecia tensa. Chegara agora a um ponto crítico, porque se mostrasse interesse por Gwen,

Diana se sentiria traída.

— Nada — atalhou Pascale, áspera.

Para suavizar o choque que foi o modo de tratar Gwen, Robert falou a Pascale sobre o convite para os comes-e-bebes que Gwen havia reservado para eles no dia seguinte. Contou que amigos dela estavam tomando conta de um incrível iate, e que seria possível todos jantarem nele.

— Detesto iates — avisou Pascale, pondo algumas batatas no forno, junto com o assado.

A forma de ela falar confirmou a Robert que Gwen estava certa em relação a seus amigos.

— Vai gostar deste iate — garantiu-lhe Robert, falando-lhe tudo sobre ele.

Ao ouvir, Eric parecia curioso; depois, John entrou na sala e ouviu metade da conversa. Olhou Gwen, sorrindo. Ela lhe sorriu. Pascale viu a troca de sorrisos.

— Que barco? — perguntou John, parecendo pálido.

Colocou a câmara fotográfica sobre a mesa e aceitou uma taça de vinho que Eric lhe ofereceu.

— Estamos fretando um barco? Já temos um.

O que tinham era tão sem importância que fez todos rirem.

— Não precisamos gastar mais dinheiro — afirmou John, firme, fingindo rosnar.

Não conseguia tirar os olhos de Gwen.

— Pensei que compraríamos um — ironizou Robert, expansivo.

Mal conseguia ver a palidez de John por baixo do bronzeado.

— Aqui? Na França? Por quê? Está doido?

Súbito, percebeu que Robert provocava.

— Está bem, está bem. Compreendi. Então, qual é o barco?

Robert disse a ele, enquanto entrava Diana pelo aposento, usando calças brancas e uma blusa colorida. Robert lhes disse que todos iriam nele; que, no dia seguinte, graças a Gwen, todos visitariam os três astros de cinema e a supermodelo.

— Está brincando, não? — perguntou Diana, parecendo meio irritada, meio curiosa.

Os acontecimentos sofriam uma interessante reviravolta.

— Não, não estou brincando — respondeu Robert, orgulhoso.

Havia alguns aspectos da vida de Gwen que o faziam divertir-se. Ser capaz de apresentar os amigos a três dos maiores astros do cinema e a uma supermodelo era por certo uma delas. Embora houvesse outras coisas de que ele gostava nela ainda mais. Esta, porém, era divertida.

Olhou, agradecido a Gwen, que telefonara aos Adams antes de se vestir, e combinara estar no dia seguinte, na hora do almoço, na *villa*. Todos sairiam de carro por volta do meio-dia, e talvez parassem para nadar em algum local; depois talvez ancorassem na *villa* para jantar. Pela primeira vez, até mesmo Diana e Pascale estavam algo atônitas. Era difícil recusar um convite como esse. E, durante algum tempo, todos conversaram animadamente, sem dirigir a palavra a Gwen, sem ao menos agradecer o que ela fizera por eles. Mas, após o jantar, Robert lhe agradeceu, quando foram dar um passeio no jardim. Ninguém, de modo particular, fora amável com Gwen, apesar de Eric e John tentarem. Mas Pascale e Diana ainda resistiam. John, na verdade, passou bastante tempo conversando com Gwen, apesar de Pascale olhá-lo fixa e atentamente. No entanto, na hora em que serviram o café, John não tinha mais dúvida, gostava dela, ela lhe apreciava o esforço feito para conversar e estava agradecida a John. De todos, exceto Robert, ele fora o mais amável com ela. Eric lhe fizera várias perguntas sobre seu trabalho, o que só fez Diana afastar-se mais da atriz.

Foi um alívio apanhar um pouco de ar após o jantar. Gwen afundou-se, feliz, em uma das cadeiras de jardim que Pascale havia repintado.

— Desculpe-me se está tendo momentos difíceis. Acho que você esteve bem, esta tarde — reconheceu Robert.

Não tinha idéia do que fazer, mas era ainda o primeiro dia: esperava que tudo melhorasse depois que se acostumassem a ela. A vendeta das mulheres contra ela parecia-lhe ridícula. Robert não entendia o que acontecia, mas Gwen sim. Estava acostumada. Sentirem ciúmes dela, por causa da aparência e do sucesso, era comum. E Robert queria facilitar-lhe a vida.

— Tudo vai mudar — declarou Gwen, prática. — O barco amanhã vai chamar a atenção deles.

Sentaram-se do lado de fora da casa. Era como lidar com crianças. Para que ficassem quietas, era preciso conservá-las ocupadas e distraídas.

— Nunca esperei isso — completou Robert, infeliz. — Não entendo o que eles pensam fazer, ou porquê. Por que serem grosseiros com você?

Estranhava a forma como Diana e Pascale tratavam Gwen.

— Estão protegendo você — explicou ela, filosoficamente. — Têm uma porção de idéias preconcebidas a meu respeito e a respeito do que sou. Vão superar. Nada quero de você.

— Como podem ser tão bobinhas? — perguntou Robert, mais uma vez.

Parecia assustado. Gwen concordava.

— Por quê? Mais amável com elas você não poderia ser.

— Nada mais se pode fazer, e você sabe disso. Fazem tudo em respeito à memória de Anne do único jeito que sabem, e pensam estar salvaguardando o seu futuro. Por tudo o que sabem, sou um monstro de Hollywood, Robert. Pense nisso.

— Espero que não demorem muito a crescer — acrescentou ele, aborrecido.

Teve uma idéia e a propôs.

— Vamos dançar?

Gwen pensou por um minuto; depois, sorriu e respondeu que sim com a cabeça.

— Gostaria. Será que elas gostariam de ir?

— Não vou convidá-las — declarou Robert, áspero, sentindo-se hostil e cansado delas. — Você merece um pouco de prazer, sem pessoas pegando no seu pé.

— Não quero prejudicar os sentimentos de ninguém — respondeu ela, cuidadosa.

— Vamos pensar nos seus sentimentos e nos meus. Vamos cuidar de nós mesmos e nos ocuparmos deles amanhã.

Gwen se sentiu comovida de Robert estar disposto a fazer isso. Entraram no Deux Chevaux e ela pegou a direção do carro. Saíram sem avisar aos que estavam na casa. Os Morrison e os Donnaly escutaram quando o casal partiu; carrancudos, na sala de estar, conversavam sobre Gwen.

— Gosto dela — informou John, sincero, querendo defendê-la perante os outros. — É uma mulher muito amável.

Olhava Pascale, censurando-a.

— O que espera? Ela é atriz — Pascale fitava com os olhos fixos o marido.

Pascale não gostou que o marido defendesse Gwen. Ainda achava deslealdade sua para com Anne gostar de Gwen. Achava ter obrigações com Anne para no mínimo não permitir isso tão cedo, não importa o que John dissesse.

— Vocês deveriam dar à pobre mulher uma oportunidade, por amor a Robert, apenas isso — acrescentou Eric. — Têm que admitir, Gwen é amável com Robert.

— Talvez você tenha razão, mas isso não quer dizer que esteja sendo honesta com ele. Robert precisa de alguém mais estável.

Na verdade, queriam dizer que desejavam que ele ficasse sozinho e usando luto por Anne para sempre. Pascale e Diana estavam resolvidas a dificultar a vida de Gwen.

— Robert nem mesmo sabe o que o atinge — acrescentou Diana, pensativa.

Ninguém negava que Gwen fosse ótima. Mas era sincera? Diana não se preocupava com isso, não queria era gostar dela. Enfiara-se num buraco e se recusava a sair do lugar.

Na cidade, Robert e Gwen haviam finalmente esquecido Pascale e Diana: como crianças desobedientes saíram de casa. Depois de algum tempo, resolveram ir a um dos *cafés* ao ar livre, no porto, e conversar por algum tempo. Depois de dançarem muito, sentiram-se cansados. Robert tentou se lembrar da última vez que dançara. Talvez no casamento de Mike. Quando jovem, gostara de dançar, mas Anne jamais gostara disso.

Robert e Gwen conversaram durante horas, sentados no Gorilla Bar, vendo os barcos ancorados no porto. Foi depois das duas da manhã que afinal voltaram para casa. Ainda bem que todos estavam dormindo e não os ouviram chegar.

— Obrigada — sussurrou ela, os dois de pé, do lado de fora da porta. — Tive uma noite encantadora.

— Eu também — sussurrou ele.

Depois, delicado, beijou-a no rosto. Nenhum deles queria algo mais, o que era confortador para ambos.

— Vejo você amanhã. Durma bem — acrescentou ele.

No fundo, Robert desejava dormir ao lado dela, embora tal pensamento parecesse louco. Gwen não era criança, era mulher. Ele é que não sabia o que

fazer agora, como começar, como iniciar um romance com ela, em especial sob o mesmo teto que os amigos. Ainda não tinha certeza se estava pronto, e, por ainda ficar na dúvida, sabia não estar pronto.

Em vez disso, após ouvir Gwen fechar a porta do quarto de dormir, Robert cerrou a porta do quarto. E, logo depois, arrependeu-se. Mas, como ele percebera ao apresentá-la aos amigos, isso também não era fácil. Na verdade, tudo era um desafio, mas o maior de todos ainda eram as recordações de Anne, o sentimento de lealdade para com ela e para com a própria consciência. Isso era o mais difícil de tudo, e no momento não sabia como superar; desconfiava de que também Gwen não sabia, mas isso não era problema dela. Ele sabia ter de se ocupar disso. E, nessa noite, ao deitar-se na cama, pensando primeiro em Anne e depois em Gwen, não pôde deixar de imaginar se ela estava dormindo, como dormia, o que vestia para deitar-se, se é que usava algo. Muitas coisas desejava descobrir sobre Gwen. A mente ainda girava quando dormiu. Ao acordar de manhã, lembrou-se de que sonhara com ela. Após tomar banho, fazer a barba e se vestir, percebeu que mal conseguia esperar até ver Gwen.

Capítulo 9

Quando Robert desceu para tomar o café da manhã, viu que Gwen já bebia *café au lait*, lia o *Herald Tribune*, e não havia mais ninguém por perto. Foram os primeiros a descer. Gwen lhe preparou uma xícara de café e lhe cedeu o jornal.

— Dormiu bem? — Gwen parecia interessada e preocupada com ele.

Robert tinha de admitir que gostava disso. Muito. Era agradável ter novamente alguém para se preocupar com ele.

— Mais ou menos — admitiu ele. — Às vezes, sonho com Anne.

Robert, porém, não contou a Gwen que não sonhara com a falecida mulher, sonhara com ela e que isso também o perturbava. Na verdade sentira falta dela. Não tinha o direito de abandonar Anne, física ou emocionalmente, mesmo que não estivesse mais ali. Perguntava-se o que Anne acharia disso tudo, se aprovaria. Gostava de pensar que sim.

— Depois que me divorciei do meu marido, foi difícil viajar sozinha — disse ela, honesta, como se compreendesse e não quisesse pressioná-lo.

Robert gostava disso nela. Tinha muita coisa de que gostava, mais do que esperava.

— Foi difícil mudar de vida. Fiquei casada por apenas nove anos; você, 38. Como se pode mudar de vida, sem haver estresse, sem introspecção e sem ajustes. Leva tempo.

— Acho que nunca pensei nisso. Nunca esperei que acontecesse.

Ou que voltasse a amar alguém. Robert não teve coragem de dizer isso a ela.

— Nem eu — respondeu ela, honesta. — Mas algumas vezes o destino nos força a enfrentar situações pouco esperadas, que nos deixam apavorados.

Robert nunca lhe perguntara o que acontecera para o casamento terminar. Agora, no entanto, perguntou. Durante um instante, Gwen ficou indecisa.

— Ele teve um romance. Um romance muito sério, com uma de minhas melhores amigas, eu descobri.

— Então você o deixou? — Robert parecia impressionado e triste por ela.

— Sim. Em cinco segundos. Nunca sequer pensei sobre isso. Apenas reagi e fui embora.

— E aí... ele...?

— Pediu-me para voltar. Na verdade me implorou. Nunca falei nem discuti com ele. Durante muito tempo odiei-o, como nunca odiara ninguém. Nunca o perdoei. Ela era a minha amiga mais íntima, pus a responsabilidade em ambos. Naquele tempo, eu era um pouco inflexível.

— Ficou arrependida? De largá-lo, quero dizer.

— Sim. Depois que o mandei embora, arrependi-me, mas era orgulhosa demais para voltar atrás. O orgulho me parecia mais importante. Meu ego estava ferido, tanto quanto meu coração, que era bobinho, suponho. Aparentemente, nunca fiquei indecisa. Não queria que ele soubesse que ainda o amava.

— Como está agora?

— Estou bem. Mas, por muito tempo, não estava. A princípio, me sentia amarga, irritada, destrutiva e, depois, desolada.

— O que acha que deveria ter feito? Aceitá-lo de volta?

Gwen ficou surpresa com a resposta:

— Talvez. Porque não somos humanos, ou coisa que o valha, se não podemos perdoar um ao outro. Levei muito tempo para perdoá-lo. E, quando consegui, era muito tarde. Quando tudo aconteceu, eu só queria castigá-lo. Foi o que fiz. Divorciei-me dele. E, mais tarde, percebi que talvez pudesse perdoá-lo, vivendo com ele e ficando casada. Mas, então, era tarde demais. A mesma coisa poderia acontecer comigo. Depois que me divorciei, por muito tempo ainda me sentia apaixonada por ele. Mas não conseguia pensar em perdoá-lo. Sempre me arrependo disso, e levei muito tempo para ficar em paz.

Gwen, ao falar isso, parecia triste.

— Deve ser difícil fazer tais escolhas — atalhou Robert, calmo. — Até onde ir, até quando pensar diferente. De certa forma, foi mais fácil para mim. Não tive opção ao perder Anne. Precisei apenas conviver com isso. Você tinha alternativas, e, ao fazer uma escolha, poderia se censurar por muito tempo pelo que fez. Tenho certeza de que, no fim, você tomou a decisão correta.

— Acho que sim. Por muito tempo, não tinha certeza. Depois, arrependi-me de tê-lo deixado, mas eu era orgulhosa demais para voltar atrás. No fim, custou muito a ambos. Aprendi uma lição muito dolorosa.

— Que houve com ele?

Robert viu algo nos olhos de Gwen que o fez perguntar.

— Implorou-me, por vários meses, para que eu voltasse atrás. Sempre recusei. Finalmente casou-se com a mulher com quem tivera o romance. Talvez se cassasse mesmo com ela, mas não tenho certeza de que estivesse apaixonado por ela.

A voz de Gwen ficou tensa ao falar o restante da frase, e era óbvio que isso a oprimia.

— Então, seis meses depois, ele se matou. Assim, em vez de arruinar uma vida, destruí três: a dela, a minha e a dele. Sei que me sentirei culpada para sempre.

Gwen estava sendo honesta, não importa se de modo muito doloroso.

— Não deve se sentir assim — respondeu ele, amável.

Gwen nunca lhe contara a história; Robert agora percebia como o divórcio e a morte do ex-marido lhe foram traumatizantes.

— Você não poderia saber o que lhe passava na vida, na cabeça, naquele momento. Pode ter sido a própria culpa ou algo do gênero.

— Eu resolvera ser inflexível e não estava disposta a ceder — acrescentou, triste. — Sentia-me ferida por ele ter me enganado. Mas se eu agisse de forma diferente e discutisse com ele, sem me divorciar tão rápido, talvez ainda estivéssemos casados e ele vivo.

— Talvez não fosse o seu destino ou o dele. Não se pode controlar o que o outro faz. Talvez acabasse sua vida com ele.

— Não, ele acabou — completou ela, triste. — De muitas formas. O que ele fez foi muito claro. Matou-se. A nova mulher afirmou que a culpa foi minha, que eu nunca deveria ter me divorciado dele, que eu era culpada de tudo. Na época acreditei nela. Eu é que deveria me afastar, e ele é que se foi. Mas ainda não tenho certeza do que aconteceu, do que poderia novamente acontecer, e que eu era responsável por isso. Não se pode apenas fugir disso.

— Você tem de tirar essa carga de cima de você, Gwen — acrescentou Robert, suave, estendendo-lhe uma das mãos e segurando-lhe a outra. — Você deve isso a si mesma. Não pode se punir para sempre. O que ele fez com você também estava errado. Ele também é responsável por tudo isso, mais do que você.

Gwen aceitou sua opinião. Robert lhe dissera uma porção de coisas boas, o que a comoveu.

— E você? Está se atormentando por Anne? Acha que lhe deve a vida e que não deve ser feliz novamente? Porque, se você está se atormentando, é

desagradável permanecer assim. Você também precisará deixar ajudar-se a sair de uma situação difícil, Robert.

— Vou sair, se conseguir. Anne foi uma presença poderosa em minha vida e uma pessoa forte. Não consigo pensar que ela tenha me deixado tão de repente. Ela esperava que eu lhe fizesse companhia para sempre. E agora se foi, estou aqui e não sei como viver uma nova fase.

— Vai viver. Dê tempo ao tempo. Não pode ter pressa.

Robert não tinha pressa. Nem Gwen. E estava grato a ela por isso.

— Você é uma pessoa extraordinariamente encantadora, Gwen — acrescentou Robert, encantado.

— Conte isso aos seus amigos — provocou Gwen.

Robert suspirou. Bem nesse momento, Eric entrava na cozinha. Robert se calou.

— Alguém viu Diana? — perguntou ele.

Nenhum dos dois respondeu. Diana ainda não aparecera na cozinha. Mas, enquanto se servia de café, Eric não parecia aborrecido com isso. Nessa manhã, haviam brigado outra vez, por causa do romance dele. Diana lhe dissera que nunca se conformaria e que queria o divórcio. Mais uma vez Eric lhe implorara perdão; finalmente ele perdera a calma diante da incapacidade de Diana de não compreendê-lo e perdoá-lo. E mais uma vez ele perdera a calma na hora em que Diana saíra gritando do quarto. Nesse exato momento, ia nadar na piscina, tentando lutar com os sentimentos de mágoa e frustração. Estava ainda mais magoada porque a mulher com quem Robert se envolvera era muito mais jovem que ela. E, por isso, sentia-se liquidada, não amada e velha. Não conseguia recuperar a auto-estima, nem o seu amor por Eric, que, súbito, lhe parecia um estranho.

Eric se sentou, calmo, perto de Robert e Gwen, e conversou com eles. Gwen se ofereceu para lhe preparar ovos, mas ele queria apenas *croissants*. E

quando John e Pascale entraram na cozinha, ela aquecia os *croissants* para eles e também lhes servia o café.

Diana entrou, enrolada em uma toalha de praia, e ignorou Gwen. As mulheres eram intransigentes com ela. Até mesmo Robert achava que isso parecia não ter jeito. Se ele e Gwen tivessem uma relação séria, ele agora sabia que as melhores amigas não conseguiriam aprová-la, nem participar dela. Para ele, isso era muito injusto, mas não conseguia ver como poderia mudar esse estado de coisas, a menos que quisessem. Ele se perguntava: se fosse com outra pessoa, seria de alguma forma diferente? Duvidava e, por isso, estava indignado com eles, ou pelo menos com Diana e Pascale. Descontrolara-se por sua causa e por causa de Gwen. Elas nunca lhe haviam dado uma boa oportunidade. Estava quase arrependido de Gwen tê-los convidado a passar o dia no *Talitha G*. Se iriam tratá-la dessa forma, não mereciam o convite. Ao terminar o desjejum, estava calado e sugeriu a Gwen que logo fossem velejar.

— Está aborrecido, não? — perguntou ela, depois, quando velejavam. — Foi o que lhe falei hoje de manhã sobre começar uma nova relação?

Gwen se perguntava se o ofendera.

— Não, é a forma de meus amigos se comportarem. As mulheres, pelo menos. Comportam-se como crianças, e estou ficando cansado disso.

— Precisamos ter paciência — replicou ela.

Gwen tinha uma compreensão que sentia as amigas não terem.

— Estou quase arrependido de trazer você aqui — acrescentou ele, triste. — Você não merece isso.

Mas, de certa forma, a mudança acontecera mais fácil para ele. Queria protegê-la e se sentia leal a ela, e não apenas a Anne. Também devia alguma coisa a Gwen, que se fizera vulnerável a ele e fora honesta. Ao se sentarem lado a lado no barco a vela, ele a puxou para perto e a beijou com força. Era uma sensação de alegria e emoção como não sentia havia anos. E, ao repetir o beijo,

sorriu-lhe. Parecia a única forma positiva. A deslealdade dos amigos servira apenas para aproximá-los mais.

— Está bem? — perguntou Gwen, depois que ele a beijara, ainda preocupada com ele.

Robert sorriu, em resposta, parecendo bonito e jovem.

— Estou bem.

Robert a beijou novamente. Gwen o abraçou — e, por uns instantes, ele se esqueceu de onde estava ou do que o perturbava. Só conseguia pensar em Gwen e em como fora extraordinário beijá-la. Pela primeira vez, nem pensara em Anne. Apenas em Gwen e como se preocupava com ela.

Por algum tempo, velejaram em silêncio. Súbito, Gwen apontou a distância e Robert viu. Um iate a motor, enorme e clássico, navegava na direção deles, com duas enormes chaminés e linhas elegantes. Logo à primeira vista, parecia muito bonito; depois, os dois sorriram. Foi um desses momentos — ambos tinham certeza — de que se lembrariam para sempre.

— Você me faz muito feliz — sorriu-lhe Robert.

Gwen lhe trouxera novo estímulo à vida, uma sensação que não experimentava há anos. Robert mal conseguia esperar para passar o dia com ela no barco, e se arrependia de ter convidado os amigos. Velejaram de volta no barco a vela, para contar aos amigos que um iate se aproximara deles. Sem pensar, saltaram do barco e caminharam de mãos dadas. Robert nunca se sentira tão à vontade na vida, mesmo com Anne. Ela fora mais serena e menos expansiva. Mas tudo em Gwen era delicado, suave e afetuoso.

Quando chegou a casa, Robert foi ao andar superior para pegar a roupa de banho e alguns objetos. Depois, dirigiu-se ao quarto de dormir de Gwen para vê-la. Trajava um vestido de verão, de algodão branco, os cabelos lhe emolduravam o rosto, enquanto lhe sorria. Robert pegou-a nos braços novamente e a beijou e, desta vez, não se sentia nem culpado nem triste. Sentia

paz, alívio e profunda paixão. Não a conhecia bem, mas sabia ter encontrado uma mulher que poderia significar-lhe algo excelente. Gostava muito dela. Sem falar uma única palavra, desceram ao térreo, de mãos dadas, em uma provocação audaciosa aos amigos. Gwen queria ser prudente, mas Robert esclareceu que, para ela e para eles, era isto que ele queria e quem ele se tornara. Agora, ao menos, esperava que eles aceitassem e respeitassem as mudanças ocorridas nele e em Gwen, e aceitassem as conseqüências, se ainda não as tivessem aceito.

Capítulo 10

O dia, no *THALITA G*, com Henry Adams e a mulher Cherie, foi mais divertido e mais fascinante do qualquer outro esperado ou sonhado pelos amigos de Robert. Henry foi encantador com todos; era tão lindo que Pascale e Diana não conseguiam deixar de olhá-lo. Ficou muito excitado com a presença de todos e fez tudo para que a tripulação agisse a contento. Escolheu as cabinas para que mudassem as roupas; Cherie, Pascale e Diana logo se tornaram amigas; a supermodelo das passarelas de Paris e Nova York passou a tarde flertando com John. Ele parecia ter morrido e fora para o céu.

O almoço que lhes preparara foi excelente, e, depois, todos se deitaram ao sol, confortavelmente. Quando terminou o dia, para Diana e Pascale, Gwen ainda não era simpática, mas seus amigos astros de cinema eram. Diana segredou a Pascale, ambas deitadas em confortáveis cadeiras de convés, que este era o tipo de vida a que facilmente se acostumava; estavam abismadas de que Gwen desejasse ficar com Robert, na *villa* caindo aos pedaços. Era óbvio que ela era admirada por todos esses homens bonitos. Ao vê-la, fizeram muito espalhafato; ela, no entanto, tratava a todos como irmãos ou amigos. Ficara claro a todos o quanto Gwen se preocupava com Robert e ninguém mais — para desapontamento de Diana e Pascale. Ela voltou sua atenção apenas a Robert, viu que ele estava à vontade, contente e que a tratava bem. Se as duas

mulheres tivessem sido amáveis, ficariam contentes. Mas, pelo menos, Eric e John ficaram.

Nessa noite, jantaram no salão de refeições, o iate estava ancorado fora do porto de Saint-Tropez, enquanto viam barcos a vela deslizar a caminho de casa. Alguns barcos menores os rodeavam, só para admirar o enorme iate e ver quem estava a bordo. E vários turistas e um casal de *paparazzi* bem-informado tiravam fotos deles. Pareciam saber quem estava em cada iate na Riviera. E, para eles, isso era uma excelente recompensa — com cinco astros a bordo, bebendo champanhe e usando biquínis e sandálias de tiras de couro. Cherie Adams fez *topless* a tarde toda, mas Gwen, cautelosa, usava a parte de cima do biquíni. Sabia muito bem o que os tablóides sensacionalistas fariam com fotos como essa.

Gwen e Robert pareciam felizes e descontraídos, sentados juntinhos um do outro, cochichando ou rindo com os anfitriões, jogando cartas ou dados, ou apertando as mãos, discretos, a olhar o mar Mediterrâneo ou perdidos nos próprios pensamentos. De tempos em tempos, Pascale e Diana os olhavam; Pascale teimava ao afirmar que Robert nunca se ajustaria, nem queria, a esse tipo de vida. Era *jet set* demais para ele, especialmente quando se sabia da vida simples que levava com Anne. Não eram esse tipo de gente, mas Robert com certeza adorava e se sentia tão à vontade tanto conversando com Henry e os outros dois grandes astros a bordo, ou com a mulher maravilhosa, quanto na companhia dos velhos amigos que trouxera com ele.

Eric estava visivelmente impressionado com Cherie, bem como John, e ela quase os deixou sem voz quando tirou a parte de cima do biquíni e continuou a bater papo com eles. Era com certeza costume na França, mas nenhum dos homens se preparara para o efeito que teria neles.

Na hora do jantar, todos estavam à vontade uns com os outros. Quando, finalmente, o bote os levou de volta a Coup de Foudre, Diana afirmou se sentir

como a Gata Borralheira ao ver criados se transformarem em camundongos e o coche em abóbora.

— Puxa! Que dia! — Pascale tinha o olhar vago, sonhadora.

Um membro da tripulação do *Talitha G* a ajudou a sair do bote para o pequeno cais da *villa*. Todos os três atores a bordo haviam gostado muito dela, e Pascale não queria ir embora. Mal conseguia esperar para contar à mãe os nomes das pessoas e do iate onde estivera. Sentia-se como Rainha por um Dia.

— Ficou frustrado, é? — perguntou Eric a John,

Eric enchia duas taças de vinho para ao dois, na sala de estar da *villa*.

— É exatamente a vida que você leva — disse ele a Gwen.

Ele a adorava mais por não ser a estrela. Vê-la com os amigos foi importante para eles. Mas Robert gostava disso, do fato de ela se sentir tão à vontade com os amigos dele quanto com os dela — não era convencida. Ele percebeu isso quando ambos se conheceram e o tempo só o confirmou.

Pela primeira vez, Pascale e Diana tinham pouco a falar, e o comportamento parecia ter mudado ligeiramente. Não aceitaram Gwen de forma alguma, só porque ela conhecia muitos astros de cinema, mas elas precisavam admitir, pelo menos intimamente, que havia mais em Gwen do que tinham suspeitado. Não havia como negar, Robert parecia muito feliz. As amigas, porém, ainda sentiam uma necessidade irresistível de protegê-lo. Por isso, sem tanta certeza, ambas estavam igualmente convencidas de que talvez Gwen não pudesse ser tão encantadora e sincera como parecia. Mas, agora, era mais difícil apontar nela um motivo pernicioso. Não havia realmente razão para Gwen ficar na companhia de Robert, a menos que realmente se preocupasse com ele.

À noite, Gwen e Robert foram à cidade para um drinque, no Gorilla Bar, e pararam por uns minutos na discoteca. Ao voltarem para casa, ele a beijou novamente como fizera antes e lhe agradeceu o dia maravilhoso que ela

proporcionara a todos os amigos, ao apresentar-lhes os seus. Robert riu ao lembrar-se de John ao ver Cherie fazer *topless*.

— Que amigos agradáveis, os seus — comentou ele.

Gwen assentiu, divertida. Parecia ainda mais jovem do que era.

— São muito divertidos, em pequenas doses.

Nesse dia, encontraram alguns bons amigos, porém muitos dos atores de Hollywood não lhe agradavam. Com estes, a amizade era mais forte.

— Você precisa muito mais do que isso para tornar a vida interessante, acho. E, se deixar, a vida vai honestamente estragar você.

Pelo menos aos olhos de Robert, não acontecera isso. Ele a admirava pelo que era.

— Não está aborrecida com meus velhos amigos?

Se nada mais houvesse, eles eram muito mais velhos do que ela, e suas vidas eram muito mais mundanas. Em particular a dele, pensava. Robert era bastante sensato para ver-se como figura romântica. Gwen, no entanto, fizera muito mais. Muito mais. Gwen jamais conhecera alguém que a impressionasse tanto, alguém que admirasse tanto; já percebera, antes de vir a Saint-Tropez, que estava apaixonada por Robert. E a grande novidade era que Robert parecia corresponder aos sentimentos dela.

— Gosto de seus amigos — respondeu ela, à vontade, enquanto iam para casa. — Não me parece que gostem tanto de mim, mas pode ser que mudem de idéia. Para mim, querem ser leais a Anne. Pode ser que, com o tempo, percebam que não desejo pisar em ninguém. Que apenas adoro estar com você.

Gwen lhe sorriu. Robert se inclinou novamente e a beijou.

— Me faz sentir sortudo — declarou ele.

Algumas vezes, Anne ainda o fazia lutar, pensava em como a amara, em como a falecida mulher fora diferente de Gwen e em quantos anos maravilhosos haviam passado juntos. Porém ela se fora, não importa o quanto

ele lamentasse tal fato. E dizia a si mesmo que tinha o direito a ter alguém na vida, mesmo que não fosse tão encantadora como Gwen. Robert não conseguia pensar em Gwen querendo ficar ao lado dele por muito tempo. Se nada mais houvesse, ele era 22 anos mais velho que ela. Gwen nunca parecera preocupada com tal diferença.

— Sou uma pessoa de sorte — declarou ela, enquanto andavam de carro, ao luar. — Você é inteligente, divertido, incrivelmente bonito e uma das pessoas mais simpáticas que conheci.

Robert sorriu, tímido.

— Bebeu muito? — provocou ela.

Gwen riu e lhe pegou no braço. Corriam pela estrada que dava em Coup de Foudre. Um momento depois, estacionavam o carro. Robert a abraçou e a beijou. Depois, entraram na casa, de mãos dadas, tentando não fazer barulho para não acordar ninguém, todos dormiam. Deixou-a diante do seu quarto, com um beijo demorado. Foi para o seu quarto, parou e olhou a foto de Anne que havia posto na mesa-de-cabeceira. Perguntava-se o que ela pensaria disso, se o acharia um velho bobo ou se lhe desejaria o melhor. Robert não estava totalmente certo. Nem mesmo sobre o que sentia. Mas, quando não refletia muito, tinha de admitir, era mais feliz com Gwen do que acreditaria possível.

Nessa noite, ao ir para a cama, Robert ficou deitado, imaginando o que Gwen estaria pensando e fazendo em seu quarto. Desejava ardentemente bater à sua porta e beijá-la novamente, mas lhe faltou coragem, ainda temia fazer algo mais do que um beijo. Sabia que se isso acontecesse, sentiria Anne a observá-lo. E o que menos desejava fazer era ser desleal com uma ou outra.

Dormiu. Em sonho conturbado, viu Anne e Gwen andando abraçadas, em um jardim, e os amigos lhe apontavam dedos acusadores, gritavam-lhe algo que não conseguia entender. Foi um sonho perturbador, que o fez despertar por

várias vezes. E quando voltava a dormir, sonhava com Amanda, que segurava uma foto da mãe e o olhava, triste.

— Sinto muitas saudades dela — falava a filha, suave.

— Eu também — respondeu ele, chorando, no sonho.

Desta vez, ao despertar, o rosto estava molhado de lágrimas. Durante muito tempo, ficou deitado na cama, pensando em Anne e, depois, em Gwen.

Ficou assustado ao ouvir uma batida à porta. Vestiu umas calças cáqui e ficou surpreso de ver Gwen. Era cedo, e ainda não ouvira ninguém se levantar.

— Bom dia — começou Gwen, agradável. — Dormiu bem? Não sei por quê, mas fiquei preocupada com você.

Estavam no corredor, cochichando, e Gwen estava linda em camisola e robe brancos, os pés nus.

— Tive um sonho esquisito. Você e Anne andavam em um jardim.

Gwen pareceu amedrontada ao ouvi-lo.

— Que esquisito, também sonhei. Fiquei acordada por muito tempo, durante a noite, pensando em você — atalhou ela, a olhá-lo.

Robert parecia elegante e sério, os cabelos despenteados.

— Também pensei em você. Talvez tenhamos nos visitado — murmurou ele, baixinho, para que ninguém os ouvisse.

Robert adorava sentir Gwen pertinho, enquanto estava de pé junto a ele, a sorrir-lhe.

— Vou tomar uma chuveirada e encontrar você no desjejum, daqui a dez minutos.

Quando Robert apareceu, parecia impecável e perfeitamente barbeado, de short e camiseta. Gwen vestia shortinho branco e um biquíni que era nada em comparação com o último de Agathe: um sutiã de tule cor-de-rosa cheio de pequeninos botões de rosa e a calcinha rosa-escuro. Ao entrar, Eric comentou que ela parecia um de seus cãezinhos *poodle*. Todos adoravam esperar para ver o

que ela usaria e como seria esquisito. Agathe nunca os desapontou, como nessa manhã, enquanto batia papo antes de todos se levantarem. Era agradável passar o tempo assim. Ao entrar na cozinha para o desjejum, todos também sorriram abertamente. Agathe era mais engraçada que a televisão.

Assim que Diana entrou na sala, houve um telefonema para Eric. Era dos Estados Unidos, e a telefonista avisou a Pascale que era pessoal. Eric franziu as sobrancelhas e foi atender na sala ao lado. Isso não passou despercebido da mulher. Ao voltar à cozinha, dez minutos mais tarde, ele parecia à vontade e despreocupado. Diana o olhava com cara de poucos amigos.

— Uma de minhas sócias — explicou ele, descontraído, a todos.

Diana prestava atenção aos *croissants* e tomou um longo gole do café, como se fosse uísque. Nos 32 anos de casados, nenhum dos sócios de Eric lhe telefonara durante as férias. Diana sabia perfeitamente quem era. Pouco depois do desjejum, ela o repreendeu por isso.

— Era Barbara, não?

A mulher com que ele tivera o romance. Eric ficou indeciso por um longo momento e, depois, concordou com a cabeça. Não queria mentir para ela.

— Por que lhe telefonou?

— O que está pensando? — ele quis saber.

Eric parecia descontrolado. Estavam na sala de estar. Não queriam que os outros os escutassem.

— Isso também não é fácil para ela.

— E se eu largar você, vai se casar com ela?

Diana, agora, estava de fato aborrecida. Queria saber se dariam um tempo ao casamento para ver se haveria a separação definitiva ou se o casamento terminara de fato, como Eric lhe dissera antes de saírem de Nova York.

— Claro que não. Diana, sou trinta anos mais velho do que ela. E isso não é o principal. Eu amo você. Errei, fiz algo inacreditavelmente absurdo. Estava

errado. Admiti isso. Agora, deixe isso morrer, pelo amor de Deus. Vamos deixar tudo isso para trás e ir em frente.

— É fácil para você falar — continuou Diana, a olhá-lo com raiva.

Não conseguia se controlar. Fora traída e rejeitada. Agora sentia ter mil anos de idade e não acreditava mais nele. Não deixava de pensar que era muito mais velha, que podia ser a mãe da moça. Pela primeira vez na vida, sentia-se velha e nada atraente para ele. Desde que estavam ali, Eric tentara fazer amor com ela várias vezes, mas Diana o repelira. Não conseguia. Não sabia se Barbara apareceria novamente.

— Não sei mais o que lhe dizer. Acho que vai levar muito tempo para você acreditar novamente em mim.

Enquanto isso, sabia que precisava ser paciente e pagar por seus pecados, mas não era fácil. Barbara pedia para ele voltar. Abusara da boa fé de sua secretária, que sentiu pena dela. Eric lhe lembrara ser impossível e lhe pediu que não telefonasse mais. Quando desligaram, Barbara chorava — e ele se sentiu um monstro. No entanto, não podia falar isso com a mulher. Ambas o odiavam. Era-lhe uma situação infeliz, mas reconhecia que fora culpa sua.

No exato momento em que Eric e Diana pararam de falar, Gwen entrou na sala, parecendo feliz e calma. Sentiu-se embaraçada ao ver o olhar angustiado no rosto do casal. Era fácil perceber que alguma coisa terrível lhes acontecia, e ela não queria ser intrusa. Desde que chegara a Saint-Tropez, Diana parecia não querer se reconciliar com Eric, embora ambos houvessem compartilhado de muitos momentos agradáveis. Mas a verdade a perseguia, não importava como Saint-Tropez fosse linda; como os jantares, agradáveis; como o lugar, adorável; ele a traía, e nada a faria esquecer. Por isso, na noite em que chegara, dissera a Pascale pensar divorciar-se dele. Não conseguia mais imaginar-se refazendo o casamento ou perdendo-o; com o telefonema, tudo lhe voltara à cabeça, isso a fez lembrar a angústia por que ele a fizera passar.

— Sinto muito, não quis interromper vocês — lamentou Gwen, passando rápido pelo aposento.

Logo depois, Robert passou também e parou para fazer uma pergunta a Eric.

— Vai velejar conosco? — quis saber, sem perceber o olhar atormentado nos rostos de ambos.

Pensou que fosse uma briga conjugal das menores para saber quem iria nadar e quem iria fazer compras. Os Donnaly não haviam lhe falado sobre o problema que os Morrison estavam enfrentando, e Robert o ignorava totalmente.

— Claro — respondeu Eric, rápido, contente por sair da discussão que estava tendo com Diana. — Vou vestir o calção.

— Diana, você também quer vir conosco? — Robert estendeu o convite a ela.

Diana o recusou tão rápido quanto Eric aceitara.

— Pascale e eu vamos ao mercado — respondeu ela, saindo.

Pouco depois, encontrou John; saía do quarto de dormir, novamente, com a maçaneta de bronze do banheiro na mão. Robert lhe fez a mesma pergunta. John respondeu que ficaria mais um pouco na casa, para telefonar ao escritório.

Robert ficou entre surpreso e desapontado, ao ver que Gwen também resolveu ficar em casa. Explicou que tinha dor de cabeça, mas, depois do olhar que vira no rosto de Eric, pensou que os dois homens poderiam precisar de um tempo juntos, sozinhos. Havia algumas cartas que desejava escrever. Robert a beijou antes de sair com Eric, para pegar o barco a vela.

A casa estava muito sossegada, quando Gwen se sentou na sala de estar, escrevendo anotações e cartões-postais. Conseguiu ouvir John falando ao telefone e perceber a fumaça do charuto levada pelo vento, que vinha da cozinha em sua direção. Não se preocupou, adorava os trilados dos passarinhos

no jardim. Apesar das imperfeições e da óbvia decadência, era um lugar calmo, e Gwen se sentia feliz por ter vindo.

John parara de falar por muito tempo. Ao entrar na cozinha para preparar outra xícara de café, Gwen viu o corpo caído sobre a mesa. Ele ainda tinha o fone nas mãos, a linha parecia interrompida, o rosto de borco sobre os papéis. Levou menos de uma fração de segundo para perceber o que acontecia e correu até ele, sacudiu-o e lhe gritou o nome. O mais delicadamente que pôde, fez John se deitar no chão. Ele mal respirava e o pulso estava fraco. Gwen sabia que não havia ninguém em casa para ajudá-la. Não tinha idéia de onde o casal de franceses se metera; todos haviam saído — velejando ou no mercado. Estava sozinha.

— John! John! — gritou ela, novamente.

Sacudiu-o com delicadeza. Viu que a respiração havia parado e o rosto ficara acinzentado. Não tinha idéia do que lhe acontecera. Depois, como que à procura de uma pista, olhou por cima da mesa. Havia uma travessa com pequenas lingüiças cortadinhas. Súbito, Gwen se perguntava se ele se asfixiara ou tivera um ataque cardíaco. A única coisa que pensava fazer era a manobra de Heimlich. Estudara, havia anos, junto com a CPR, a ressuscitação cardiorrespiratória, mas não tinha certeza de se lembrar de muita coisa. Nada poderia fazer com ele deitado de costas no chão, inconsciente. John era um homem de compleição forte e pesado. Ela, no entanto, tirou-o da cadeira onde estava, para ficar no chão. Usou de todas as suas forças.

Gwen limpou com os dedos a boca de John, mas nada encontrou ali, e depois lhe deu três sopros curtos, mas era óbvio que sua respiração estava bloqueada. Era como soprar em um muro. Gwen estava sobre o corpo de John. Utilizando ambas as mãos entrelaçadas, pressionou seu abdome e rezou.

Os lábios de John começaram a ficar azulados, e ali não podia ligar para 911. Gwen continuava a fazer respiração boca a boca e a rezar para que ele não

morresse antes de ser socorrido. Seu desespero foi aumentando mais e mais e, súbito, houve um estalo, ele soltou um horrível som de asfixia; e um pedaço de lingüiça, como uma rolha de champanhe, pulou fora da boca de John e foi cair no chão da cozinha, a quase dois metros de onde Gwen estava ajoelhada por cima dele. Gwen o virou de lado; John logo vomitou, ficou deitado no chão a ofegar, mas ao menos respirava. O pedaço de lingüiça preso na garganta quase o matara. Vários minutos depois, John se virou de costas e ficou a olhá-la.

— Fiquei asfixiado — avisou ele, fraco.

— Sei. Como se sente agora? — Gwen parecia muito preocupada.

— Um pouco tonto — explicou ele, suave. — Fumava um charuto, conversava e comi um desses pedaços de lingüiça. Fiquei entalado e não conseguia emitir um som — acrescentou ele.

Lembrava-se de como se desesperara e ainda parecia apavorado. Tremia e estava pálido.

— Não quer que leve você ao hospital? — ofereceu-se ela.

Gwen limpava os restos do desejo de John, e depois limpou o rosto dele com um pano úmido. Ele a olhava, grato.

— Obrigado, Gwen. Você me salvou a vida.

Era verdade, e ambos sabiam disso. Ele teria morrido em minutos, ou sofrido algum dano permanente no cérebro, caso tivesse demorado mais algum tempo para expelir o pedaço de lingüiça.

— Agora estou bem. Só preciso tomar um pouco de fôlego.

— Tem certeza? Talvez Eric possa dar uma olhada em você, quando voltar do barco.

Gwen pegou o pedaço de lingüiça, talvez do tamanho de um pedaço de rolha de vinho, e o guardou em um pano de prato para mostrar a Eric ou ao hospital, se ele a deixasse levá-lo, o que não permitiria.

Gwen o ajudou a voltar à cadeira e lhe ofereceu um copo de água, que John o bebeu aos golinhos. E, com alívio, Gwen viu que lhe voltara a cor do rosto. Tão assustador quanto acontecera, terminara o perigo.

— Graças a Deus, você estava aqui — esclareceu John, grato. — Por que não aconteceu quando todos estavam aqui?

John parecia normal, embora um tanto perturbado pelo que ocorrera. Ficara abalado, sufocado e, depois, perdera a consciência. Tivera certeza de que estava morrendo, no momento em que Gwen o encontrara.

— Pensei que talvez Eric quisesse falar a sós com Robert, e Pascale e Diana também não pareceram querer que eu fosse com elas.

— Isso vai acabar — animou ele, afagando-lhe a mão. — Anne foi a melhor amiga delas. É duro ver Robert com outra pessoa, mas a sorte dele é ter você — acrescentou ele, honesto. — Todos temos sorte. Dê-nos uma oportunidade, Gwen, vamos chegar lá.

John fora agradável com ela, desde o início, e Eric mudara o comportamento. Mas as mulheres eram um pouco mais resistentes. O dia passado no *Talitha G* ajudara, no entanto elas ainda se mantinham distantes de Gwen, ao contrário de Robert, que já sabia o quanto ela era boa e o quanto gostava dela.

Gwen e John ainda estavam sentados na cozinha, conversando, quando, duas horas depois, Robert e Eric voltaram. Pouco depois, John tomara banho de chuveiro, trocara a camisa e voltara para sentar-se com Gwen. Conversaram sobre a vida, os amigos, as perdas e Robert. John julgava o mundo por ele e queria apenas o melhor para ele, como todos.

— Você perdeu — avisou John, risonho, enquanto os amigos entravam na sala.

Gwen percebera que ele não havia acendido um charuto desde que voltara a si, ainda se sentia um tanto abalado e se sentia aliviado por ver Eric.

— Tentei me suicidar com um pedaço de carne de porco. É assim que se faz aqui. Mas, como acontece com todos neste país, não deu certo. Na verdade, Gwen salvou minha vida.

— Como é que foi? — Robert riu, ao ouvir isso.

Não tinha idéia do que John falava. Eric pareceu imediatamente sério. Contara a Robert o que acontecia a ele e Diana. Por isso, Gwen não fora velejar com eles, para que pudessem conversar à vontade. Era obviamente o destino que a fizera não ir com eles. Se tivesse ido, ao voltarem, teriam encontrado John na cozinha, morto.

— Estou falando sério — acrescentou John, parecendo agradecido a Gwen.

Contou-lhes o que ocorrera. Os dois amigos pareciam impressionados com o que quase tinha acontecido.

— Guardei a lingüiça para lhes mostrar — informou Gwen, tranqüila.

Estendeu a Eric o pano de prato, para que visse.

Eric ficou horrorizado. Depois, deu-o de volta a John.

— Tem o tamanho certo para fechar a traquéia e matar você.

Olhou para Gwen e lhe agradeceu a presença de espírito e persistência.

— Da próxima vez, que tal comer pedaços menores? — perguntou Eric a John.

Foi apanhar o estetoscópio que trouxera. A pressão sangüínea e cardíaca de John pareciam bem; para prová-lo, acendeu um charuto. Foi quando Pascale e Diana voltavam do mercado. Ao ver Eric e John, Pascale pareceu confusa com o que acontecia na cozinha.

— Que passatempo andaram fazendo? — resmungou ela.

— Gwen se ofereceu para tirar a parte de cima do maiô. Eric estava verificando o efeito que isso teria em mim — informou John, com um largo sorriso.

Gwen não concordava. Pascale balançava a cabeça, desaprovando.

— Muito interessante — atalhou Pascale, pondo no chão as cestas.

Ao perceber que todos tinham a cara séria, perguntou:

— Aconteceu alguma coisa séria?

— John ficou sufocado com um pedaço de lingüiça — cortou Eric, simples. — E a merda quase o matou. Gwen fez nele a manobra de Heimlich e o salvou. É tudo em resumo.

Eric completou para impressionar Pascale com a seriedade do caso e o ato de heroísmo de Gwen.

— Quando Gwen o encontrou, John estava inconsciente.

— *Mon Dieu*, mas como foi que isso aconteceu? — Pascale parecia aterrorizada.

Olhava John, olhava grata para Gwen e abraçou o marido.

— Está bem? O que estava fazendo?

— Falando, fumando e comendo. Gwen é ótima. Sem ela, eu estaria em um mato sem cachorro.

Pascale podia ver nos olhos do marido, apesar da confusão, que ele estivera realmente apavorado. Sentia vontade de abraçar Gwen apertado.

— Obrigada... Não sei o que dizer... obrigada.

Quando Gwen a abraçou também, Pascale se sentia muito emocionada. Ela estava feliz, ali. Eles estavam felizes.

— Quando é o almoço? — atalhou John, com um largo sorriso.

Pascale revirava os olhos e gemia.

— Comprei *boudin noir*, mas nada de embutidos para você. Vou lhe dar comida de bebê até que aprenda a comer corretamente.

John não discordou da mulher, abraçou-a e beijou-a. Foi como se lhe tivessem concedido a dádiva da vida, inesperada e talvez imerecidamente. No entanto, agradecia por isso.

Nesse dia, no almoço, o grupo estava animado. Todos, com boa disposição, mesmo Eric e Diana. Era como se a mão do destino houvesse salvado a todos de outra desgraça. John parecia particularmente feliz. Depois de tudo, ele e Pascale subiram ao quarto para uma sesta. Eric pediu a Diana que fosse passear com ele, o que deixou Robert e Gwen à vontade. Foram andar do lado de fora da casa e ficaram no pequeno cais, apanhando sol. Gwen lhe contou tudo que acontecera com John; Robert gesticulava, ouvindo; lembrava-se da noite em que encontrara Anne, revivendo o pesadelo por que passara, sem nada falar a Gwen.

— John teve uma tremenda sorte que você o tenha encontrado.

— Também acho — acrescentou ela, terna.

Gwen ainda estava um pouco apavorada com tudo o que acontecera. Robert a olhou com assombrosa ternura.

— Estou feliz que você o tenha encontrado, Gwen. Não estou certo de estar preparado para você ou de merecê-la. Mas tenho por você sentimentos muito fortes.

Era uma maneira tímida de lhe dizer que estava apaixonado por ela, mas Gwen também estava apaixonada por ele. E esse mês, juntos, no sul da França, com os amigos dele, aproximava-os ainda mais.

— A vida é estranha, não? Nunca me ocorreu que perderia Anne. Sempre pensei que eu morreria primeiro. Nunca pensei que haveria alguém mais em minha vida. Eric estava me contando hoje algumas coisas muito perturbadoras sobre ele e Diana. Exatamente quando você pensa ter uma coisa certa nas mãos, ela se desintegra. E precisa começar do início. Então, quando pensa que a vida terminou, ela começa novamente, e vou conseguir outra chance. Talvez seja isso que faz a vida valer a pena ser vivida.

— Nunca pensei em outra vez encontrar alguém tão importante para mim — concordou Gwen. — Pensei que tinha cometido muitos erros e esgotado

todos os meus bilhetes. Mas talvez não — balbuciou ela, olhando-o.

Ficaram sentados por longo tempo, juntos, olhando a água. Ambos contemplavam o passado e o futuro.

— Eu te amo, Gwen — declarou Robert, virando-se para vê-la. — Não posso acreditar que eu seja a pessoa certa para você. Sou bem mais velho, nossas vidas são muito diferentes. Mas, quem sabe, talvez seja esta a melhor coisa que já aconteceu a nós dois.

Robert sorriu tranquilo, enquanto a abraçava.

— Vamos ver o que acontece.

— Também te amo — sussurrou ela, olhando-o.

Robert a beijou. O sol luzia brilhante por cima de Saint-Tropez.

Capítulo 11

Desde que Gwen salvou John do engasgo, parece que o comportamento de todos mudou sutilmente em relação a ela. Não foi imediato nem patente, foi mais gradual, mas palpável, pois todos se esforçavam um pouco. Na vez seguinte, quando Pascale e Diana foram ao mercado, perguntaram se ela não desejava ir também. A princípio, falaram cautelosas, depois começaram a se abrir e conversar mais à vontade com ela. Gwen carregava compras com elas, preparava o desjejum para todos e, à noite, limpava a cozinha para Pascale. Uma noite, quando Pascale ficou doente, Gwen preparou o jantar para todos e lhe fez um caldo de galinha. Ela comera mariscos estragados no porto e se sentiu muitíssimo mal. Quando se levantou da cama, sentia-se enjoada por muitos dias.

Sentia-se tão doente que Eric temia que ela pudesse ter contraído salmonela ou hepatite, O amigo queria chamar um médico da cidade e fazer-lhe um exame de sangue, mas Pascale insistia estar bem, e ficou de cama por vários dias.

Lá pelo fim da primeira semana de Gwen ali, Diana falou abertamente, na frente dela, sobre o recente romance de Eric. A princípio, Gwen ficou calada; depois, não conseguiu controlar-se mais.

— Não tenho o direito de lhe falar sobre isso, Diana. Não sei o que você deveria fazer. Mas, quando éramos casados, meu marido teve um romance. No

dia em que descobri, expulsei-o. Gritei com ele, bati a porta. Nunca mais falei com ele. Pedi o divórcio. Estivemos casados durante nove anos, e penso que, de certa forma, forcei-o a se casar com a mulher com quem tivera o romance. Não tenho certeza se teria casado, se eu não o tivesse expulsado. Não sei o que aconteceu depois disso ou por que me traiu. Nunca lhe telefonei nem o vi. Mas, seis meses depois de se casar com a mulher, suicidou-se. Depois, ela me disse que ele sempre estivera apaixonado por mim. E a coisa idiota, a parte realmente perversa e apavorante, é que eu ainda era apaixonada por ele. Não digo que Eric faria qualquer coisa do gênero, mas digo que destruí meu casamento, joguei-o fora. Na época, pensei que nunca poderia perdoá-lo, porque ela era a minha melhor amiga. Mas tenho certeza de ter cometido um erro terrível e me arrependi. Seja mais inteligente do que fui — finalizou, com lágrimas nos olhos.

Diana ouvia, atenta, emocionada, o que Gwen lhe contara.

— Tudo bem que você tenha ficado magoada e irritada, mas não jogue tudo para o alto.

Diana assentiu, enquanto enxugava os pratos. Quando Eric entrou na sala, ela saiu. Era uma história terrível, mas havia uma lição a tirar, não sobre suicídio, mas sobre alguém que ama e perdoa; e não para prejudicar-se por orgulho.

Nesse noite, Gwen contou a Robert sobre a conversa com Diana.

— Que bom. Venho tentando fazer com que Eric se sinta animado. Ele se sente bastante triste, e acho que Diana está muito zangada com ele, o que é compreensível. Se puderem acabar com tudo isto e se amar apesar de tudo, talvez cheguem a uma conclusão no fim. Eric não tem certeza de que Diana quer se separar.

Gwen também não tinha certeza de tudo o que Diana lhe contara.

No dia seguinte, Gwen preparava o desjejum para todos, pois Pascale, por causa da comida estragada, ainda se sentia fraca demais para sair da cama. Quando John entrou na cozinha, parecia preocupado.

— Não estou gostando da aparência dela — atalhou ele a Eric, tranqüilo, no fim do desjejum. — Pascale não quer admitir, mas está bem doente. Acho que deveria procurar um médico aqui em Saint-Tropez para fazer alguns exames.

— Vou dar uma olhada nela, depois do desjejum — ofereceu-se Eric.

John lhe agradeceu. Depois de comerem a rabanada preparada por Gwen, Eric subiu ao andar superior. Pascale lhe afirmou ser isto uma associação de problemas. Ela e o marido tinham a mesma opinião. O que ela dizia parecia razoável, e John desceu as escadas, mais tranqüilo.

— Sente-se mal, e levará algum tempo até tudo passar. Tudo porque comeu comida estragada.

Mas isso não o convencera e, mais uma vez, insistira para que ela fosse ao médico. Pascale respondeu que detestava os médicos da França.

— E você também — lembrou-o.

Ao vê-la, John a achou esverdeada.

Quando todos — inclusive Pascale — foram almoçar, disse sentir-se melhor. Robert e Gwen falavam em prolongar a estada por mais uma semana.

— Viva! — gritou Diana.

Logo pareceu ficar sem graça. Ela e Gwen se olharam, amigas. Bem aos poucos, todos descobriram que Gwen não era apenas decente, mas uma pessoa encantadora. Sentiam-se, agora, menos preocupados com Robert. Ela começava a recuperar a crença deles em relação ao seu *Julgamento Final*, e John estava feliz com isso.

Nessa tarde, John falou a Pascale:

— Veja a vida que ele poderia ter com ela. É notável. Uma estrela de cinema? Na idade dele, isso proporciona muito estímulo à vida.

— Robert não precisa disso — respondeu Pascale, cautelosa.

Pascale se sentia grata pelo que Gwen fizera por John, quando o marido ficara sufocado. Mas queria ter certeza de que, se levasse isso a sério, Robert não estaria cometendo um erro. Somente o tempo poderia dizer alguma coisa.

— Robert precisa de alguém estável, uma companhia, uma boa amiga.

— Ela é isso tudo. Veja: nesta casa, cozinhou e limpou mais que Diana ou você. É agradável a todos nós, agüentou toda a merda de vocês no início, e tirou de letra. E o mais importante de tudo é que acho que ela o ama. E ele a ama.

— Você acha que ele vai se casar com ela? — Pascale ainda parecia preocupada.

— Na nossa idade, quem precisa se casar? Ele não vai ter filhos. Só precisam de diversão juntos. É tudo o que eles querem.

— Está bem — atalhou ela, parecendo aliviada.

— E você? Vai ser razoável? Vai ao médico? Você deve ter contraído alguma bactéria séria. Talvez precise tomar antibiótico.

— Só preciso dormir.

Sentia-se tão cansada que mal se levantava da cama; passava a manhã inteira esperando o entardecer para poder tirar uma soneca.

Ainda dormia às cinco horas da tarde, quando Eric, Robert e Gwen voltaram de um passeio no barco a vela.

No jardim, Diana lia, recostada em uma espreguiçadeira. John fora ao hotel mais próximo para mandar um fax a Nova York.

— Como foram de passeio? — perguntou Diana, com sorriso de enfado, a olhar para Eric.

Passara a tarde inteira pensando nele e em algumas das coisas que Gwen dissera. Ainda estava irritada com ele, mas conseguia imaginar a possibilidade de, um dia, a sua mágoa e desapontamento diminuírem. Estivera pensando em algumas das coisas que ambos fizeram ao longo dos anos, as coisas de que gostava nele; embora o odiasse pelo que havia feito, podia quase entendê-lo. Talvez fosse o último alento de sua juventude. Não estava totalmente certa de poder censurá-lo por isso. Quando Eric a olhou, hesitou por um instante. Pela primeira vez, vira algo diferente em seus olhos.

— Foi agradável — respondeu ele, passando por ela.

Diana mexeu as pernas na espriguiçadeira. Eric parou e depois se sentou ao seu lado.

— Senti sua falta hoje — continuou ele, hesitante.

Os outros haviam entrado em casa.

— Pensei em você a tarde toda, enquanto velejávamos.

— Eu também — atalhou ela, sem acrescentar mais nada.

Eric sentia que um pouco do gelo que havia no coração de Diana se derreteria.

— Quero realmente resolver isso. Sei que estava errado. E não posso esperar que você acredite em mim ou que novamente confie em mim. Mas gostaria de pensar que, com o tempo, vai ter confiança.

— Também gostaria de pensar assim — respondeu ela, honesta.

Os amigos haviam conversado com ambos, mas o que Gwen lhe dissera a tocara demais. Suas palavras haviam pesado muito na dor causada pelos próprios erros. Era óbvio que, desde então, Gwen havia carregado o fardo da culpa.

— Vamos ver — foi tudo o que, nesse momento, Diana conseguiu prometer-lhe.

Mais tarde, quando voltaram ao quarto, Diana parecia mais leve. Todas as vezes que Eric lhe dizia algo divertido, ela ria.

— Quer sair hoje à noite para jantar? — perguntou-lhe o marido.

Diana pensou por um minuto e depois concordou.

— O que todos vão querer fazer?

— Para variar, vamos apenas nós dois. Eles podem se arranjar.

Eric estava muito contente por conseguir novamente falar com Diana. As marés haviam mudado.

Pascale resolveu ficar na cama e dormir. John recebera um pacote de documentos do seu escritório e queria dar uma olhada neles. Robert e Gwen haviam resolvido caminhar por Saint-Tropez e comer alguma coisa no porto.

Estavam sentados no Gorilla Bar tarde da noite, conversando e rindo, quando Robert olhou Gwen e lhe pegou a mão. Sem maiores explicações, convidou:

— Vamos, vamos para casa.

— Está cansado?

Gwen se sobressaltou com a inesperada vontade de voltar, mas Robert parecia feliz e muito animado. Pagaram a conta e foram para a *villa*, no Deux Chevaux dela.

Quando chegaram lá, a casa se encontrava quieta. Eric e Diana ainda estavam fora; as luzes do quarto de John e Pascale, apagadas, pois haviam ido para a cama. Gwen e Robert cochichavam como adolescentes ao subir as escadas.

— Boa noite — disse ela, baixinho.

Robert a beijou. Mas hesitou longo tempo antes de a deixar. Ao olhá-la, parecia uma criança.

— Eu estava me perguntando se... pensei que talvez... quer dormir em meu quarto, esta noite, Gwen? — quis ele saber, calmo, ruborizando no escuro.

— Gostaria.

Até agora, ambos se comportavam com muito cuidado; não sentiam compulsão para ir muito além disso. Mas, súbito, tudo mudou. Robert sabia que ambos estavam prontos e que, nos últimos dias, sentira-se estranhamente apaziguado com Anne. Na noite anterior, sonhara com ela. Ria, sorria, acenava-lhe e o beijava, despedindo-se dele. Robert não sabia aonde ela ia. Ao despertar, chorava, mas eram lágrimas de conforto e não de dor. De alguma forma, tinha certeza de que ela estava bem. E contara o sonho a Gwen.

Robert acendeu uma luzinha no quarto. Gwen entrou atrás dele, devagar, e viu uma foto de Anne, na mesa-de-cabeceira. Por um instante, sentiu-se comovida. Era muito triste pensar que Robert tivera uma companheira tão amorosa, por tanto tempo, e que, agora, estava sozinho. Ele, porém, tinha netos e lembranças da vida em comum. E, presentemente, tinha Gwen. Era o bastante.

Robert ficou olhando Gwen durante um longo momento, como se estivesse saboreando o que partilhariam e, meigamente, estendeu-lhe a mão. Gwen deu dois passos até junto dele e o abraçou. Queria tirar-lhe toda a dor que sentira e lhe aliviar a perda.

— Eu te amo, Robert — sussurrou ela —, tudo vai dar certo.

Robert concordava. Quando a beijou, lágrimas lhe escorriam dos olhos — lágrimas de adeus a Anne e de amor a Gwen. Depois, devagar, a paixão os envolveu, os beijos pareciam devorá-los e, momentos depois, estavam deitados na cama. Ele já sabia, quando a vira de biquíni, que o corpo de Gwen era muito bem-feito, mas, nesse momento, apenas desejava ardentemente o coração de Gwen.

Depois, ficaram nos braços um do outro, saciados, sonolentos e contentes. Robert a puxou para perto. Gwen sorriu.

— Você me faz tão feliz — afirmou ela.

Ele a puxou para mais perto. Por um momento, sentiu-se incapaz de falar. Gwen era uma das maiores dádivas de sua vida.

Capítulo 12

Na manhã seguinte, quando Gwen e Robert saíram do quarto e desceram para o desjejum, encontraram-se com Diana, que pareceu preocupada. Entrara no quarto para ver Pascale, que ainda estava muito doente. John já lhe marcara consulta com um médico da cidade. Não queria mais ouvi-la insistir em que tudo estava bem. Era claro que não.

— O que pensa que é? — perguntou Gwen a Eric, no desjejum.

Nesse dia, Diana fizera ovos mexidos para todos.

— Não tenho certeza. Deve ter apanhado alguma infecção grave por bactéria. Precisa de antibiótico antes de um alarme ao hospital. De qualquer forma, podem interná-la por alguns dias. Está desidratando de tanto vomitar.

Mas, ao contrário de John, Eric não parecia tão preocupado.

Após o desjejum, Robert e Gwen foram à cidade pôr algumas cartas no correio. Diana se voltou para o marido, com sorriso malicioso.

— Sabe quem eu vi, hoje de manhã, saindo do quarto de Robert, com um sorriso no rosto?

Eric pareceu se divertir com a pergunta e brincou.

— Vamos ver... hum... Agathe?

— Sim, claro.

Na noite anterior, Diana e Eric haviam chegado tarde em casa. Tiveram uma noite deliciosa, um jantar excelente e ainda foram dançar. Fora o primeiro

passo de volta do pesadelo por que ambos tinham passado nos últimos dois meses. Ainda tinham uma longa viagem a cumprir, porque, finalmente, haviam recomeçado.

— Não, era Gwen — acrescentou Diane, exultante, como se tivesse aprovado tudo desde o início.

— Isso é muito mau. De certa forma, esperei que fosse Agathe. Seria bem mais divertido ver as roupas que levaria com ela a Nova York. Que bom que estejam felizes — acrescentou Eric, parecendo novamente sério. — Ambos merecem.

Como os outros no grupo, ele viera a gostar dela, pois Robert nunca parecera tão bem. Foram sete meses desde que Anne falecera, um tempo longo e triste para ele. E ele positivamente voltara mais rápido à vida, mas Eric sabia que isso não poderia ser avaliado. E o que estivesse certo para Robert era aceitável para ele, Eric.

— Gwen é uma mulher encantadora. E ele, um ótimo homem.

— Imagino o que os filhos dele devem achar disso — Diana atalhou, pensativa.

Eric deu de ombros.

— Ele é adulto, tem o direito de fazer o que quiser.

— Os filhos dele podem não concordar com isso.

— Então, é melhor eles se acostumarem. Ele tem direito à vida. Anne iria querer isso para ele.

Diana concordava. Sabia que era tudo verdade. Anne seria realista e sensível com um deslize.

— Só porque está com Gwen não quer dizer que tenha esquecido Anne. Os filhos precisam entender isso.

Diana novamente concordou. John entrava na sala. Ele e Eric haviam conversado sobre o assunto. John, que iria levar Pascale ao médico, informou

que estariam de volta a tempo de almoçar. Eric desejava que um médico local a visse e fizesse uma bateria de exames.

— Querem que eu vá com vocês? — ofereceu-se Diana.

John respondeu que não precisava, pois estariam muito bem. Ou pelo menos ele esperava que Pascale estivesse muito bem, após lhe dar um medicamento. Eric e Diana, calmos, viam que, não importa o quanto se sentisse fraca, na verdade não parecia de todo mal. Era obviamente apenas uma bactéria. Embora John sentisse um terror inexprimível de que pudesse ser algo pior, queria que o médico lhe fizesse um rigoroso exame. No entanto, viajariam de volta na próxima semana, e o remédio não teria efeito algum até lá. Não tinha muita confiança nos médicos franceses, nem em nada na França.

A caminho do consultório, John fez com que Pascale odiasse tudo o que fosse francês. Quando chegaram lá, Pascale queria estrangular o médico. Enquanto o esperavam, Pascale vomitou novamente e começou a chorar, o que deixou John muito preocupado.

— Sinto-me tão mal — justificou-se, pesarosa. — Estive doente por uma semana.

— Sei, mocinha. Vai tomar um remédio e ficar boa.

Sentados à espera, John ainda pensava em levá-la de volta para Nova York.

Por fim, fizeram-na entrar na sala, verificaram-lhe os sinais vitais, examinaram-lhe os olhos e a língua. Mediram-lhe a pressão sanguínea e pesaram-na. Uma enfermeira, com uniforme branco, esfarrapado, e sandálias, anotou tudo. As enfermeiras na França não eram tão cuidadosas como em Nova York. Pascale estava acostumada a isso e não se preocupou tanto quanto John.

Quando o médico a viu finalmente, fez-lhe longa lista de perguntas, vários movimentos de cabeça, anotou alguns pormenores e lhe tirou sangue. Por fim,

falou a Pascale que lhe telefonaria. Disse-lhe que só lhe daria qualquer remédio após ver os resultados dos exames.

— O que foi que ele falou? — perguntou John, preocupado, ao saírem da sala.

Pascale ficara lá por mais de uma hora, e John se preocupara com o que ela poderia ter.

— Não falou muita coisa — respondeu ela, honesta. — Disse que me telefonaria quando tivesse os resultados.

— Resultados de quê? — John parecia tomado de pânico.

— Tirou sangue.

— Só? Só isso? Que tipo de idiota ele é? Eric disse que o médico deveria lhe dar antibiótico. Quero falar com ele.

John estava pronto a atacar a enfermeira na escrivaninha, mas Pascale insistiu em que fosse para casa.

Ele não vai me dar nada enquanto não tiver os resultados. É o correto. Pensou que talvez fosse salmonela. Pode ser que eu tenha de voltar e fazer novos exames de sangue, conforme o que ele encontrar.

— Pelo amor de Deus, Pascale. Este país é de terceiro mundo.

— Não, não é — ameaçou ela, parecendo insultada. — É o meu país. Pode insultar minha mãe, se quiser, mas não a França. *Ça, c'est trop!*

Era demais! Mas foi reclamando em voz alta, todo o caminho de volta para o carro. E, ao chegarem à *villa*, John falou a Eric que achara o médico um idiota.

— Por que você não lhe receita alguma coisa? — John o olhava com olhos pidões.

Eric, no entanto, balançou a cabeça, negando.

— Meu receituário, aqui na França, de nada vale. E, para ser honesto com você, John, ele está certo. Eu também não daria nada a ela até saber o que ela

tem. Não vai demorar.

— O diabo que não vai. Estamos na França.

No dia seguinte, a enfermeira lhe telefonou. O médico queria vê-la naquela tarde. John quis ir com ela, mas Pascale disse que estava bem. Na verdade, sentia-se melhor do que no dia anterior. Gwen foi com ela, queria dar alguns passeios pela cidade, e as duas foram no Deux Chevaux. Chegaram a casa quase na hora do jantar. John estava muito preocupado, mas tanto Gwen quanto Pascale pareciam felizes, e disseram ter ido fazer compras depois da consulta ao médico, o que não havia demorado.

— Você ao menos podia ter telefonado! — reclamou John a Pascale.

Perguntou o que o médico havia dito. Pascale não deu muitas explicações. Respondeu que estava bem.

— Desta vez, ele lhe deu antibiótico?

John parecia mais furioso. Ficara realmente preocupado com ela a tarde inteira. Pascale chegou à conclusão de que deveria ter telefonado. Mas se divertira muito com Gwen e achara que John estaria ocupado com os amigos. Estivera a tarde toda sentado em casa, à sua espera.

— O médico disse que não preciso de antibiótico. Vou me curar sozinha — avisou Pascale, simplesmente.

Estava ansiosa por mostrar a Diana o que ela e Gwen haviam comprado. Haviam encontrado uma nova loja de roupas, e quase compraram tudo o que havia lá.

— Esse médico é um completo idiota — gritou John, em fúria total.

Um minuto depois, subiu as escadas. Pascale o seguiu. Sabia que ele se preocupara com ela.

Ficaram no quarto por longo tempo, falando. Nessa noite desceram tarde para jantar. Gwen já dissera que iria preparar o jantar para todos, e, na verdade, cozinhou melhor que Pascale. Conseguira mesmo pedir a Agathe para que a

ajudasse; preparou um delicioso suflê de queijo e um *gigot*, uma perna de carneiro, cozido à moda francesa, enquanto os cães de Agathe saltitavam ao redor e latiam. Quando John e Pascale desceram para o jantar, ele, mais descontraído que antes, estava surpreendentemente amoroso com Pascale. Em verdade, após a quarta taça de vinho, admitira que ele de fato gostava da França.

— Posso gravar o que falou? — provocou-o Robert. — Vamos mandar datilografar, para que ele assine a declaração. E que tal a mãe de Pascale? Também gosta dela?

— Claro que não. Estou bêbado, mas não sou maluco.

Todos riram. Robert se recostou, fumando o charuto e segurando a mão de Pascale. Parecia melhor que antes. Todos estavam à vontade, e a noite foi agradável. Eric e Diana, de bem com a vida. Robert e Gwen, muito apaixonados. O grupo era de pessoas ótimas e amigos leais. Parecia que todos haviam aceitado entre eles o novo rosto. Após quase duas semanas, finalmente admitiram Gwen. Mais que isso, gostaram dela.

No fim da noite, todos falavam em novamente alugar Coup de Foudre no ano seguinte.

— Da próxima vez, vou trazer de Nova York acessórios e peças de bombeiro — acrescentou John, sério.

Desde a chegada, lutara todos os dias com o banheiro. Depois de ouvir a queixa, Pascale disse que precisava fazer alguma coisa.

— Foram três semanas excelentes — concordavam todos.

Haviam finalmente ficado descontraídos e pareciam estar no caminho certo. Robert e Gwen, com o romance florescendo; Eric e Diana, com o casamento em bom estado; e John ficara sufocado com um pedaço de lingüiça, mas sobrevivera. Não havia acasos, nem perdas, nem ninguém errando. Era definitivamente um sucesso.

Para todos, a última semana correu rápida. Nadaram, velejaram, conversaram, dormiram. Pascale ainda convivia com a bactéria no estômago, mas parecia melhor. John parecia menos preocupado com isso. Nos últimos dias, só pensavam quão odioso seria voltar para casa.

Na última noite, cozinham lagostas. Duas delas pularam fora da panela e morderam os cães de Agathe. Ela saiu correndo da cozinha dando berros estridentes, segurando todos eles debaixo dos braços. Gwen se oferecera para preparar o jantar, como sempre, enquanto todos ajudavam a arrumar. Nessa noite, jantaram no jardim, na única mesa decente que haviam recuperado ao chegarem ali. Diana pôs a toalha de mesa que comprara para levar para casa. Pascale arrumou as flores sobre a mesa. Ao se sentarem, serviu o champanhe. O jantar, preparado por Gwen, estava primoroso e delicioso. Saborearam cada momento, enquanto o sol se punha devagar. John acendeu um charuto. Robert serviu um Château d'Yquem. John quase desmaiou ao bebê-lo, sabendo o quanto havia custado.

— É um pecado beber este vinho tão caro — avisou ele, adorando cada gole.

Era como ouro derretido.

— Pensei que tínhamos dividido por três o preço da garrafa — Robert provocou.

Comprara-a para todos os amigos. Sabia que Gwen adorava Château d'Yquem. Para mimá-la, não se preocupava com a despesa. Fora ótima e, depois que Pascale adoeceu, cozinhou quase sempre, além de fazer amizade com todos.

— Odeio ter de voltar — admitiu Diana.

Gwen falou do filme que ia começar a fazer em Los Angeles. Ficaria lá durante quatro meses. Talvez até o Natal, mas Robert já havia dito que iria encontrar-se com ela todos os fins de semana. Ela tentaria ir a Nova York

sempre que pudesse. Na próxima semana, ensaiaria, e já haviam ajustado o horário dos ensaios para ela, para que pudesse passar esse último fim de semana em Saint-Tropez, com Robert.

— Será ótimo ver meus filhos — admitiu Diana.

Na verdade, não sentira falta deles o mês inteiro, pois estivera muito ocupada tentando refazer sua vida com Eric. Pelo menos para todos, parecia que haviam conseguido.

— Mal consigo esperar para ver o meu — atalhou Pascale, informal.

Todos empalideceram, imaginando que estava bêbada.

— Você não tem filho — acrescentou Eric, com expressão divertida. — Mas a qualquer tempo pode ter.

— Tenho o meu, sim, muito obrigada — acrescentou Pascale, também com expressão divertida.

— A bactéria do seu estômago foi para o cérebro — riu Eric, ao lhe servir mais Yquem.

Pascale sorriu a John, muito gaulesa.

— Vamos ter um bebê — respondeu ela, meiga. — É a “bactéria do meu estômago”. O médico me disse naquele dia, quando fui lá com Gwen. Mas John e eu queríamos esperar e fazer uma surpresa, nesta última noite aqui.

Todos se entreolharam, estupefatos. Pascale sorria, exultante.

— Terei 48 anos quando a criança nascer, e não me preocupo me parecer a avó dela. É o nosso pequeno milagre. Aconteceu, finalmente. Nunca me senti tão feliz na minha vida.

Todos sabiam como Pascale e John tentaram ter filhos, e o que isso significava para ela. Diana sentiu lágrimas nos olhos.

— Oh, Pascale... — apressou-se Diana, ao redor da mesa para abraçar e beijá-la.

Robert e Eric fizeram o mesmo. Depois, Gwen a abraçou e lhe disse estar muito feliz por ela. Acrescentou que a gravidez lhe passara pela cabeça, mas que não quis perguntar para não ser grosseira.

Brindaram-lhe com Château d'Yquem e, depois, serviram mais champanhe, mas Pascale preferiu Yquem. John, orgulhoso, deu charutos a todos. Pascale não quis saber de fumar charutos; sabia que fumar um charuto, agora, era empurrá-la para a beira do abismo.

— Bem, não quero roubar a história de Pascale — atalhou Diana, olhando para Eric.

— Também está grávida? — John parecia atordado.

Todos riram.

— Não, continuamos casados. Coup de Foudre foi bom para nós.

Amor à Primeira Vista. Nome perfeito para essa villa desmantelada e para as coisas que haviam acontecido ali, nesse último mês.

— Ao que nos diz respeito, são as melhores notícias. — Eric segurou a mão de Diana, e todos aplaudiram.

— Que notícias ótimas! — berrou Robert, entusiasmado.

Gwen parecia satisfeita. Diana já lhe dissera que fora parte essencial nisso tudo.

— Isso nos permite alguma coisa — acrescentou Robert. — Já que todos anunciam... Temos algumas novidades que queremos partilhar com vocês... Vamos nos casar na primavera que vem, se até lá Gwen não estiver cheia de mim ou resolvida que não pode agüentar todos nós. Vocês deram muito trabalho a ela, ela precisou salvar o casamento de Eric e Diana, a vida de John... e a minha. Vai ganhar outro Oscar por todo esse trabalho.

Havia provocação no que Robert falava, mas também havia alguma verdade.

— Então, ela não tem de fazer o parto do bebê de Pascale. A propósito, para quando é?

— Março, acho. Ainda estou um tanto confusa com tudo isso.

— Vamos nos casar em maio ou junho, depois que Gwen terminar o filme que vai fazer na próxima primavera, com Tom Cruise e Brad Pitt. Se ela não fugir com um deles, vai se casar comigo.

— Não há perigo — replicou ela, sorrindo, tímida.

Gwen olhava os novos amigos, sentados ao redor da mesa.

— Vocês foram tão bons comigo... Foi tão maravilhoso estar aqui... E amo muito o Robert... — concluiu ela, com lágrimas nos olhos.

Fora uma noite de emoções, um mês importante. Era o recomeço para os três casais, nova vida para cada um deles e algo de que nunca mais compartilhariam. Gwen agora se sentia como uma deles. Quando Robert a puxou mais para perto e a beijou, todos sorriram, olhando-se, com o pôr-do-sol em uma bola dourada, em Saint-Tropez.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Pôr-do-sol em Saint-Tropez

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/11475ED12778>

Skoob da autora

<http://www.skoob.com.br/autor/311-danielle-steel>

Site da autora

<http://daniellesteel.com/>

Wikipédia da autora

https://pt.wikipedia.org/wiki/Danielle_Steel

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/DanielleSteelOfficial>

Good reads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/14255.Danielle_Steel

Twitter da autora

<https://twitter.com/daniellesteel>

Sumário

Capa

Outras obras da autora publicadas pela Record

Rosto

Créditos

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Colofon

Pôr-do-sol em Saint-Tropez